



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

ANNE GREICE SOARES RIBEIRO MACEDO

***EU, OPERÁRIO DA RUÍNA:
AS INTERSEÇÕES ENTRE ARTE, DOENÇA E
MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS***

Salvador
2005

ANNE GREICE SOARES RIBEIRO MACEDO

***EU, OPERÁRIO DA RUÍNA:*
AS INTERSEÇÕES ENTRE ARTE, DOENÇA E
MORTE EM AUGUSTO DOS ANJOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestra em letras.

Professora Orientadora
Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Salvador
2006

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

M141 Macedo, Anne Greice Soares Ribeiro.
Eu, operário da ruína : as interseções entre arte, doença e morte em Augusto dos Anjos /
Anne Greice Soares Ribeiro Macedo. - 2005.
120 f. : il. + anexo

Orientadora : Profª Dra. Mirella Márcia Longo Vieira Lima.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Anjos, Augusto dos, 1884-1914 - Crítica e interpretação. 2. Eu - Crítica e interpretação.
3. Arte na literatura. 4. Doença. 5. Morte na literatura. 6. Amor - Filosofia. 7. Melancolia na
literatura. I. Lima, Mirella Márcia Longo Vieira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU - 821(81).09
CDD - 869.09

À minha mãe, com quem aprendi as primeiras letras.

AGRADECIMENTOS

A Manoel, pelo amor incondicional.

À família e aos amigos, sempre compreensivos, apesar das tantas ausências.

À Mirella, pela oportunidade do aprendizado.

Às colegas-amigas do mestrado, mãos firmes e corações atentos.

A todas as coisas, pedras do caminho, flores e chuva.

*...Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto.*

Augusto dos Anjos

RESUMO

O trabalho avalia as interseções entre arte, doença e morte na obra de Augusto dos Anjos e, a partir da análise de alguns poemas integrantes do *corpus*, o livro *Eu e Outras Poesias*, articula o trinômio como reflexo de um momento histórico marcado por um sentimento de perda, um mal-estar disseminado entre os intelectuais, uma angústia diante da falência da Civilização Ocidental e dos ideais do Progresso. Contribui para essa visão, a influência de filosofias pessimistas, notadamente a doutrina de Schopenhauer. Tendo assimilado premissas do movimento decadentista, o poeta paraibano também parece preconizar a arte como instrumento de libertação, ainda que provisório, das dores do mundo. A arte procurava acomodar a percepção da existência humana como degradante, miserável e o vislumbre dos paraísos artificiais. Em Augusto dos Anjos, entretanto, apresenta-se, como saída estética, o exagero das imagens de doença e morte. O poeta, desprezando as formas de beleza consagradas, às quais sobrepôs a matéria apodrecida, produziu uma outra estética, uma poética da podridão, reflexo do olhar melancólico lançado sobre o mundo moderno, um mundo de perdas, de transformações brutais. Ele é o operário das ruínas e o seu trabalho é preservar o mundo da ação da história-destino, concebida como desgaste e catástrofe e, ao fazê-lo, salvar a si mesmo.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; Arte; Doença; Morte; Modernidade.

ABSTRACT

This work aims to evaluate the intersections amongst Art, Illness and Death in Augusto dos Anjos's Poetry and, through the analysis of some poems from the *corpus*, the book *Eu e Outras poesias*, it also articulates that threesome as a reflection on a period of the history which was marked by a feeling of loss, and a feeling of discomfort spreading on the intellectuals, an anguish which comes from the failure of the Western Civilization and the ideals of Progress. The influence of pessimistic philosophers, mainly the Schopenhauer's doctrine contributes to that view. Having assimilated assumptions of the decadentist movement, the paraiban poet also seems to preconize Art as an instrument of liberation, even provisional, from the pains of the word. Art then sought to accommodate the perception of the human existence as degrading, miserable and the glimpse of artificial paradises. In Augusto dos Anjos's, however, it shows up as an aesthetic solution, the exaggeration of the images of illness and death. The poet Augusto dos Anjos, despising the established forms of beauty, upon which he had overlaid the putrid matter, has produced another aesthetic, a poetry of putrefaction, a reflection on the melancholic stare at the modern world, a world of losses and cruel transformations. He is the worker of the ruins and his work aims to preserve the world from the action of the history-destiny, conceived as the abrasion and catastrophe and, in doing so, he also aims to save himself.

Key-words: Augusto dos Anjos; Art; Illness; Death; Modernity

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	9
1 A SINGULARIDADE DE <i>EU</i>	14
1.1 OS CONTORNOS BIOGRÁFICOS	14
1.2 NO TEMPO DA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA	29
1.3 A ARTE	44
2 AS CISMAS	57
2.1 UM QUESTIONAMENTO EXISTENCIAL E FILOSÓFICO	57
2.2 A CONCEPÇÃO METAFÍSICA DO AMOR	73
3 MODERNIDADE E MELANCOLIA	84
3.1 NO TURBILHÃO DA HISTÓRIA	84
3.2 O MAL-ESTAR DO INTELLECTUAL	90
3.3 A MELANCOLIA COMO MATÉRIA DE CRIAÇÃO	98
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	122

INTRODUÇÃO

A proposição deste trabalho resulta de algumas reflexões acerca do lugar especial ocupado pela obra de Augusto dos Anjos na cultura brasileira. Em 1912, quando foi publicado *Eu*, único livro do poeta, a cena literária brasileira refletia os anseios de uma intelectualidade que buscava, através da cultura beletrista, afirmar-se como elite cultural. Os modelos clássicos, tão em voga no ambiente parnasiano, prestavam-se a essa finalidade, sendo, portanto, adequados aos interesses políticos e ideológicos da República Velha.

A publicação de *Eu* não proporcionou ao poeta visibilidade nos meios literários, tampouco lhe favoreceu uma melhora financeira. No *Fon Fon*¹, Mário Pederneiras fez-lhe uma menção simpática, publicando-lhe também a foto. Entretanto, a maior parte da crítica lhe depreciou o estilo. O cronista de *O País*, Oscar Lopes, elogiou-lhe a inteligência, observando, contudo, o desperdício de tal capacidade ao se ocupar de assuntos tão grotescos:

O Sr. Augusto dos Anjos, autor de um livro de versos intitulado *Eu*, fez barulho logo à chegada. A muita gente ele parecerá apenas desequilibrado. O título escolhido para as suas poesias é de uma ousadia rara. Algumas das composições são perfeitamente estranhas e caracterizadas por um evidente descaso por tudo quanto constitui a moeda corrente, nas letras da nossa terra. Entretanto, passada a primeira impressão, o leitor verifica que dentro daquelas páginas palpita um espírito original, que tanto verseja - e sempre com um singular poder musical - sobre temas excessivamente bizarros, como entretece lindamente o famoso soneto Vandalismo.²

A poesia de Augusto dos Anjos foi praticamente ignorada, excetuando-se homenagens esparsas. Na imprensa carioca, ressalva-se o artigo de Antonio Torres, *O Poeta da Morte*³ e, na Paraíba, a publicação de *Augusto dos Anjos no trigésimo dia do seu falecimento*⁴, de autoria de José Américo de Almeida. Somente em 1920, por iniciativa de

¹ Importante semanário que circulou no Brasil durante a primeira metade do século XX.

² 09/06/1912.

³ Reproduzido em *Letras e Artes*, suplemento de *A Manhã*, dirigido por Múcio Leão. Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁴ Publicado em *A União*, 12/12/1914. Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Orris Soares, amigo pessoal do poeta, a imprensa oficial do estado da Paraíba reeditou o *Eu*, acrescentando mais alguns poemas esparsos e uma nota introdutória, *Elogio de Augusto dos Anjos*, daí em diante, incluída em todas as edições. Entretanto, a verdade é que a poesia de Augusto dos Anjos permaneceu esquecida até 1928, quando a Livraria Castilho lançou a terceira edição do livro de poemas. Quatorze anos depois da morte do poeta, não foi fácil encontrar os seus herdeiros para os acertos relativos aos direitos autorais. Todavia, vencidos esses pequenos obstáculos, o livro pode ser reeditado e aconteceu o inesperado: sucesso absoluto de vendas, um verdadeiro fenômeno. O *Jornal do Comércio*, em artigo assinado por Medeiros e Albuquerque, assevera que foram vendidos três mil exemplares em quinze dias.

Sandra Erickson⁵, a respeito da questão levantada por Fausto Cunha, em *Augusto dos Anjos salvo pelo povo*⁶, aponta a proliferação de estudos informais sobre o poeta e o sucesso de venda das inúmeras edições das suas poesias como fatos aparentemente contraditórios, quando se coloca a questão da carência de estudos formais e da sua pálida presença no cânone literário nacional. A autora atribui à comunidade leitora, e não à crítica formal, a popularidade de Augusto dos Anjos que, depois de Drummond, é o poeta mais lido e o seu livro, o maior *best seller* da poesia brasileira, vendendo tanto quanto o conjunto da obra de Drummond.

O título do livro já indica certa projeção do homem na poesia, e justifica a incursão biográfica empreendida na realização deste trabalho, cuja proposta inclui o esclarecimento das interseções entre vida e obra, espaços preenchidos pela idéia de doença e morte, num jogo que projeta na persona lírica os conflitos de um eu biográfico, e que parece conferir substância à arte de Augusto dos Anjos.

⁵ ERICKSON, Sandra S. Fernandes. *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2003.

⁶ CUNHA, Fausto. *Augusto dos Anjos salvo pelo povo*. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org). *Textos Críticos*. Brasília: MEC, 1973. 348-353.

As interseções entre arte, doença e morte parecem forçar a interferência de vários discursos na obra do poeta. Assim, não se pode deixar de assinalar o modo como a poesia revela zonas de intenso contato entre filosofia, ciências naturais e estética decadentista. Filtrados por uma sensibilidade aguçada, esses discursos elaboram uma visão de mundo, expressão de uma subjetividade angustiada com os destinos humanos, inevitavelmente dirigidos para a morte, decomposição física e moral que perpassa a doença, entendida como vulnerabilidade da matéria e do espírito.

Ao buscar solução para a crise de valores presente no mundo objetivo, bem como um apaziguamento das tensões interiores, Augusto dos Anjos embriagou-se do cientificismo do século XIX, mergulhando em suas teorias filosóficas e sociológicas, aderiu ao monismo de Haeckel, ao transformismo de Spencer, além das teorias de Darwin, amplamente aceitos nos meios intelectuais da época.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro, subdividido em três partes, procurou estabelecer, inicialmente, as configurações finisseculares, e em que medida o poeta adere à fantasia decadentista. Com esse objetivo, foi traçado um paralelo entre as transformações sociais e econômicas que se operavam no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, e as repercussões dessa dinâmica na trajetória pessoal do poeta. Com base em análises textuais, em incursões biográficas e documentais, buscou-se evidenciar também o modo como o poeta, ainda influenciado por concepções românticas, assimila a doença do mundo, criando uma imagem de si. Ainda no tocante à doença, não se poderia deixar de avaliar a sua figuração na cidade, um lugar insalubre, onde imperam a degeneração e as misérias humanas, representação da falência social e moral, além de prova inequívoca de que o progresso não poderia alcançar a todos. Para apoiar tais reflexões, buscou-se delinear o momento da *Belle Époque* brasileira como uma desastrosa tentativa das elites de encobrir as grandes desigualdades sociais. A atmosfera de luxo e futilidade, impulsionada por uma idéia

fictícia de progresso, impedia que se percebesse o apodrecimento das instituições, da ética, da moral. A arte do poeta paraibano é analisada a partir da investigação do panorama literário em vigor no Brasil do início do século, relacionando esse panorama com a recepção crítica de sua poesia. A partir das observações de Antonio Cândido, no ensaio *Os Primeiros Baudelairianos*⁷, desenvolveu-se uma linha de diálogos com a poética do mestre francês no Brasil, avaliando-se de que maneira se deu essa comunicação e como ela alcançou Augusto dos Anjos.

O segundo capítulo faz uma exposição da doutrina de Schopenhauer, articulando-a, sobretudo, com o poema *As Cismas do Destino* que sintetiza as principais questões poéticas do autor, seu questionamento acerca dos destinos humanos que entra em contato com o pessimismo alemão, na medida em que se desencanta com a Civilização e a percebe como ruína. Sob tal perspectiva, o homem, sempre movido pela vontade, entendida como impulso metafísico ao qual não se pode resistir, é arrastado ao sofrimento, à doença e à morte. Segundo essa ótica, o ser humano é concebido como um brinquedo manipulado por forças perversas. Dirigido pelos instintos, o seu caminho será sempre a decadência. Partindo-se desse pressuposto, pareceu pertinente trazer ao trabalho, *Metafísica do Amor*, a reflexão de Schopenhauer a respeito do sentimento amoroso entendido como ludíbrio, manifestação da vontade de viver, sempre em favor da espécie e em prejuízo do indivíduo. A questão amorosa, em grande parte dos poemas de Augusto dos Anjos, apresenta o amor, sobretudo o carnal, como concupiscência, ação bestial dos instintos, estrada que leva à degradação. De fato, tal noção, a partir de Schopenhauer, entranhou-se na lírica moderna.

O terceiro capítulo retoma a questão das grandes mudanças que se processavam na sociedade brasileira, analisando-as como reflexo de uma transformação da economia capitalista européia, sobretudo desencadeada pela II Revolução Tecnológica, ocorrida por

⁷ CÂNDIDO, Antonio. Os Primeiro Baudelairianos. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

volta dos anos 70 do século XIX, e que acabou inserindo o país numa nova dinâmica de produção. Todas essas alterações provocaram rápidas mudanças na mentalidade nacional, modificando vertiginosamente as estruturas sociais e econômicas sustentadas por velhas tradições. Diante desse assombroso movimento sócio-político, o intelectual deparou-se com uma nova ordem, muito diferente daquela pela qual lutara. A tão sonhada República não promovera as transformações necessárias ao Brasil e nem lhe franqueava espaço para o debate. Perdido em seu próprio tempo, o intelectual não encontrava o seu lugar. À sua volta, a crise de valores era generalizada. A desconfiança e o desencanto pairavam sobre as elites pensantes deste país e o mal-estar alastrava-se. Augusto dos Anjos certamente compartilhava desse desânimo, sentimento da perda irremediável. Entretanto, ele parece tê-la transformado em instrumento da sua criação poética, pois o sentimento melancólico detém o seu olhar diante dos graves dramas da humanidade, e, como observador atônito da realidade circundante, o poeta posiciona-se e oferece a sua resistência. Essa leitura da melancolia afasta-se da concepção patológica estabelecida por Freud, para encontrar em Walter Benjamin uma interpretação mais adequada às construções do poeta paraibano.

1 A SINGULARIDADE DE *EU*

1.1 OS CONTORNOS BIOGRÁFICOS

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no engenho Pau d'Arco, município de Cruz do Espírito Santo, Paraíba, em 20 de abril de 1884 e morreu em Leopoldina, Minas Gerais, em 1914. A sua poesia encena a agonia e os grandes conflitos do século XIX, transparecendo um desencanto e amargura que, de tão intensos, tornam-se chocantes. O questionamento da origem dessa poética da tristeza e da precibilidade instiga o percurso investigativo acerca da sua obra, conduzindo as reflexões sobre as idéias vigentes nos anos de 1800 e que se estenderam até o início do século XX. O poeta parece ter assimilado a experiência da solidão e as marcas da decadência de um mundo em plena transfiguração, cuja única resposta à idéia de progresso é o fracasso .

Nesse sentido, *Eu*, único livro de Augusto dos Anjos, pode ser entendido como um indício desse sentimento de perda e abandono que, diante da impossibilidade de expressão sintonizada com a poética clássica, desce ao chão humano, que inclui a morte. Os heróis, representantes de uma razão triunfante, pereceram, resta o isolamento que, em alguma medida, é também a solidão de uma cultura periférica deixada em desamparo pela Civilização que fracassou. Em *A Ilha de Cipango*, essa idéia é evidenciada pela recorrência de imagens agônicas:

...Estou sozinho! A estrada se desdobra
Como uma imensa e rutilante cobra
De epiderme finíssima de areia...
E por essa finíssima epiderme

Eis-me passeando como um grande verme
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!...

...Tenho alucinações de toda a sorte...
Impressionado sem cessar com a Morte...

...Soa o rumor fatídico dos ventos,
Anunciando desmoronamentos
De mil lajedos sobre mil lajedos...
E ao longe soam trágicos fracassos
De heróis, partindo e fraturando os braços
Nas pontas escarpadas dos rochedos!..

Mas de repente, num enleio doce,
Qual se num sonho arrebatado fosse,
Na ilha encantada de Cipango tombo,
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha
A árvore da perpétua maravilha
À cuja sobra descansou Colombo! ...

...Gozei numa hora séculos de afagos,
Banhei-me na água de risonhos lagos,
E finalmente me cobri de flores...
Mas veio o vento que a Desgraça espalha
E cobriu-me com o pano da mortalha,
que estou cosendo para os meus amores. ...

...Invoco os Deuses salvadores do erro.
A tarde morre. Passa seu enterro!...
A luz descreve ziguezagues tortos
Enviando à terra os derradeiros beijos.
Pela estrada feral dois realejos
Estão chorando meus amores mortos!...⁸

O poema anuncia uma passagem, um movimento de desgaste da vida, da ordem. É evidente que se trata de um sentimento de pesar diante das transformações que pareciam conduzir ao fim. A leitura de *A Ilha de Cipango* remete, de acordo com Magalhães Jr.⁹, a José Maria Heredia, autor de *Les Conquerants*, famoso soneto, traduzido livremente por Raimundo Correia com o título de *Os Argonautas*, que narra a partida de Colombo do porto de Palos na

⁸ ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2002. p.157, 158.

⁹ MAGALHÃES JÚNIOR, op.cit, p. 95.

Espanha, viagem que resultaria na descoberta da América. Ilha de Cipango parece simbolizar o sonho desfeito, o tesouro jamais encontrado, pois alude ao desejo de glória e riqueza do navegador que, em suas viagens, jamais a alcançou.

De acordo com Alfredo Bosi¹⁰, o crepúsculo é sempre o mesmo, mas cada sensibilidade reage de modo próprio à mudança das formas na natureza. Analisando *Anoitecer*, poema de Raimundo Correia, Bosi evidencia o sentimento de melancolia provocado pela transformação do dia em noite. Segundo a sua análise, o poema parnasiano expressa a tristeza resultante da percepção da mudança, alteração que vem com a passagem do tempo, fenômeno físico. Em *A Ilha de Cipango*, percebe-se que o movimento de agonia do sol corresponderia ao ocaso da Civilização Ocidental, contagiada pelo sentimento de findar que se espalhava entre artistas e intelectuais, resposta ao propagado e ilusório progresso.

O poeta paraibano, como espectador atônito, assiste ao desenrolar da história dos destinos humanos, uma história pressentida como terrível, prenúncio de uma catástrofe e, ao mesmo tempo, testemunha a decadência de um mundo familiar, terminando por absorver em sua poética essa desagregação que tem, de fato, ressonâncias mais amplas. Trata-se de uma ordem econômica visivelmente exausta. Além disso, Augusto dos Anjos enfatiza essa noção de decadência, quando absorve um traço cultural de sua época: a concepção de que, minados por um modelo civilizatório falido, os destinos humanos precipitam-se para o fim. As filosofias pessimistas do fim do século XIX, como a de Schopenhauer e a de Edouard von Hartmann, bem como a filosofia contestatória do cristianismo, formulada por Nietzsche, encontram respaldo no pensamento de uma intelectualidade angustiada com o futuro da humanidade. O positivismo era questionado, desconfiava-se da idéia de progresso.

Os processos teleológicos construtores de uma ordem já se mostravam ilusórios; ao invés disso, a vida parecia seguir orientada por uma força cega e irracional que em muito

¹⁰ BOSI, Alfredo. A intuição da passagem em um soneto de Raimundo Correia. In: _____. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 222.

fortalecia o pessimismo introduzido antes por Schopenhauer. O decadentismo não se evidenciou apenas como reflexo das mudanças finisseculares e do declínio de um modo de organização social, mas de toda uma tradição ética construída no Ocidente. O sentimento da decadência refletia um estado de espírito profundamente angustiado. A estética acabou por aparecer como uma saída para essa falência ética. Nesse sentido, é representativa a poética de Baudelaire que comporta, tanto as circunstâncias catalizadoras desse estado de desagregação, como a saída pelo esteticismo com seus exotismos, o gozo dos paraísos artificiais constitutivos da atmosfera propícia a personagens emblemáticos como Des Esseintes ou Doryan Gray. A mentalidade do século XIX inclui o universo naturalista-realista e a fantasia decadentista.

O Pau d'Arco, referencial de lar e abrigo para o poeta, seria apenas a primeira das estruturas que ele vê perder-se, desfazer-se em fragmentos. Nesse sentido, poderia ser entendido como uma imagem das organizações humanas, também apodrecidas, desgastadas pelas brutais e conflituosas relações capitalistas que culminaram na eclosão da Primeira Guerra Mundial. Havia um sentimento de declínio da existência humana, da religião, da vida política e social, da moralidade.

A decadência da terra que o viu nascer se confundiria com a própria decadência do homem Augusto dos Anjos, assim como a dissolução do mundo, a desintegração das suas estruturas, poderia ser metaforizada pela doença que ele incorpora como sua, numa identificação do "eu" com o mundo, conforme se percebe através da leitura dos versos abaixo, retirados de *Tristezas de um Quarto Minguante*.

...Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,
Este Engenho Pau d'Arco é muito triste...
Nos engenhos da várzea não existe
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado
A lua magra, quando a noite cresce,

Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!...

A luz do quadro diminuindo o brilho
Segue todas as fases de um eclipse...
Começo a ver coisas de Apocalipse
No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.
Cinco lençóis balançam numa corda,
Mas aquilo mortalhas me recorda,
E o amontoado dos lençóis desmancho. ...

...Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas!
Quisera ser, numa última cobiça
A fatia esponjosa de carniça
Que os corvos comem sobre as jurubebas! ...¹¹

No Brasil, é uma época muito difícil para a lavoura açucareira, uma grave crise vai lentamente levando à bancarrota os engenhos. Muitos acabam por endividar-se e hipotecam suas propriedades. É o que ocorre com a família do poeta, descendente, pelo lado materno, de donos de muitas terras e engenhos na região da Várzea da Paraíba, os Fernandes de Carvalho. Segundo a tradição, através de casamentos consangüíneos, a família ia perpetuando poder e riqueza. Assim, a avó de Augusto dos Anjos, Juliana Ludjério Fernandes de Carvalho casou-se com um primo, João Antônio Fernandes de Carvalho, nascendo desse matrimônio cinco filhos, dentre os quais a mãe do poeta, Córdula, apelidada de Sinhá Mocinha. Ao enviuvar, Dona Juliana, rompendo a tradição, casou-se, em 1872, com o Juiz Municipal de Pedras do Fogo, Aprígio Carlos Pessoa de Melo. A família jamais aceitou tal união, e o “doutor” seria sempre considerado um intruso, fato que ainda mais se agravou em razão da morte da esposa, antes do primeiro ano de casamento. Daí em diante, ele passou a administrar o patrimônio e a família recebidos como herança. Assim, em 1875, não foi surpresa o casamento da enteada, Córdula, com Alexandre Rodrigues dos Anjos, também bacharel e primo do ex-juiz municipal. Desse casamento nasceram Artur, Odilon, Augusto, Aprígio, Alfredo, Alexandre,

¹¹ ANJOS, op. cit., p. 172, 173, 175.

todos bacharéis, além de Francisca, a mais velha, apelidada de Iaiá.

Aprígio Carlos Pessoa de Melo, segundo Humberto Nóbrega¹², era considerado avô de Augusto dos Anjos e seus irmãos e prosseguiu administrando as propriedades da família. O pai do poeta, homem culto, não se interessava pelos negócios, preferindo os estudos, as leituras, dedicando-se, quase exclusivamente, à educação dos filhos. Assim, o padraсто de Sinhá Mocinha foi lutando contra o inevitável, contra as transformações políticas e econômicas que inexoravelmente e com força devastadora, iam arrastando as velhas tradições à ruína. O primeiro golpe foi a abolição. A lavoura de monocultura não se modernizara, tampouco se preparara para perder a sua força de produção, o trabalho escravo que começou a escassear a partir da segunda metade do século XIX, com a demanda das regiões cafeeicultoras, extinguindo-se oficialmente com a Lei Áurea. Daí resulta o desespero da classe latifundiária, diante do vendaval republicano e abolicionista que acabou por precipitar a crise no setor açucareiro, já bastante prejudicado pelo processo de desvalorização comercial do açúcar brasileiro e pelo atraso das técnicas de produção local, incompatíveis com as novas e modernas usinas.

No Brasil, as oligarquias decadentes a custo tentavam manter o seu poder e posses, tal como fazia o doutor Aprígio, monarquista convicto, conservador e escravocrata. Alexandre Rodrigues dos Anjos, entretanto, manifestava idéias republicanas, mostrava-se favorável ao abolicionismo. Era um homem culto, lia filosofia, conhecia Marx e estudava a obra de Spencer. É praticamente pacífico, entre biógrafos, o devotamento e admiração que Augusto dos Anjos tinha pelo pai, bem como sua ascendência intelectual sobre o poeta. Essa proximidade encontra testemunho em diversos poemas. Parece importante registrar, também, uma maior afinidade com um dos irmãos, Odilon, companheiro de faculdade e parceiro que,

¹² NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. João Pessoa: Edição da Universidade da Paraíba, 1962.

na primeira edição de *Eu*, assumiu os gastos com a impressão e auxiliou o poeta no processo de seleção dos textos a serem publicados.

A marcha imposta pelos novos tempos de transformações políticas e econômicas acabou por atingir as estruturas arcaicas de produção do Nordeste, ainda mais fragilizadas que as do resto do Brasil, sobretudo as do Sudeste. Também arcaicas, estas últimas eram ainda sustentadas pelos altos lucros das lavouras de café que, mais tarde, já nem tão rentáveis, receberam os subsídios de um governo marcado por políticas convenientes aos interesses econômicos das oligarquias dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, prática em vigor até 1930, com a instauração do Estado Novo.

Essas novas configurações vão tornando incompatíveis os modos de produção rudimentar dos engenhos ainda movidos a água, como era o caso do Pau d'Arco e do Coité, de propriedade da família Carvalho Rodrigues dos Anjos. A empresa açucareira tornava-se pouco competitiva. As usinas haviam-se instalado por volta dos anos 80, do século XIX, época em que se fixou a Companhia Engenhos Centrais, formada por capitais ingleses e holandeses. A comercialização do açúcar, por sua vez, seria monopolizada pela Cahn Frères & Cie. As dificuldades financeiras vão-se agravando e o doutor Aprígio não vê outra saída a não ser tomar empréstimos ao Banco Emissor de Pernambuco, dando como garantia as duas propriedades, esperando uma alta no preço do açúcar que de fato não aconteceu. Ao contrário, a cotação do açúcar no mercado internacional despencou e o pagamento da dívida tornou-se impossível. Diante disso, era inevitável a venda de um dos engenhos, a fim de que o outro pudesse ser salvo da ruína iminente. Efetuou-se a venda do Coité, restando apenas o Pau d'Arco, em situação difícilíssima, hipotecado e com produção insuficiente. A derrocada final foi uma questão de tempo... Em 1910, o último bem da família foi liquidado.

Em 1908, Augusto dos Anjos deixa o Engenho Pau d'Arco, transferindo-se para a capital do Estado e inicia a carreira de professor. Tinha vivido naquelas terras até os 24 anos e

agora, depois de formado, perseguiria uma nomeação, um emprego público capaz de lhe prover a subsistência. Destituída das suas posses, a família buscava equilibrar-se no tenso jogo político da oligarquia provinciana. A trajetória do poeta, suas peregrinações em busca de uma colocação, deixa entrever, como pano de fundo, o empobrecimento dos proprietários rurais que, com a derrocada do sistema agrário vigente, procuram abrigo sob as asas do poder público, obtendo as suas nomeações por meio de tráfico de influência, troca de favores, negociações e toda sorte de favorecimentos que marcaram as políticas públicas brasileiras.

Em 1908, o presidente do Estado era João Lopes Machado, pertencente a um grupo político local que ascendera ao poder desde a época de Floriano Peixoto. Augusto dos Anjos, pelo apoio da sua família à candidatura de Lopes Machado, conseguiu a nomeação, em caráter interino, para a cadeira de Literatura do Liceu Paraibano, a exemplo do seu irmão mais velho, Artur, nomeado promotor público e de Aprígio, o mais novo, designado redator do diário Oficial do Estado.

É claro que o prestígio de Augusto como intelectual, bem como o seu pendor para as atividades do magistério já tinham sido demonstrados, tanto pelo efetivo exercício do ensino particular, quanto pelas publicações de suas poesias em jornais locais, a exemplo de *O Comércio*. Gilberto Amado¹³ assim testemunha:

...A maioria dos jovens atira-se a fazer versos pelo simples motivo de que no Brasil é costume tradicional dos vinte aos vinte e cinco anos ser poeta. E então, curiosamente, é de notar-se a existência de simbolistas, decadentes, satânicos, desvairados(os que se julgam de mais talento), líricos, meigos e suaves, parnasianos másculos e marmóreos. Começa também um movimento de imitação a um rapaz histérico mas de extraordinário talento que vive isolado, misantropo, no interior da Paraíba, Augusto dos Anjos...

Se por um lado, angariava simpatizantes, admiradores da sua arte e da sua cultura, por outro, o seu estilo, em tudo avesso ao que se considerava poesia até então, despertava polêmica, como a suscitada por um professor que, indignado com os temas contemplados pelo

¹³ Diário de Pernambuco, 19/06/1907. Cf. BARBOSA. Francisco de Assis. Notas Biográficas. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2002. p. 63,64.

poeta, mandou imprimir um folheto denominado *carta aberta*, cheio de desaforos e insultos, no qual o chamava poeta raquítico. A resposta de Augusto, intitulada *Bilhete Postal*¹⁴, na qual assume a alcunha depreciadora que lhe aplicara o professor, é a seguinte:

Ilustre professor da Carta Aberta: - Almejo
Que uma alimentação a fiambre e a vinho e a queijo
Lhe fortaleça o corpo e assim lhe fortaleça
As mãos, os pés, a perna et cetera e a cabeça.
Continue a comer como um monstro no almoço,
Inche como um balão, cresça como um colosso
E vá crescendo e vá crescendo e vá crescendo,
E fique do tamanho extraordinário e horrendo
Do célebre Titão e do Hércules lendário;
O seu ventre se torne um ventre extraordinário,
Cheio do cheiro ruim dos fétidos resíduos; ...
... seja um gigante, pois; não faça verso
De qualidade alguma e nem também me faça
Artigos tresandando a bolor e a cachaça,
Ricos de incorreções e erros de gramática,...
...Os tolos, em geral, são tidos como sábios,
Que sabem calar-se e reprimir-se sabem,
O senhor é papalvo e os papalvos não cabem
No centro literário e no centro político.
Respeite-me, portanto!

O Poeta Raquítico

Augusto dos Anjos tinha uma personalidade pouco comum. Taciturno, reservado e, às vezes, distante. Na Paraíba, foi apelidado de “Doutor Tristeza”. Os depoimentos de Orris Soares¹⁵ revelam um espírito tocado pela amargura, em um corpo cujo aspecto arqueado, abatido, deselegante até, denunciava os grandes tormentos da alma. Sobre o seu corpo franzino parecia incidir o peso de todos os fracassos, a própria doença da história. Na sua função de “antena da raça”, o poeta captaria a dor do mundo. Uma aparência doentia, frágil, uns olhos de tristeza infinita. José Américo de Almeida assim o descreve:

mais alto do que baixo, franzino e recurvo, tez encerrada de moreno pálido, a fronte alongada e uns grandes olhos sem mobilidade. As mãos eram afiladas e moles, mãos de tímido. Usava um bigode mínimo, como um debrum. O andar era inseguro com os ombros lançados para a frente e o peito mais

¹⁴ BARBOSA, op. cit, p. 65,66.

¹⁵ SOARES, Orris. Prefácio. In: ANJOS, op. cit.

reentrante do que o seu natural. Um passo leve, tateante, como se marchasse na ponta dos pés.¹⁶

O poeta fez-se bastante próximo do presidente da província e se esforçava para adequar-se ao jogo político provinciano. Entretanto, sempre percebeu que na Paraíba as oportunidades eram reduzidas. Noivo de Ester Fialho desde 1908, casou-se em julho de 1910. O salário de professor não cobria as despesas de uma família e o sonho de transferir-se para a Capital Federal, em busca de melhores oportunidades, tornou-se plenamente justificável. Na Paraíba, sua vida profissional ficaria estagnada, além disso, ambicionava projetar-se no cenário literário nacional e, nesse sentido, o Rio de Janeiro era a melhor opção.

A proximidade com o presidente do Estado, João Lopes Machado, encorajou-o a tomar a decisão de solicitar-lhe uma licença sem vencimentos, a fim de providenciar no Rio de Janeiro a publicação do seu livro de poesias. A licença, entretanto, deveria garantir ao poeta a possibilidade de retorno, caso não conseguisse um emprego no Rio de Janeiro. Ante a negativa, ao seu ver injustificada, sobretudo porque, relativamente a esse tipo de pleito, já existiam vários precedentes, Augusto dos Anjos, magoado, decidiu abandonar o Estado. Em verdade, intrigas políticas e pessoais, segundo Humberto Nóbrega¹⁷, teriam motivado o indeferimento do pedido.

Deixando de lado as intrigas provincianas, embarcou para o Rio de Janeiro em outubro de 1910. Levava consigo uma pequena soma de dinheiro e uma imensa esperança de ter o seu talento de poeta reconhecido. Logo ao chegar, fixou-se em uma pensão na Avenida Central. Ester estava grávida e, na situação de penúria em que viviam, a criança nasceu prematura e acabou morrendo, tragédia registrada em *Soneto*, poema datado de 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronal,

¹⁶ BARBOSA, op.cit., p. 66.

¹⁷ NÓBREGA, op.cit, p.254.

Que poder embriológico fatal
Destruiu, com a sinergia de um gigante,
Em tua morfogênese de infante
A minha morfogênese ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na noumenalidade do NÃO SER!¹⁸

Na capital, não poupou esforços no sentido de, junto a políticos paraibanos, conseguir uma nomeação. Buscou, sem sucesso, um editor para o seu livro e, desanimado, decidiu, em parceria com o irmão, conforme já foi dito anteriormente, arcar com a edição do *Eu*. Além dessas dificuldades, a subsistência na cidade grande era penosa. Para sobreviver, ministrava aulas particulares, perambulando pelos subúrbios cariocas em busca de alunos. Em vão tentou outra atividade, agente de uma companhia de seguros, também sem êxito. Em correspondência datada de 21 de setembro de 1910, o irmão, Odilon, participa à mãe as peregrinações de Augusto em busca da referida nomeação e suas imensas dificuldades materiais.

... O Augusto está cavando com bastante regularidade, já tendo algumas esperanças, via João Maximiano de Figueiredo que o tem tratado muito bem.
-Ele está com Ester em uma pensão regular, por cima da casa em que os tios residem e com quem residem, pagando mensalmente, ambos Rs 300\$000...¹⁹

Ainda em 1911, conseguiu a nomeação para a cadeira de Geografia, Cosmografia e Corografia, no Ginásio Nacional, continuando, entretanto, para complementar o insuficiente orçamento, a dar aulas particulares. Desanimado com a falta de interesse dos livreiros pela sua poesia e com as privações que vinha passando, Augusto ainda mais se entristecia e o seu espírito já abalado por tantas dificuldades parecia deixar-se vencer. Eloi Pontes²⁰ descreve a

¹⁸ ANJOS, op. cit, p. 100.

¹⁹ NÓBREGA, op.cit, p. 255.

²⁰ BARBOSA, op.cit, p. 72 73.

depressão em que o poeta paraibano se encontrava, “...com o *Eu*, embaixo do braço, sem despertar os interesses que previra de longe e sem que as suas aptidões claras e seguras lhe abrissem as portas de um ganha-pão ajustado às preferências de seu engenho...”

Todas essas dificuldades o abatiam terrivelmente e o desânimo minava as suas forças de tal modo que parecia impossível reverter aquele estado de coisas. A pobreza e as dificuldades cresciam, a família aumentava. Em 1912, nasce Glória, sua primeira filha. No ano seguinte, Guilherme. O poeta sentia-se derrotado, expulso do seu mundo, o Pau d’Arco. Banido da Paraíba pelas politiquices provincianas e pela falta de esperanças, percebia que também no Rio de Janeiro não tinha um lugar. Sentia-se profundamente injustiçado. O depoimento de José Oiticica, sobre essa fase da vida de Augusto dos Anjos, dá notícia do seu estado de espírito.

...Eu, muito mais forte, mais batalhador, mais esperançado de vencer, com a falta de recursos multiplicava-me. Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora, uma vez por outra, me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, solícita em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração...²¹

Augusto dos Anjos, ao que parece, ainda guardava do movimento romântico fundas impressões. Essa é, sem dúvida, outra explicação para o título do seu livro. O poeta herdou uma visão de mundo cujo centro é o *eu*, afirmação da personalidade. Um sujeito socialmente isolado, sentindo-se incompreendido, exilado, incapaz de se ajustar, excede-se, e nesse excesso encontra a sua expressão, o sonho, o delírio. As forças criadoras, misteriosas e sombrias, atuam numa atmosfera de dor, própria do sujeito que canta a sua desgraça e a do cosmos.

Mas esse romantismo tardio, vale a pena dizer, não é suficiente para explicar a obra de Augusto dos Anjos. Se, por um lado, a situação do poeta é, na geografia das letras, duplamente periférica, sobretudo tendo-se em conta o fato de que no Brasil do final do século

²¹ BARBOSA, op.cit, p. 72.

XIX as atividades culturais concentravam-se principalmente na Capital Federal, ponto de irradiação das inovações estéticas e filosóficas vindas do exterior, por outro, a sua poesia dissonante revelava um cabedal de filosofias, teorias, um arsenal de complexidades que imputaram ao autor a fama de excêntrico e desequilibrado. Augusto expressa uma visão de mundo e um cientificismo próprios de um homem formado no final do século XIX, uma assimilação do universo dentro de uma concepção mística, originária, sobretudo, de leituras das obras de Spencer, Darwin e Haeckel, associada a um pessimismo romântico que leva também a Schopenhauer.

Para Antonio Cândido²², na poesia de Augusto dos Anjos, o uso de termos científicos e o emprego de uma concepção materialista do corpo consumido, frágil, são resquícios de uma expressão romântica da morte herdada dos últimos baluartes do *mal du siècle*. É inegável tal influência, entretanto não se pode deixar de enfatizar a convicção do poeta nas premissas científicas, evidenciadas, inclusive, através das correspondências familiares.

Rio, 15 –6-1913.
Prezada Iaiá,
Minhas afetuosas saudações fraternais.
Comunico-te que Ester, a 12 deste mês deu à luz a uma criança, verdadeiro tipo representativo da varonilidade augustal. Chama-se Guilherme Augusto e propõe-se a engrandecer a espécie com a maior galhardia possível.
Como vês, a minha velhice está próxima e é necessário que os descendentes substituam a ascendência valetudinária.
Desculpe as palavras difíceis e abrace o
Sempre am^o e
Irmão ex-corde
Augusto dos Anjos.²³

Se, na sua poesia, as imagens de morte e de doença, sobretudo as relacionadas à tuberculose e seus sintomas, são abundantes, nas cartas dirigidas à família, as referências a remédios e distúrbios da saúde são também frequentes, como se percebe no trecho abaixo

²² CÂNDIDO, Antonio. A morte da águia. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981, vol. 2, p.290.

²³NÓBREGA, op.cit, p.204.

transcrito:

Rio, 15-maio 1911.

Cara Iaiá,

Recebi tua cartinha de 2, cheia de azedumes acérrimos, contra o meu inofensivo ser. ...

...Tenho estado, por último, um tanto adoentado do estômago e nervos. Com uso da magnésia, Bicarbonato, e Bioplumina de Cola Fosfatada, espero em breve restabelecer-me.²⁴

Augusto nunca foi tuberculoso, no entanto tinha uma fixação mórbida pela doença e pela morte, tanto que em suas poesias proliferam as descrições de expectorações pútridas, escarros sanguinolentos e toda sorte de manifestações do bacilo de Koch. A carta de Ester à D. Mocinha, comunicando o falecimento do marido, revela uma preocupação do poeta, quase uma ansiedade em saber se era portador da tuberculose.

Leopoldina, 27 de novembro de 1914.

Caríssima D. Mocinha

Não me é possível descrever-lhe a grande dor que me tem causado a separação eterna do nosso querido e venerado Augusto!...

...eis que uma congestão pulmonar, que degenerou em pneumonia rouba-me bruscamente o Augusto, ...

...o médico fez o exame de escarro, encontrando o bacilo da pneumonia. O Augusto perguntou se o exame bacteriológico não demonstrava o bacilo da tuberculose. O médico disse que ele ficasse tranqüilo que nada tinha de tuberculoso.

Quando adoeceu disse-me logo que morria e começou a me determinar tudo....²⁵

Segundo Susan Sontag²⁶, a atração pela doença, especialmente pela tuberculose, parece remeter àquela idéia da enfermidade ligada a um determinado tipo de personalidade sensível. A moléstia causada pelo bacilo se configura como uma tendência à desmaterialização, revelando-se como forma de se atribuir um sentido à morte. A literatura do século XIX foi pródiga ao descrever mortes plácidas, belas como a juventude.

A tuberculose, embora possa atingir outras partes do corpo, está mais comumente associada aos pulmões, órgãos responsáveis pela respiração e que, metaforicamente,

²⁴ NÓBREGA, op.cit, p.204

²⁵ Id.

²⁶ SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Trad. de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

representam a vida, daí ser percebida como uma doença da alma. Através dos românticos, divulgou-se a idéia de que o corpo do tuberculoso, finalizada a existência, dispersava-se numa forma mais consciente de existir. A morte se transformava num espetáculo estético.

A recorrência das imagens de doença, sobretudo da tuberculose e da morte na poesia de Augusto dos Anjos, parece resultar também de uma identificação com esse modo de pensar, típico do século XIX, que privilegiava o organismo débil, frágil, como próprio de pessoas mais refinadas intelectualmente. Ter uma aparência pálida e doentia era sinal de refinamento e sensibilidade. De fato, o poeta parece, em suas poesias, afirmar o seu aspecto doentio, enfatizando-o, como se quisesse assim definir o seu modo de ser: mais afastado das coisas do mundo, mais próximo de uma vida espiritual. Aliás, Humberto Nóbrega, em seu estudo, observa a insistência do poeta em se afirmar doente.

...Entretanto, uma análise profunda e bem acurada sobre Augusto, situado no seu tempo, na sua poesia, nas suas condições físicas e no juízo dos seus amigos e contemporâneos mais familiares, enseja o necessário substrato para afirmar que ele jamais fora tuberculoso.

O errôneo juízo tomou contextura e vulgarizou-se, sem dúvida, do fato de apresentar o genial poeta um facies descarnado e da preocupação que ele sempre teve de fazer, em seus versos magistrais, alusões à tísica pulmonar. Bem assim da circunstância de serem encontradas, a cada momento, no *Eu*, descrições de estados patológicos, feitas em terminologia científica, nas quais a peste branca era como que, liricamente, atribuída a si próprio pelo autor.²⁷

A crítica literária, durante muito tempo, incorreu no equívoco de, ao traçar a biografia do autor de *Eu*, mencioná-lo como tuberculoso. Ainda o mesmo Humberto Nóbrega afirma que a imprensa carioca, ao saber da morte do poeta, foi praticamente unânime em declarar que ele se transferiu para Minas Gerais em busca do ar das montanhas, ambiente considerado propício para a cura da enfermidade. Nóbrega transcreveu trechos de “*O Verbo*”, editado em Recreio, cidade vizinha a Leopoldina:

Dizem que moléstia pertinaz lhe vinha minando o organismo. Isto não sabemos. O certo é, porém que quando o vimos pela primeira vez, por ocasião da inauguração da água neste distrito, achamo-lo com um ar de

²⁷ NÓBREGA, op.cit, p.306.

tristeza, com um tom de certa melancolia, na expressão suave e bondosa de seu rosto.

Estudos lançados tempos depois da morte de Augusto dos Anjos repetem essa falha.

...a vida trabalhosa que levava agravou a tuberculose que adquirira. ...
...Evidentemente a sua amargura, a sua revolta, a inconformidade com a vida, resultaram da moléstia que cedo o acometeu, das dificuldades que encontrou, das responsabilidades de família que teve de enfrentar. ...²⁸

Nóbrega cita, ainda, o estudo de Agripino Grieco, datado de 1928, que define o poeta paraibano como “...um talento aberrante que desconcerta os críticos acadêmicos...”. Em seu texto, Grieco escreve o seguinte: “...A vida lhe foi uma constante moléstia porque um tuberculoso como ele não podia furtar-se à visão, ao horror do pus e sangue em que se desfazia...”. E, por fim, faz referência ao trabalho de Manuel Bandeira, em *Poesia Brasileira*. O poeta modernista, ao analisar a poesia de Augusto dos Anjos, comete o mesmo equívoco: “...Atacado de tuberculose, procurou os bons ares de Minas Gerais, fixando residência na cidade de Leopoldina, onde exercia as funções de diretor de um grupo escolar.”

Não se pode deixar de pontuar os inúmeros equívocos e contradições resultantes de julgamentos apressados e da escassez de informações. Mas, se é verdade que a figura de Augusto dos Anjos, ainda hoje envolta em muitos mistérios, sobretudo os biográficos, suscita dúvidas, a sua arte, igualmente controversa, mantém-se, desafiando a crítica.

1.2 NO TEMPO DA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA

Concebido como um momento de grandes expectativas, um tempo de transformações, a Belle Époque teve também um outro aspecto bem menos otimista, sobretudo se analisado sob a perspectiva dos intelectuais que, desconfiados dessa atmosfera de futilidade, percebiam o perigo iminente a rondar a civilização. Questionava-se a idéia de progresso e, entre os maiores pensadores, havia um sentimento de mal-estar diante do fracasso

²⁸Vida Cultural, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, dez/1960. Cf. NÓBREGA, op.cit, p. 308.

do ideário iluminista.

No Brasil, após um período de grande instabilidade, de agitações políticas, revoltas e crise econômica, as elites tinham reassumido a condução do país e o que deveria ter sido uma mudança mostrou-se a continuidade das velhas tradições impostas por oligarquias. A euforia republicana, liderada sobretudo pelas massas urbanas, afinal passou e, após um conturbado momento de disputas políticas e deposições, a calma voltava com o governo liderado por Campos Sales, marco inicial da *Belle Époque* no Brasil.

Esse período conturbado marca uma transição, apagavam-se os vestígios do Império escravocrata para que se afirmasse uma república abolicionista. A situação era muito complexa, pois estavam em questão, entre os líderes do setor que resistia e do outro que se afirmava, não apenas convicções e ideais, mas interesses econômicos e políticos.

O movimento republicano reuniu setores médios urbanos e alguns segmentos da elite. Já o abolicionismo reuniu basicamente as camadas médias urbanas, isso porque estava em jogo o sistema produtivo dominado pelas aristocracias tradicionais e prestigiadas, representadas por proprietários de Minas Gerais e Rio de Janeiro e pelos mais recentes latifundiários, os novos cafeicultores de São Paulo. Os primeiros foram defensores ferrenhos da escravatura, sobretudo porque as suas terras esgotadas não lhes davam muitas alternativas. Os paulistas, entretanto, no ápice da expansão cafeeira, dependiam muito do trabalho escravo, porém, mais astutos, diante do inevitável, opuseram menos resistência quando as ações abolicionistas intensificaram-se. Os fazendeiros do Nordeste, cuja economia açucareira decadente dependia menos da força de trabalho dos negros, eram menos intransigentes, excetuando-se a Bahia, cuja elite ainda estava muito dependente do sistema escravocrata. Essa fragmentação da classe latifundiária, aliada à relativa simpatia do Imperador pela causa abolicionista, favoreceu a extinção do cativo que culminou no fim do regime monárquico. Abalado pela perda do apoio político dos latifundiários tradicionais, rivais dos emergentes

paulistas na briga pelos cargos na administração do Império, sempre destinados aos egressos das províncias do Nordeste, aos portugueses e aos representantes mais antigos das oligarquias do café, sobretudo da regiões mineira e fluminense, o Império brasileiro vacilou.

Os paulistas, percebendo que a República poderia ser uma oportunidade de ascender politicamente, passaram a apoiar a causa abolicionista e a base do movimento republicano, os apaixonados pelo ideal de um Brasil moderno, orientado pelos modelos francês e norte-americano, objetivando um padrão desenvolvimentista industrial. Eram partidários dessa facção estudantes de Direito, de Medicina, das Escolas Politécnicas e Militares, além de empresários descontentes com a ordem protecionista do Estado que favorecia as classes agrárias, obstando o desenvolvimento dos negócios e impedindo a mobilidade social. Dessa forma, perdido o apoio das oligarquias tradicionais, abandonado pelos paulistas descontentes com a sua pouca influência política nas decisões administrativas e, pressionado pelos republicanos que acabaram se aliando ao Exército, o Império ruiu.

Muito resumidamente, são essas as forças da história que, agindo no centro político do país, acabam por produzir efeitos na distante província da Paraíba, promovendo as transformações das estruturas arcaicas do velho Pau d'Arco. A modernidade alcança as apodrecidas estruturas e sobre elas caminha, passos firmes e seguros, arrastando consigo os últimos bastiões de uma ordem falida. O poeta presencia o aniquilamento do último bem da família, o refúgio dos Carvalho Rodrigues dos Anjos, tal como o tamarineiro, tantas vezes mencionado pelo poeta, sombra protetora de uma ordem arrebatada pela corrosão do tempo.

Com a República, novas lutas foram iniciadas. Os grupos urbanos entravam em combate contra as elites latifundiárias que tinham tomado o poder. Seguiu-se um período de muita instabilidade política e grave crise econômica provocada por uma política financeira desastrosa conhecida como Encilhamento. Entre golpes e contragolpes, Deodoro da Fonseca foi deposto e Floriano Peixoto assumiu a presidência. Eclodem conflitos por todo o país,

focos de resistência monarquista, guerra civil, revoltas... Em meio a todas essas adversidades, o presidente tentava organizar o governo, dissolver as oposições. Se por um lado conseguiu equilibrar-se, por outro, ganhou fama de opressor, tanto entre os seus companheiros republicanos, como entre os seus adversários, os membros das forças oligárquicas tradicionais. Estas últimas acabaram se unindo à classe agrária emergente e tal conjunção foi determinante para destruir qualquer resquício da República sonhada pelos românticos: os latifundiários assumiram o poder.

Em 1893-94, sob a ameaça de invasão das forças rebeldes gaúchas, Floriano Peixoto se alia aos paulistas. Em troca, fica acordada a eleição de Prudente de Moraes, fazendeiro paulista e representante dos interesses de uma oligarquia que iria dominar o país até 1930. Evidentemente, os embates entre as forças governistas e os radicais republicanos, chamados jacobinos, tornaram-se bastante acirrados, o que culminou numa tentativa de assassinato do então presidente, Prudente de Moraes. Consolidada a República, os republicanos dividiram-se: os radicais pertenciam à força renovadora, enquanto aos outros cabia a defesa da política conservadora e de mentalidade agrária. A essa altura dos acontecimentos, o país estava à beira da ruína, os republicanos divididos, descrentes e decepcionados. Prudente de Moraes então, tirando proveito político do atentado do qual fora vítima, passou a controlar a imprensa, a polícia, o congresso e os tribunais, afastando os radicais e transferindo o poder para outro latifundiário paulista, Campos Sales.

A *belle époque* carioca inicia-se em 1898, com o Brasil sob a presidência de Campos Sales e a recuperação da tranquilidade política que acabou favorecendo os meios sociais e intelectuais, bem como os seus movimentos no sentido de promover o ambiente, refinando-o, tornando mais elegante a vida urbana. Reconquistada a paz, a elite carioca percebeu as enormes deficiências da capital federal, sua completa falta de infra-estrutura. Esse período pode ser visto como um momento em que se revelam os resultados do passado

colonial. Após o período revolucionário de 1890-97, o país voltou a ser dirigido pelos latifundiários, de modo que as renovações propostas não implicaram transformações reais, demonstrando a justa medida do caráter superficial das inovações implementadas.

Ao longo de todo o século XIX, o Rio de Janeiro, transformado em Corte, passara a ser o centro político e econômico do país. A população aumentara, bem como a afluência de ideologias e costumes europeus. Surgiram empreendimentos que foram pouco a pouco delineando uma vida urbana rudimentar. Entretanto, a realidade econômica, eminentemente colonial, atravancava essa modernização. Na República, conforme foi explicado, esse quadro não sofreu alterações significativas, posto que foi mantido o domínio da elite latifundiária, firmando-se a sua expressão sociocultural. A chegada da família real, sem dúvida, fora responsável por algumas poucas melhorias nas infra-estruturas urbanas do Rio de Janeiro, no entanto, essas iniciativas foram-se perdendo com o passar do tempo. A capital federal, como as demais cidades, não recebia os investimentos necessários para que pudesse oferecer à população, sobretudo a mais pobre, o mínimo de dignidade e higiene. O espaço urbano era, salvo os lugares onde as elites precisavam transitar, lugar de sujeira, doenças e epidemias. O trecho abaixo transcrito dá uma dimensão das terríveis condições a que estavam submetidos os cidadãos do Rio de Janeiro. Ainda que se refira à época colonial, essas configurações pouco foram alteradas. As transformações mais radicais na estrutura da cidade só aconteceriam no início do século XX, sob o comando do prefeito Pereira Passos, no governo de Rodrigues Alves.

...Um dos vice-reis proibiu, na época, a utilização noturna do Campo de Santana como depósito de detritos. Com isso, os barris de excrementos humanos e lixo doméstico transportados por escravos passaram a ser lançados na baía, e as fossas abertas de esgoto do Campo de Santana foram aterradas. ...²⁹

²⁹ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 44.

A insistência em traçar esse panorama da estrutura da capital federal tem o intuito de, tomando-a como exemplo, fornecer uma idéia de como eram os espaços urbanos de uma forma geral, além, é claro, de delinear a atmosfera instalada com as reformas, bem como o perfil da elite que as comandou, na primeira década do século XX, momento no qual aparece o *Eu*. Na verdade, o tema do ambiente urbano degradado é recorrente na poesia de Augusto dos Anjos que contempla a cidade como o lugar onde imperam as enfermidades, a podridão, as imundícies e até mesmo a degradação moral. Não é demais lembrar a origem rural do poeta e o drama por ele experimentado, com a perda da sua posição social, em detrimento da falência comercial da propriedade e do seu modo de produção, fato que acabou por destituí-lo das suas terras, do seu lugar de elite favorecida e distanciada do insalubre meio citadino. A cidade é o exílio e o Pau d'Arco será sempre uma pátria perdida. Essa noção aparece como uma espécie de substrato, evidenciando-se quando se confrontam, por exemplo, versos de *Noite de um Visionário*, iniciado com o novo endereço da família, logo depois da liquidação do Engenho, e de *Debaixo do Tamarineiro*.

Número cento e três. Rua Direita.
Eu tinha a sensação de quem se esfola
E inopinadamente o corpo atola
Numa poça de carne liquefeita! ...

...A cidade exalava um podre báfio:
Os anúncios das casas de comércio,
Mais tristes que as elegias de Propércio,
Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida
Parara! Agora, em diástoles de guerra,
Vinha do coração quente da terra
Um rumor de matéria dissolvida. ...

...Um necrófilo mau forçava as lousas
e eu - coetâneo do horrendo cataclismo -
era puxado para aquele abismo
no redemoinho universal das cousas!..³⁰

³⁰ ANJOS, op. cit, p. 153,154.

No tempo do meu Pai, sob estes galhos,
como uma vela fúnebre de cera,
chorei bilhões de vezes com a canseira
de inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos galhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade!
A minha sombra há de ficar aqui!³¹

No que tange ao tratamento do binômio Cidade e Campo, a poesia de Augusto dos Anjos tem pontos de contato com a de Cesário Verde, poeta português da segunda metade do século XIX. Esse último insere o contraste entre o campo e a cidade no quadro mais geral de uma história dirigida por um movimento de declínio. Ambos os poetas demonstram certa relutância em aceitar a dinâmica da cidade porque consideram o movimento urbano ilustrativo de uma decadência inerente à Civilização Ocidental. Assim, para ambos, o meio citadino é, quase sempre, um lugar de misérias, de falência moral e social, enquanto o ambiente rural, tende a ser lembrança acolhedora, representação de um mundo perdido. Todavia, consciente da desordem social que atinge também o campo, o poeta português o insere num projeto de transformação social, idealizando um campo produtivo.

A lembrança de Cesário Verde visa a demonstrar que, embora Augusto dos Anjos comente poeticamente estruturas locais, a sua poesia entra em conexão com a noção de que todas as construções da cultura do ocidente estavam em ruínas.

No Brasil, a falta de investimentos em infra-estrutura urbana resultava de uma divisão populacional pouco igualitária. No século XIX, as quatro principais cidades brasileiras

³¹ ANJOS, op. cit, p. 101.

não eram responsáveis nem sequer por dez por cento da população. Além disso, o modelo de produção calcado na monocultura de exportação promoveu, desde o início da colonização, a acumulação de riquezas no meio rural, onde se concentravam os grandes latifundiários, sustentáculo de um governo que representava seus interesses, nos quais não figuravam, é claro, políticas públicas urbanas.

A idéia geral dos habitantes das províncias era de que a capital federal era uma cidade moderna, entretanto, os brasileiros que conheciam outros países, sobretudo os mais desenvolvidos, percebiam claramente o atraso. À essa época, o modelo civilizatório por excelência era a França. No entanto, Paris, graças à industrialização, crescera assustadoramente e desse inchaço surgiram inúmeros problemas como precariedade dos transportes e epidemias. Ora, doenças também não faltavam no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras, principalmente as mazelas tropicais, como febre amarela. A aglomeração humana, a falta de higiene, de saneamento, associados à pobreza, faziam proliferar todo tipo de enfermidade. Assim, era visível que tocava ao Brasil principalmente a face negativa do “progresso”.

Na França a reforma de Haussmann conseguira sanar muitos desses problemas, proporcionando ainda o embelezamento da paisagem parisiense. Para o Brasil, de acordo com o pensamento de uma elite cada vez mais incomodada com o abismo que separava o país das nações civilizadas, o caminho deveria ser o mesmo. O Rio de Janeiro era uma cidade apodrecida, possuía um abastecimento de água precário e obsoleto. Os relatos de viajantes dão conta de uma cidade doentia e aterrorizada pela febre amarela. A desordem, o mau cheiro e a sujeira estavam espalhados por toda parte.

Era preciso transformar esse quadro desolador. Para isso foi essencial o período de paz política e saneamento financeiro conseguido graças aos empréstimos tomados aos bancos ingleses na gestão de Campos Sales. Dando prosseguimento a essas ações, o presidente

Rodrigues Alves, também paulista e fazendeiro, inicia as reformas da cidade, argumentando a necessidade do investimento como fundamental para a política de captação de recursos e atração de imigrantes, condições absolutamente indispensáveis, de acordo com a mentalidade da época, para se promover o desenvolvimento. Para implementar o seu programa de reformas, Campos Sales nomeou Pereira Passos prefeito, designando-o para efetivar a transformação urbanística, e escolheu Oswaldo Cruz para liderar as campanhas de erradicação da febre amarela, da peste bubônica e da varíola. Para viabilizar a operação de limpeza da cidade, o prefeito proibiu alguns costumes.

...Pereira Passos atacou também algumas tradições cariocas. Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir no chão dos bondes, o comércio de leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição da carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios, o descuido com a pintura das fachadas, a realização do entrudo e dos cordões sem autorização no Carnaval, assim como uma série de costumes “bárbaros” e “incultos. ...³²

Era o início do afrancesamento do Rio de Janeiro, com a introdução de costumes e modelos europeus. A reforma foi conduzida de forma bastante parecida com a realizada em Paris. As obras priorizavam a iluminação e a ventilação, empreendia-se a construção de ruas largas, limpas e arejadas.

A reforma, entretanto, não tinha como premissa os objetivos sanitários. Na verdade, as construções e obras realizadas tinham o objetivo de transformar o ambiente, adaptando-o a um modelo tido como desenvolvido, como forma de encobrir o atraso do país que era perpetrado pelas elites. Maquiar a realidade da ignorância e da pobreza com obras grandiosas era afinal a única maneira de criar um ambiente “civilizado”. A principal via construída nesse período, a Avenida Central, mostra claramente os propósitos dessa renovação. Os prédios ali localizados abrigavam empresas internacionais e brasileiras, órgãos governamentais, comércio de artigos importados e de luxo, locais de lazer, instituições

³² NEEDELL, op.cit, p. 68.

consagradas à literatura e às belas-artes.

As medidas transformadoras do espaço urbano eram encaradas como fundamentais para o avanço cultural, vez que o afrancesamento do Rio de Janeiro simbolizava, para a mentalidade dos governantes, apoiada por uma elite descompromissada, a possibilidade de um Brasil desenvolvido. O cenário parisiense transplantado para as ruas cariocas, a proliferação de artigos importados avidamente consumidos por dândis e esbanjadores ociosos, os edifícios elegantes tornavam possível o delírio da elite da *belle époque*: europeizar o Brasil. Entretanto, é preciso esclarecer que, na própria Europa - e na própria França – já se travava o conflito entre a ambição do progresso e a constatação de que esse desenvolvimento era superficial e não atingia toda a humanidade, criando bolsões de miséria e doença. Augusto dos Anjos incorpora essa crítica, dando-lhe um tratamento singular. Na sua obra o estetismo, próprio do decadentismo, cede espaço a um uso hiperbólico da doença, uma ostentação da materialidade e da substância corpórea, num exagero que não deixa de ter função estética.

As novas feições construídas para a cidade não se compatibilizavam com antigos costumes, cuja persistência explicitava o atraso, a vergonha. Tudo que pudesse remeter a essas tradições populares seria certamente repudiado pela elite carioca, sinceramente imbuída do desejo de se aproximar dos moldes europeus e ávida por afugentar os graves problemas sociais que castigavam o país, substituindo-os por uma atmosfera de luxo e sofisticação.

Todos os esforços foram empregados na intenção de transformar o Rio de Janeiro numa cidade com ares europeus, moderna, sadia, higienizada. Era preciso apagar a mancha do subdesenvolvimento, da sujeira. Em 1912, ano de lançamento do *Eu*, as marcas de todo esse empenho ainda eram bastante recentes, de sorte que as referências à sujeira, vermes e bactérias, presentes na obra do poeta paraibano, causaram naqueles espíritos, motivados pela construção de um ambiente saudável e belo, evidente repúdio, horror. O conteúdo do livro era

quase uma ofensa ao bom gosto, à civilização. Em sua poesia, Augusto dos Anjos acaba evidenciando problemas que a elite se recusava a ver. É fato que a reforma de Pereira Passos pretendia transformar o Rio de Janeiro num espaço civilizado, moderno, limpo. Infelizmente, tais medidas não puderam ou não pretenderam atacar os problemas no seu foco, as desigualdades sociais. As medidas reformistas eram superficiais e apenas encobriam uma estrutura política apodrecida, uma administração pública voltada exclusivamente para os interesses de um número reduzido de ricos aos quais a pobreza e a sujeira incomodavam, lembrando-lhes a todo instante a enorme distância que os separava de uma Paris idealizada. Numa atmosfera falsamente requintada, que alguns escritores expressaram, o aparecimento de uma poesia inovadora, e tão distanciada dos interesses que moviam a nata social, soava como um escândalo.

O poema *Os Doentes*³³, espécie de cosmogonia, pois narra a criação, além do desgaste e da transformação do Cosmo - segundo Lúcia Helena, temática recorrente em todos os seus poemas – inicia-se com uma descrição da cidade qualificada como um lugar doentio, viciado, aglomeração de lázaros, um local degradado por todas as podridões resultantes de um processo que, em última instância, converteu-se na falência do progresso.

Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia ...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!...
(OD, 122)

O poeta observa a massa miserável na “urbe natal do Desconsolo”³⁴ e, numa atitude aparentemente distanciada, mas que se converte em inequívoca inserção, ele se diz parte de um mundo enfermo, vítima infeliz das forças evolutivas, parte de uma humanidade doente:

...E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!...

³³ ANJOS, op,cit, p. 122. Citado como OD

³⁴ Id. p. 122.

...Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária. ...
(OD, 122)

Os desastrosos caminhos da colonização da América vão sendo percorridos pelo poeta, numa demonstração de sucessivos equívocos e violências. No lugar da prosperidade, do avanço das civilizações, instala-se a corrupção, a exploração, a morte. No lugar de uma apologia do encontro feliz e produtivo das raças fundadoras da nação brasileira, a postura é de crítica diante da história, dos fracassos e mentiras revelados pela descrição das atrocidades cometidas na criação do novo mundo.

...Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquele instante no Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à ética escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achicalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História! ...
(OD, 126)

As configurações sociais são entendidas como catastróficos efeitos de ações perversas, covardes. Nos rastros de miséria e dor surgiram as populações marcadas pela desilusão do progresso, reféns de aglomerações insalubres, cidades que se assemelham a um grande organismo depauperado, análogo aos corpos humanos, impregnados de vícios e doenças.

...Começara a chover. Pelas algentes
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas,
Encharcava os buracos das feridas,
Alagava a medula dos Doentes! ...
(OD, 126)

Sem dúvida, os enormes avanços da biologia, a partir do século XIX, influem profundamente no pensamento da época e acabam por se refletir em outras áreas do conhecimento, como o urbanismo, com seu vocabulário intimamente ligado aos termos biológicos, além das ciências sociais; daí as inúmeras teorias e visões evolucionistas da história. O próprio poeta, em muitos momentos, lança mão desses conceitos da ciência, traduzindo para a sua obra, embora não de forma pacífica, esse entendimento.

...Descender de macacos cataríneos,
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sangüíneos!
(OD, 124)

As representações da cidade passaram também a se valer da biologia, que a descreve como um grande organismo. No século XIX, com o crescimento acelerado dos espaços urbanos, prolifera a difusão da idéia desses lugares como ambientes perigosos, diante do problemas de ordem sanitária, social, moral e política que atingem a população citadina. A comparação com estruturas orgânicas depauperadas parece facilitar a compreensão desses graves transtornos.

Os urbanistas não foram os únicos lançar a mão da analogia com seres vivos para descrever os problemas da cidade, outros discursos também o fizeram, conforme atestam Philip Gunn e Telma de Barros Correia, no ensaio *Urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade*³⁵:

...Uma vasta literatura mostra as grandes cidades como entes desconhecidos e assustadores; portadores de ameaças à vida e às instituições, devido às grandes epidemias que as assolavam e às massas inquietas de miseráveis nelas concentradas. Suas dimensões incomensuráveis sugeriam algumas vezes a imagem de um monstro, como em Balzac que entretanto, fala em um monstro sedutor revelando simultaneamente seu entusiasmo e desconfiança diante de Paris. ...

³⁵ GUNN, Philip e CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella(Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

Augusto dos Anjos também não ficou imune a essa estranha comparação da cidade a corpos biológicos. A sua poesia revela a cidade nos seus aspectos mais grotescos e são denunciados os seus graves problemas sociais; a prostituição, por exemplo, apesar de ser tratada num tom moralizante, também é analisada sob o prisma da injustiça social.

...Mas, para além, entre oscilantes chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!...

...De certo, a perversão de que era presa
O sensorium daquela prostituta
Vinha da adaptação quase absoluta
À ambiência microbiana da baixeza!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde,
Estendestes ao mundo, até que, à toa,
Foste vender a virginal coroa
Ao primeiro bandido do arrabalde...
(OD, 130 e 131)

A cidade é reduto de doenças, vícios, mau-cheiro e podridões.

...E no estrume fresquíssimo da gleba
Formigavam, com a símplice sarcode,
O vibrião, o ancilóstomo, o colpode
E outros irmãos legítimos da ameba!...³⁶

Nessa atmosfera de delírio horrendo, o poeta vai-se misturando ao mundo conspurcado; reflexo da sua ânsia por dissolver-se, a revelação da própria morte torna-se única certeza da vida:

...Naquela angústia absurda e tragicômica
Eu chorava, rolando sobre o lixo,
Com a contorção neurótica de um bicho
Que ingeriu 30 gramas de nux-vomica.

E, como um homem doido que se enforca,
Tentava, na terráquea superfície,
Consustanciar-me todo com a imundície,
Confundir-me com aquela coisa porca...

³⁶ ANJOS, op. cit. Noite de um Visionário p. 154.

...Quando eu for misturar-me com as violetas,
Minha lira, maior que a Bíblia e a Fedra,
Reviverá, dando emoção à pedra,
Na acústica de todos os planetas! ...
(OD, 128,129)

O poeta se refere à doença e à morte como o ponto final de uma vida coroada de vícios. A atitude moralizante, sob a qual se percebe um elogio à ascese, aponta o espetáculo da corrupção dos sentidos e todas as suas conseqüências, a danação e a ruína. Apresentam-se a corrosão, as excrescências, todas as decepções, a própria morte a espreitar a cidade, metonímia da Civilização Ocidental. As imagens mais marcantes dessa dissolução identificam-se com os agentes da decomposição, aqueles que se servem da podridão.

...Quase todos os lutos conjugados,
Como uma associação de monopólio,
Lançavam pinceladas pretas de óleo
Na arquitetura arcaica dos sobrados....

...Atabalhoadamente pelos becos,
Eu pensava nas coisas que perecem,
Desde as musculaturas que apodrecem
À ruína vegetal dos lírios secos....

...Era todo o meu sonho, assim inchado,
Já podre, que a morféia miserável
Tornava às impressões táteis, palpável,
Como se fosse um corpo organizado! ...
(OD, 131 e132)

As imagens de morte e consumição proliferam, mas, em meio as trevas, surge a luz, a luz da manhã, início de uma transformação.

...Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora,
Como o íncola do pólo ártico, às vezes,
Absorve, após a noite de seis meses,
Os raios caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras caíam
Como propositais setas malvadas,
No frio matador das madrugadas,
Por sobre o coração dos que sofriam!
(OD, 134)

Uma nova humanidade haveria de surgir, mas depois da desagregação de tudo. A luz da arte contemplativa, surgida da exaustão do mundo, ao vencer a morte, teria, nesse processo, a função regeneradora, o próprio devir. A humanidade, por força da arte, da sua potência propagadora do conhecimento, seria libertada das dores e dos sofrimentos.

...A ruína vinha horrenda e deletéria....

...Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos
Tinham aspectos de edifícios mortos,
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se
Estava. O espaço abstrato que não morre
Cansara... O ar que, em colônias fluidas, corre,
Parecia também desagregar-se!

Os prodromos de um tétano medonho
Repuxavam-me o rosto... Hirto de espanto,
Eu sentia nascer-me n'alma, entanto,
O começo magnífico de um sonho!
(OD, 135 e 136)

Com efeito, Schopenhauer preconiza a função da arte como redentora, ainda que provisória, das dores humanas resultantes dos apelos da vontade. A contemplação estética representa a possibilidade de libertar-se da individualidade, que está inequivocamente atrelada às coisas do mundo, aos desejos inerentes à vida, e elevar-se às concepções platônicas. O apreciador da arte será tomado pela visão do belo, de tal modo que acaba se integrando ao objeto artístico, desprendendo-se da sua própria individualidade. Liberando-se das noções de tempo, espaço e causalidade, o observador da arte transforma-se em sujeito de intuição. Esse desligamento representa uma espécie de elevação da alma que rompe os liames da matéria. Ocorre um prazer resultante da contemplação, uma contemplação que se distancia da vontade (esta sempre direcionada a um objeto real) e se vincula à imaginação que se estende e se dilata diante do que seria o objeto irreal. A arte, assim concebida, é um mecanismo eficaz de cognição. A estética se concretiza, para o filósofo alemão, através de um distanciamento da

vontade, mais identificada com as forças sexuais, ocorrendo quando a inteligência não mais se sujeita aos seus desígnios.

1.3 A ARTE

Pensar a arte de Augusto dos Anjos é imaginar uma capacidade criadora influenciada por concepções filosóficas. É certo que foi denominado poeta filosofante pelo fato de sua obra contemplar o questionamento das origens e dos destinos humanos. Contribuiu para isso a sua formação na Faculdade de Direito de Recife, centro de difusão do Positivismo e das correntes científicas no Brasil, sobretudo a partir da década de 70 do século XIX. É incontestável a importância política do pensamento ali gestado e espreado pelos quatro cantos do país.

Pensadores como Augusto Comte, Hippolyte Taine, Charles Darwin, Herbert Spencer e Ernest Haeckel dominaram o cenário intelectual, consolidando o positivismo, o materialismo, o cientificismo, o evolucionismo, o transformismo, o monismo, concepções que oferecem lastro teórico para manifestações realistas como as de Balzac e Flaubert e para as expressões naturalistas de Zola. Essas doutrinas, surgidas na segunda metade do século XIX, revolucionaram o conhecimento. Assim, a arte romântica passou a ser entendida como excessiva e as religiões foram apontadas como crenças ultrapassadas que em nada contribuíam para o progresso. A literatura deveria ser objetiva e científica, seu propósito era o de retratar a realidade.

No Brasil, escritores como Inglês de Sousa e Aluísio de Azevedo seguiam a linha de Zola e Eça de Queirós. Na poesia, não se pode deixar de mencionar as presenças de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, os poetas brasileiros mais admirados do *fin du siècle*. O primeiro foi chamado de Príncipe dos Poetas, tamanha a sua importância no meio literário carioca dessa época. A trajetória de Bilac é, de alguma maneira, exemplar, em termos da *belle époque*

nacional. Boêmio nos anos de 1880, Bilac amargou, na década seguinte, como muitos outros intelectuais idealistas da República, o exílio e a cadeia por ter tomado parte em algumas das reviravoltas políticas dos conturbados anos 90. Ao fim desses anos, desapontado com os insucessos das lutas pela transformação social, buscou garantir os meios necessários a uma sobrevivência confortável. Havia publicado um livro de poesia bastante agraciado pela crítica e feito o seu nome como jornalista, publicando em jornais importantes, de modo que nos anos de 1900 era uma figura bastante respeitada. A fama lhe granjeou laços com pessoas influentes e, em consequência, o acesso a cargos públicos, entre os quais, uma função administrativa na gestão de Pereira Passos. Estes empregos lhe conferiam rendas suficientes para as constantes viagens a Paris. É bem verdade que, à essa época, na França, a sua poesia já tinha perdido prestígio, abafada pelo simbolismo, fato que não ocorreu no Brasil.

Com efeito, aqui as formas parnasianas caíram nas graças das classes dominantes. A primazia das formas clássicas, a objetividade das imagens e o exercício do domínio vernáculo facilitaram sua aceitação pela elite, ávida por modelos eruditos. O simbolismo, entretanto, pelo subjetivismo exacerbado, tornava-se menos acessível, não possuindo o aparato cultural ostentatório do parnasianismo, nem a facilidade de expressão em jornais e periódicos, em sua maioria controlados pelos cultores da forma. O próprio Augusto dos Anjos teve uma passagem simbolista, inclusive bastante aproximada de Cruz e Souza, conforme atesta Magalhães Júnior³⁷ em seu estudo sobre o poeta.

Na Europa, a partir da década de 70, há uma tendência a pôr em xeque a ideologia positivista. É a época marcada por um sentimento de fim, um cansaço das coisas, há uma sensação de que o mundo está em decomposição. Este sentimento não é meramente resultante de um processo finissecular qualquer, mas de uma necessidade de renovação ideológica que reivindicava uma nova estética. A arte irá desempenhar essa função redentora no final do

³⁷ MAGALHÃES JÚNIOR, op.cit.

século XIX e início do XX, entre decadentistas e simbolistas. Desse modo, o decadentismo é, na definição de José Carlos Seabra Pereira: “...um estado de sensibilidade. Este é, em simultâneo, o próprio do homem finissecular desgostoso de si mesmo e de uma civilização em crise aberta...”³⁸

Em crise está também o mundo, tal como é visto por Augusto dos Anjos, cuja existência iniciada em 1884 é interrompida em 1914, época em que a intelectualidade europeia, ao contrário das classes mais abastadas e do povo em geral, que viviam a euforia da *belle époque*, passou a ter uma visão mais pessimista acerca do destino da humanidade. A constatação dos graves problemas que afligiam o mundo, não resolvidos pela ciência, nem pelo progresso, sobretudo porque o mundo burguês, em sua insaciabilidade de lucro, tornava-se mais e mais insensível aos grandes dramas humanos, levou os intelectuais a constatarem o fracasso do modelo iluminista de civilização.

Atormentado por esse sentimento de findar estava também Fernando Pessoa, como registra o *Livro do Desassossego*:

... Quando nasceu a geração, a que pertença, encontrou o mundo desprovido de apoio para quem tivesse cérebro, e ao mesmo tempo coração. O trabalho destrutivo das gerações anteriores fizera que o mundo, para o qual nascemos, não tivesse segurança que nos dar na ordem religiosa, esteio que nos dar na ordem moral, tranqüilidade que nos dar na ordem política. Nascemos já em plena angústia metafísica, em plena angústia moral, em pleno desassossego político. Ébrias das fórmulas externas, dos meros processos da razão e da ciência, as gerações, que nos precederam, aluiram todos os fundamentos da fé cristã...³⁹

Atraído pelo século XIX, do qual era remanescente, Pessoa reflete sobre a decadência, a partir de uma análise desse processo, justificando a necessidade de o homem escolher um caminho: ou persistir na crença em Deus ou a ela renunciar e, ao fazê-lo, afirmar a si próprio. A solução estava em uma das alternativas e a decadência reservava-se à negação de ambas as

³⁸ PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e simbolismo da poesia portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românticos, 1975. p. 22-23.

³⁹ PESSOA, Fernando. apud OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. Curitiba: Criar, 2002.p.27

possibilidades. Para ele isto era a decadência: o afastamento das proposições Deus e Homem⁴⁰. Em ensaio sobre Fernando Pessoa, Haquira Osakabe aborda as considerações do poeta português sobre a decadência, baseando-se em textos datados a partir de 1906. Ficam claros o raciocínio próprio dos céticos e a alusão ao livro de Schopenhauer, *Livre Arbítrio*. A questão tratada é, evidentemente, a liberdade e conclui-se que a dor resulta da limitação.

Em 1915, Fernando Pessoa⁴¹ aperfeiçoa esse posicionamento, desenvolvendo considerações acerca da sua visão social, explicação que desemboca na dissociação do pensamento ou sentimento coletivo, afirmando o indivíduo como única realidade social, assumindo que é desse princípio de individuação que decorre o natural egoísmo do homem. Daí porque o poeta, ao analisar questões relativas à decadência em seu país, desconsidera todas as soluções humanitárias. Isso porque está convicto de que o humanitarismo quer o justo e, nas suas palavras, “... a justiça é a mais estúpida das ilusões...”⁴². Retruca, ainda, manifestando-se contra o humanitarismo porque ele, descendendo do cristianismo que também não representou solução, não conseguiu implementar a base de sua própria doutrina: Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Também não o fizeram as diversas revoluções, e isso porque tal feito era, na opinião de Pessoa, impossível de realizar-se.

Dessa forma é que tais proposições (cristianismo e humanitarismo), segundo o poeta, continuaram a oferecer alternativas sociais inúteis, oriundas da ignorância das leis que regem a vida das sociedades e do desconhecimento de uma realidade humana incapaz de comportar o livre arbítrio, como prega a fé cristã ao julgar o homem como um ser livre, quando a ciência prova que se trata de um escravo. Esta é a grande falha do cristianismo, das doutrinas humanitárias e revolucionárias: acreditar que, pela imposição de dogmas podem

⁴⁰OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. Curitiba: Criar, 2002.

⁴¹PESSOA, Fernando. apud OSAKABE, op. cit, p. 64-65.

⁴²Id. p.67.

alterar, nas palavras do poeta português, “ ... o velho homem humano – porco, sensual, estúpido, patriota e proprietário...”⁴³

Fica posto, a partir da análise do pensamento de Pessoa, que o mal-estar característico daquele fim de século, cuja repercussão se propagou nos primeiros anos do século XX, era bastante difundido nos meios intelectualizados, sobretudo pela convicção do insucesso das alternativas iluministas, incapazes de dar conta dos graves problemas sociais instalados pela modernidade. Esse contexto histórico guardava um sentimento de mal-estar, um cansaço das coisas e uma percepção de que algo estava a apodrecer.

Nos anos de 1900, os autores mais apreciados eram, além dos realistas e naturalistas já mencionados, J-K. Huysmans e Anatole France, Pierre Loti, Marcel Prévost. A literatura refletia situações que denotavam escapismos, exotismos, prazeres mundanos, numa tentativa de dissipar o mal-estar generalizado. A atmosfera era decadente e havia uma tendência da arte, contrariando as escolas parnasiana e naturalista, à subjetividade. É um movimento contra o academicismo poético e o cientificismo predominantes nas manifestações literárias de então. É a ideologia decadente, a estética obscura, uma poesia menos material.... É absolutamente clara a influência de Arthur Schopenhauer, oferecendo lastro para todo esse pessimismo. Pensando que todo mal resultava da sujeição à força metafísica que se objetiva como Vontade, Schopenhauer propõe a contemplação pura da arte como fuga provisória às dores do mundo. A motivação para essa arte preconizada pelo filósofo é a convicção de que o universo material é apenas uma aparência, uma representação e a consciência somente apreende suas próprias representações. A imaginação é assim, uma força superior, capaz de transformar o real.

Se a poesia de Augusto dos Anjos reflete, principalmente no nível das idéias, a presença de algumas dessas concepções, ela não manifesta, por outro lado, uma recusa ao

⁴³ PESSOA, Fernando. apud OSAKABE, op. cit, p.67.

Cientificismo. Antes, dele se serve para elaborar a sua idéia de mundo. É esta a sua arte, uma combinação de doutrinas, ciências e filosofias nem sempre compatíveis.

Fruto de uma expressão originalíssima e, portanto, sem vínculos diretos com os modelos poéticos em vigor no cenário literário nacional do início do século passado, *Eu* desafiou os modelos poéticos parnasianos, inaugurando uma estética que em tudo contrariava a noção de beleza e sobriedade. Sua linguagem insólita, permeada por vocábulos científicos, imagens de decomposição, doença e morte, condenou o poeta a uma quase marginalidade.

Um talento como o de Augusto dos Anjos não poderia ser reconhecido num ambiente como o Rio de Janeiro da *Belle Époque*. A cidade, desde as reformas urbanísticas de 1904 implementadas por Pereira Passos e das campanhas sanitárias promovidas por Oswaldo Cruz, ambicionava ser uma “Europa Possível”. No momento em que se buscava extirpar do espaço urbano a sujeira e as doenças, sobretudo a febre amarela, modernizando a cidade, embelezando-a, colocando-a nos moldes da capital francesa, um livro repleto de referências a vermes, bactérias e toda sorte de putrefações não poderia ser bem recebido. A intelectualidade carioca, refletindo esses anseios de refinamento e elegância, não poderia apreciar uma poesia cujos temas eram o avesso desse ideal.

Augusto dos Anjos, é certo, distanciava-se da literatura denominada de “sorriso da sociedade”. Sua poesia foi considerada extravagante pelos críticos da época, sua arte não obteve o justificado reconhecimento pelo que tinha de inovador, de revolucionário. Apesar de se distanciar do ponto de vista desses representantes mais importantes da literatura da época, o pensamento do poeta não gerava ações e nem as planejava. Eram reflexões que não repercutiam numa militância político-ideológica, conforme o costume dos intelectuais do seu tempo. Seus versos exprimem, sem dúvida, o evolucionismo de Spencer, o monismo de Hackel, em tensão com concepções trazidas de Schopenhauer. Através do filósofo alemão, travou contato com tendências do pensamento oriental, notadamente, o budismo. Todas essas

correntes de difícil combinação, aliadas à fé católica não totalmente abandonada, dão uma idéia da complexidade do seu espírito.

José Oiticica⁴⁴, colunista de um jornal de oposição, *A Época*, traça o perfil de Augusto dos Anjos, demonstrando que representava uma Poesia Nova, diferente de tudo quanto estava em vigor nos meios literários. De fato, ao analisar a influência de Baudelaire no Brasil, Antonio Cândido, no ensaio *Os Primeiros Baudelairianos*⁴⁵, aponta como ápice os anos de 1890 e os primeiros anos do século XX, período simbolista. Cândido afirma ter o poeta paraibano assumido de forma intensa os tons de amargura, o senso de decomposição, bem como o castigo da carne, traços atribuídos ao mestre francês. Em seguida, passa a configurar o momento inicial no qual se operou tal influxo, os anos de 1870 e 1880, estabelecendo como ponto de partida a necessidade dos jovens poetas de expressar rebeldia e contestação da ordem institucional e política. Assim, esses escritores operavam certa deformação na poesia de Baudelaire, adaptando-a às suas conveniências, através da exploração de componentes como tédio, irreverência e amargura. A rebeldia não deixava de atuar no plano estético, como mecanismo de combate ao Romantismo, servindo, ao mesmo tempo, como campo de batalha entre a tradição e a renovação. Por renovação, entenda-se o Realismo Poético e Realismo Social, cujo objetivo era, nas palavras de Cândido:

..uma poesia progressista em política e desmistificadora com relação à vida. O Victor Hugo de *Les châtiments* serviu de estímulo para o primeiro aspecto; Baudelaire, para o segundo, com o reforço mediador dos portugueses da “geração de 65”, que já tinham enfeixado ambos na sua obra, como é visível em Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Em 1875 foi publicado em Lisboa *Claridades do Sul*, de Gomes Leal, onde se encontram a “idéia nova” e a influência baudelairiana, além de premonições de Augusto dos Anjos. ...

Na ótica de Cândido, essa apropriação do poeta francês pelos jovens rebeldes resultou numa apreensão deformadora. Tendo servido como arma contra o Romantismo, a

⁴⁴ BARBOSA, op. cit, p. 76.

⁴⁵ CÂNDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

visão parcial da poesia de Baudelaire acabou também por imprimir ao sexo uma conotação animalésca não contemplada na obra do poeta francês. Eram usadas imagens do mundo animal associadas à idéia do amor carnal. Assim, Cândido considera que a associação do desejo sexual à ferocidade animal é freqüente no realismo poético brasileiro, sendo perceptível também na poesia de Augusto dos Anjos, conforme se infere da leitura dos versos:

...O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,
- Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;⁴⁶

Alfredo Bosi⁴⁷ também aponta a imprecisão nas apropriação de *As Flores do Mal* perpetradas pelos poetas realistas brasileiros:

De Baudelaire assimilaram os nossos poetas realistas, Carvalho Júnior e Teófilo Dias, precisamente os dados mais sensuais, desfigurando-os por uma leitura positivista que não responde ao universo estético e religioso d'As Flores do Mal. O eros baudelairiano, macerado pelo remorso e pela sombra do pecado, está longe destas expansões carnais, quando não carnívoras, de Carvalho Jr.:

Como um bando voraz de lúbricas jumentas,
Instintos canibais refervem-me no peito
(Antropofagia)

ou de Teófilo Dias,

...da presa, enfim, nos músculos cansados
cravam com avidez os dentes afiados
(A Matilha)

Na poesia de Augusto dos Anjos, as expressões eróticas estão quase sempre marcadas pela noção de pecado e culpa.

...Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
Receando outras mandíbulas a esbagem,
Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríasis sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!...⁴⁸

⁴⁶ ANJOS, op. cit. Cismas do Destino. p. 111. Citado como (CD)

⁴⁷ BOSI. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 245, 246.

⁴⁸ ANJOS, op. cit. A Fome e o Amor. p. 194.

...O prazer que na orgia a hetaíra goza
Produz no meu sensorium de bacante
O efeito de uma túnica brilhante
Cobrindo ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa,
O sistema nervoso de um gigante
Para sofrer na minha carne estuante
A dor da força cósmica furiosa ...⁴⁹.

Segundo Antonio Cândido, os primeiros baudelairianos não se interessaram pela temática dos espaços externos e os seus problemas. No entanto, assimilaram a modernidade de Baudelaire por trazerem à sua poesia, ao contrário dos românticos e parnasianos, a vida presente e seus conflitos. Cândido afirma, ainda, a marca do poeta francês na poesia de Augusto dos Anjos, salientando essa presença evidenciada pela recorrência do pessimismo e da amargura, preocupação com a decomposição, bem como desenvolvimento de temas relativos aos sofrimentos do corpo.

Com efeito, Baudelaire é o poeta iniciador da modernidade. Ele encarnou o conflito ideológico do século XIX: o embate entre as orientações cristãs e as relações implementadas pelo capitalismo. Os posicionamentos de uma estrutura capitalista dissimulada por valores religiosos acabaram por revelar uma teia de conflitos na ordem social. Os poetas, incapazes de entender esse conflito, e sem disposição para enfrentá-lo, simplesmente lançavam-se ao tédio. Baudelaire, movido pela vontade de compreender o seu tempo, bem como os seus graves problemas, projeta em sua poesia a angústia do conflito, conforme se percebe nos versos de *Ao leitor*⁵⁰, primeiro poema de *As Flores do Mal*.

Na poesia de Baudelaire, são raros os momentos em que se pode notar uma relação pacífica com os mistérios. O que se destaca é a dissolução de tudo quanto se refere à beleza, ao bem, à harmonia mística. Em verdade, conforme ensina Costa Lima⁵¹ “... A beleza,

⁴⁹ ANJOS, op. cit., Depois da Orgia. p. 151.

⁵⁰ BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004. “...E se o estupro, o veneno, o incêndio e a punhalada, / Não puderam bordar com seus curiosos planos / A trama banal vã dos destinos humanos, / É que a nossa alma enfim não é bastante ousada. ...”

⁵¹ LIMA. Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. 117.

neste lado mais dominante dos poemas baudelairianos, desgarra-se em definitivo do alto; caminha sobre os mortos, faz-se encantadora com o horror de que se enfeita e sobre seu ventre dança o assassínio. ...” É essa beleza que renega o sublime e se afasta da noção de Bem. É essa mesma beleza que o poeta colhe em suas incursões pelo mundo, o qual já não pode ser visto com os olhos da inocência. O poeta canta a ruína, a desagregação, a morte; dos versos de Augusto dos Anjos extrai-se o mesmo desencanto, o mesmo inconformismo e, em muitos momentos, conflitos com as concepções religiosas.

...Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo!...
(CD, 105)

Através da sua poesia, Baudelaire revela uma desesperada luta em busca de um lugar, em busca de uma expressão capaz de refletir suas visões de mundo e de traduzí-lo. Ele encara a realidade de uma nova ordem social e a cidade é o espaço de percepção mais nítido dessas transformações. Em *O Pintor da Vida Moderna*⁵², a partir do trabalho de um artista, na época, pouco conhecido, Constantin Guys, Baudelaire elabora um conceito estético que promove uma mudança da noção de beleza, relativizando-a, na medida em que passa a considerar também o aspecto transitório da vida como Belo. A beleza consagrada pelos artistas clássicos não deve impossibilitar a percepção de uma outra beleza, aquela circunstancial, que passeia pelas ruas e se deposita nas imagens mais ordinárias do dia-a-dia. O presente, a vida transitória, além do Belo, tem algo a oferecer: a sua própria atualidade.

Baudelaire estabelece uma teoria racional e histórica do novo Belo, confrontando-a com a concepção de beleza absoluta, para evidenciar que o Belo comporta necessariamente uma dualidade nem sempre perceptível, em razão da dificuldade em se dissociar seus elementos no momento da impressão: um eterno, em quantidades dificilmente determináveis,

⁵² BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: *Obras estéticas* filosofia da imaginação criadora. Petrópolis: Vozes, 1993.

e outro incidental, variável de acordo com a época e os valores vigentes. Assim, define a beleza imutável como a alma, enquanto a circunstancial lhe seria o corpo. A reflexão do poeta francês leva em consideração a frase de Stendhal: “Belo não é senão a promessa de felicidade”⁵³. Essa definição flexibiliza sobremaneira a noção de belo, destituindo-a do seu caráter “aristocrático”, contribuindo para a reformulação do conceito entre os acadêmicos.

O artista moderno pode ser comparado ao filósofo, ao *flâneur*, ao observador que persegue a beleza inesperada, transitória, mas inexplicavelmente eterna. A modernidade, definida como o efêmero, o fugidio, é afirmada como uma parte da arte e o poeta transforma-se em pintor da matéria quotidiana, da vida presente com sua fugacidade, suas mesquinhas, suas misérias. Essa inovação estética abriu caminho para novas formas de expressão, inclusive a de Augusto dos Anjos, o cantor de um mundo degradado, o observador de uma vida que, em franca decadência, precipita-se para a morte. Em seus versos, tudo remete à idéia da dissolução, conseqüência da deterioração das relações humanas.

Para Otávio Paz⁵⁴, a poesia moderna trabalha com um mundo analógico, estruturado pela harmonia. Essa crença na correspondência entre todas as coisas é anterior ao cristianismo, tendo atravessado a idade média e alcançado o século XIX. A analogia configurou-se como o princípio dos princípios, opondo-se à razão das filosofias e às revelações religiosas, fez coincidir esse pressuposto com a própria poesia que é uma das suas manifestações consubstanciadas nas imagens e figuras de linguagem que visam a similitude, processo cognitivo primordial. Entretanto, em alguma medida, na modernidade, essa harmonia é quebrada, constata-se a impossibilidade de se afirmar essa realidade analógica porque a dissonância da história já não permite a crença nas correspondências, nos círculos perfeitos do mito e a transcendência fixa e estável já não é possível. Resta a morte, a

⁵³ STENDHAL. apud Baudelaire, Charles. *O pintor da vida moderna*. Trad. de Adolfo Casais Monteiro. Cadernos “Inquérito”, série I – Arte V, Lisboa.

⁵⁴ PAZ, Otávio. *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994

consciência da finitude, resultado de uma concepção de um tempo linear, corrosivo. Essa constatação do limite humano elege o seu mecanismo de reação: a ironia, a beleza grotesca, disforme...A poética de Baudelaire, como também a lírica moderna, estrutura-se a partir da tensão estabelecida entre a analogia, a visão de mundo através das simetrias que comportam uma vinculação ao mundo cíclico e, portanto, ligado ao pensamento mito-poético, e a ironia, perda da ilusão diante da constatação da impossibilidade de transpor a matéria. A essas duas forças acrescenta-se, na poesia de Augusto dos Anjos, a noção de pecado. Com efeito, o poeta paraibano não se cansa de especular sobre o destino e a finalidade da existência, e seus versos não se afastam, conforme já explicitado anteriormente, de elaborações moralizantes, sob as quais se percebe claramente um espírito atormentado.

...Não me incomoda esse último abandono.
Se a carne individual hoje apodrece,
Amanhã, como Cristo, reaparece
Na universalidade do carbono!...”
(OD, 129)

...Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena! ...
(CD, 109)

A poética de Augusto dos Anjos comporta, além das suas próprias angústias, as tensões de um mundo em dissolução, o Pau d'Arco, símbolo de um mundo arcaico tragado pela força do “progresso”. A marcha inexorável não parece convencer o poeta que, como observador e crítico do processo que parecia levar a civilização à ruína, desconfia, sofre e questiona os destinos da humanidade.

2. AS CISMAS

2.1 UM QUESTIONAMENTO EXISTENCIAL E FILOSÓFICO

Na poesia de Augusto dos Anjos são constantes as preocupações com os destinos humanos. Conforme dito anteriormente, a idéia da origem, da corrosão e da transformação do Cosmo é recorrente. Lúcia Helena chega a afirmar que o *Eu* é, na verdade, um poema único, concentrando a sua reflexão no questionamento acerca dos caminhos percorridos pelo homem, sua procedência e seu fim. O poema de abertura do livro, *Monólogo de uma Sombra*⁵⁵, já traz essa dimensão filosófico-existencial.

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Polipo de recônditas reentrâncias,
Larva do caos telúrico procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias! ...

O poeta, colocando-se na função de observador do universo, vai exteriorizando as suas impressões sobre origem e finalidade da vida, amparado nas concepções filosóficas e científicas difundidas no século XIX.

...Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta,

⁵⁵ ANJOS, op. cit. p. 91

O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as cousas se reduzem!...⁵⁶

A formação intelectual de Augusto dos Anjos foi bastante influenciada pelo cientificismo do século XIX, tendo assimilado de Haeckel a doutrina do monismo, explicada sucintamente, como o discurso filosófico da natureza unitária, inteira, orgânica e inorgânica, conhecida e desenvolvida a partir de uma lei fundamental comum. Isso possibilita a compreensão da não existência de um limite entre o mundo vegetal e o animal, e entre este e o humano, daí decorre também a não diferenciação entre ciência da natureza e do espírito⁵⁷. Ao transformismo de Spencer “...correspondem as leis e a mecânica a que todas as coisas se reduzem, quando focalizadas pela ótica da ciência crua”...⁵⁸. Às leituras de Haeckel, Spencer e Darwin soma-se uma concepção de mundo schopenhauriana, da qual o poeta extrai certos aspectos do budismo.

Francisco de Assis Barbosa⁵⁹ afirma que em Augusto dos Anjos o conceito de destino se vincula ao sentido búdico da vida, daí o entendimento da existência como sofrimento, dor, mesma concepção presente no sistema de Schopenhauer, cuja obra mais importante é *O Mundo como Vontade e Representação*.

A filosofia de Schopenhauer, segundo Anatol Rosenfeld⁶⁰, tem por base o pensamento de Immanuel Kant, que pressupunha o conhecimento do mundo como representação. Assim, as coisas só são compreendidas como dados da consciência, ou seja, as coisas só existem, como tais, a partir do que os sentidos transmitem à consciência. E como seriam estas coisas fora da consciência? Não é possível saber, pois, quando determinada coisa se apresenta é já impregnada das particularidades do sentido e da própria consciência. O

⁵⁶ ANJOS, op. cit. p. 92

⁵⁷ HAECKEL, Ernest. *O monismo*. Trad. Fonseca Cardoso. Porto: Livraria Chardon, 1908.

⁵⁸ HELENA, Lúcia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p.71.

⁵⁹ BARBOSA, op.cit, p. 76.

⁶⁰ ROSENFELD, Anatol. *Influências estéticas de Schopenhauer*. Texto/Contexto I. São Paulo: Perspectiva, 1996.

mundo apresentado pela consciência humana em suas formas de tempo, espaço e causalidade é só aparência e é designado como “mundo dos fenômenos”. O que é independente da consciência e não percebido como tempo, espaço e causa são as “coisas em si”, inacessíveis, segundo Kant.

Schopenhauer parte também dessa concepção: ele reconhece a representação e identifica o mundo desvinculado da consciência que, para Kant, afigurava-se inapreensível, como vontade, tendência cega, inconsciente e insubmissa ao princípio de razão, encontrada na natureza e nas suas leis, bem como nos aspectos orgânicos da vida humana.

Por saber que a vontade é a essência do mundo, compreende-se a vida como reflexo, manifestação dessa vontade, e o mundo aparece, para a percepção, como representação, ou seja, o mundo é fenômeno. A partir dessa consideração, pode-se entender que o mundo, tal como é apreendido, não tem o seu significado em si mesmo, mas tão somente na coisa em si, na vontade, responsável pelo seu molde exterior. Fica entendido, portanto, que o mundo, tal como se apresenta à consciência humana, é resultado da manifestação da vontade que se afigura como essência da natureza, como impulso condutor das forças presentes na vida e na morte.

Em sua teoria, Schopenhauer atribui o sofrimento humano à incessante vontade de vida, ao desejo que, uma vez satisfeito, apenas resultará em novos desejos. É a falta do objeto do desejo a causa das dores humanas. Definida a vontade como força metafísica e irresistível, a controlar os impulsos sexuais e as outras manifestações de vida e de morte, no mundo orgânico e inorgânico, o homem aparece como simples brinquedo manipulado por forças perversas, capazes de submetê-lo aos seus caprichos. É esse o grande drama da existência.

Para Schopenhauer, as razões da conduta são proporcionais ao conhecimento. Então, se o conhecimento pode modificar-se ao longo da vida, entre o erro e a verdade, conclui-se que a conduta do homem pode ser transformada pela ação do conhecimento. Não

se pode afirmar, em absoluto, que tal transformação atinge também o caráter, porque o âmago do ser humano não se altera. Diante disso, reafirma-se o princípio de que o homem nunca é livre, mas é sempre escravo de forças irresistíveis que o arrastam às paixões e aos desejos, levando-o, ao fim, à destruição. Vê-se nessa assertiva algo de terrível, determinante da miserável condição humana; a mesma condição preconizada pelo poeta do *Eu* em seus poemas, quando entrevemos o homem ou ele próprio, descritos e sentidos como seres fadados ao sofrimento, à dor e à morte. Com efeito, em *O Mundo como Vontade e Representação*⁶¹, há um capítulo intitulado *Viver é Sofrer*. Para o filósofo alemão, o sofrimento é mais do que inerente à condição humana. Essa mesma idéia se percebe nos versos de *Farewell*, último livro de Carlos Drummond de Andrade, uma publicação póstuma na qual o poeta registra a sua despedida, uma despedida amparada no princípio da unidade universal do sofrimento, concepção bastante próxima da doutrina de Schopenhauer. Nesse sentido, o poema de abertura, *Unidade*⁶², é bastante significativo:

As plantas sofrem como nós sofremos.
Por que não sofreriam
se esta é a chave da unidade do mundo?

A flor sofre, tocada
por mão inconsciente.
Há uma queixa abafada em sua docilidade.

A pedra é sofrimento
Paralítico, eterno.

Não temos nós, animais,
sequer o privilégio de sofrer.

Farewell retoma alguns temas recorrentes na poesia de Drummond, sintetizando-os em uma idéia final que reinscreve as impressões últimas do poeta “gauche”, do caminhante da estrada de minas pedregosa, do funcionário público, das lembranças da vida em família e, ainda, considerações sobre a idéia de amor e morte que inequivocamente acabam

⁶¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Trad. de Heraldo Barbuy. 3. Ed. São Paulo: Brasil, 1963.

⁶² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.15.

remetendo ao desgaste do corpo, à matéria que se consome, ao tempo corrosivo, testemunho amargo da *Carne Envilecida*⁶³:

A carne encanecida chama o Diabo
e pede-lhe consolo. O Diabo atende
sob as mil formas de êxtase transido.
Volta a carne a sorrir, no vão intento
de sentir outra vez o que era graça
de amar em flor e em fluida beatitude.
Mas os dons infernais são novo agravo
à envilecida carne sem defesa,
e nada se resolve, e o aroma espalha-se
de flores calcinadas e de horror.

Para Schopenhauer, o querer viver, ou a vontade, tem como mais enérgica afirmação o instinto sexual, constituindo, tanto para o homem, quanto para o animal, a maior manifestação da vida, posto que é a causa da manutenção da espécie.

A vontade de vida é, para o filósofo do pessimismo, conforme dito anteriormente, essência íntima do homem, sendo desprovida de conhecimento, que é um princípio estranho à origem. Daí porque o homem, em sua ignorância, tem tanto apego à vida, a uma vida que deveria servir tão somente para conduzi-lo, levando-o de volta ao nada, ao não ser. É essa a explicação para o fato de ser impossível a felicidade em vida, pois a ela é inerente à vontade.

É fato que o cerne da poesia de Augusto dos Anjos revela o embate entre o cientificismo, com a sua visão inerente à época, donde decorria a configuração de homens e animais como partes de um mesmo destino, a degeneração e a morte; e a não completa aceitação desses pressupostos materialistas. Tal recusa resulta da angústia produzida pela constatação de que a vida humana está atrelada à natureza, de que o sexo é manifestação bestial e a morte, finalidade da existência. A sua poética transita entre o angustiante desespero - que a resposta da ciência lhe oferece, ao propor a existência humana igualada a dos animais e, por isso, igualmente destinada à morte - e a esperança na transcendência, que afirma a primazia do espírito, do sublime e, em conseqüência, da cultura.

⁶³ ANDRADE, op.cit, p.17.

Schopenhauer atribuía a salvação do homem à inteligência e à reflexão, capazes de esclarecer o mal resultante da vontade, impulso metafísico que leva o ser humano à destruição. A compreensão dessa aparência, na qual se configura o mundo como produto da vontade, diminuiria a incidência da mesma. Desse modo, eliminado o querer, o desejar, desapareceria também o mundo dos fenômenos, concluindo-se que, se não há vontade, não há representação, nem mundo, resta apenas o Nada, o Nirvana.

A inteligência e a capacidade de reflexão são concebidas como propulsoras de uma nova conduta humana regida pela contemplação das idéias platônicas e das obras de arte como forma de redenção, ainda que provisória, dos sofrimentos. Daí resulta a concepção da libertação pela arte que tanto influenciou as estéticas finisseculares. Dessa forma, a imaginação é concebida como uma força superior a transformar a realidade circundante. Essa noção, mais tarde desenvolvida por intelectuais e artistas, reafirmou ainda mais o pessimismo que tomou conta do pensamento ocidental, produzindo questionamentos sobre a racionalidade do ser humano e os seus destinos evolutivos.

As Cismas do Destino expõe questões centrais da poética de Augusto dos Anjos. No poema, aparece de forma bastante contundente o questionamento acerca dos caminhos percorridos pela civilização ocidental, bem como o cientificismo e sua particular visão que igualava homens e animais como participantes de um destino comum, a morte, daí decorrendo a angústia e oscilação diante dessa idéia. Desse modo, negar a transcendência é negar o espírito, invalidar a ordem sublime e, em decorrência, a cultura. O poeta, com horror, constata a pertença do homem à natureza, revelada pela materialidade do corpo devorado pela doença, e encara a sexualidade como instinto bestial, para isso contribuindo, ainda, a noção religiosa de culpa.

O poema, já em seu título, traz a marca de um questionamento existencial e filosófico, evidenciando uma preocupação do poeta no que respeita ao futuro da humanidade.

A reflexão sobre a trajetória humana e a desconfiança de que esse caminho não conduziu ao progresso demonstram a falência do modelo civilizatório ocidental. *As Cismas do Destino* iniciam-se a partir de um momento em que o autor recorda uma sensação experimentada durante a travessia da ponte Buarque de Macedo, que não por acaso conduz ao necrotério em Recife.

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino e tinha medo! ...
(CD, 102)

A travessia da ponte é o evento que faz disparar todo um arsenal de sensações e angústia. Bosi⁶⁴, a partir de Carlo Diano, descreve evento como um acontecimento motivador da criação textual, da qual participam elementos de temporalidade e subjetividade. É importante ressaltar que o evento não é um acontecimento qualquer, mas algo capaz de tocar particularmente um sujeito. Ocorre o evento, em suma, quando o acontecer é apreendido sob determinado aspecto pelo sujeito, o qual devolve essa percepção aparentemente encerrada em uma forma.

Em *As Cismas do Destino*, a rememoração de uma experiência é vivida pelo sujeito lírico, de forma que o poema vai descortinando uma série de emoções, dúvidas, angústias e medos projetados na alma. O autor rememora os sentimentos e as imagens percebidas e, retirando-as da memória, no momento da criação, revive intensamente as aflições, expondo-as na sua composição. É essa possibilidade de fazer o tempo voltar que Bosi, num texto no qual descortina as diversas formas de leitura da temporalidade, chama de tempo reversível, tempo da memória que conduz o pensamento humano ao retorno, como se verifica no poema em questão. É a memória, dilatando-se e recompondo-se, fantasia que leva Augusto dos Anjos a reviver as inquietantes ansiedades experimentadas em sua caminhada

⁶⁴ BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: *Céu e inferno*; ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

pelas ruas da cidade de Recife, iniciada pela travessia da ponte. O tom rememorativo acerca das observações dos costumes torpes da vida da cidade vai-se desenvolvendo para, ao final, conduzir, num tom profético, a uma condenação.

Nessa recordação, o poeta percorre todo o caminho de volta, dentro da sua alma e da sua condição humana de observador de um mundo que, para ele, degrada-se moral e socialmente. Fundem-se passado e presente, com a suspensão do fluxo temporal que estende o momento da percepção.

As imagens presentes no poema representam a realidade das observações do poeta sobre o mundo, fixadas conforme sua experiência, seu modo de apreensão. O olhar alcança, desse modo, a forma aparente e sua impressão, liberando-se depois através da representação onírica. Em verdade, o poema faz um percurso que vai da lembrança à alucinação.

A memória projeta imagens pavorosas que saltam dos versos, delineando uma atmosfera habitada por vermes e seres humanos animalizados, impregnada de dejetos, sangue, morte, dor. A alucinação apodera-se da alma do poeta, povoa-a de visões aterradoras da matéria apodrecida dos cadáveres, instalando uma espécie de delírio no qual as experiências fantasmáticas assumem contornos de realidade.

As ruas da cidade são descritas como um verdadeiro inferno. Augusto dos Anjos transcreve uma série de objetos, lugares, pessoas e animais captados como uma visão dantesca:

...Lembro-me bem. A ponte era comprida
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendida por toda a minha vida! ...

...Mas a irritar-me os globos oculares,
apregoando e alardeando a cor nojenta,
fetos magros, ainda na placenta,
estendiam-me as mãos rudimentares! ...

(CD, 102,103)

O delírio de Augusto dos Anjos aproxima-se do de Brás Cubas, pois em ambos é anunciada uma revelação. Na alucinação do poeta do *Eu* é bastante forte o momento em que ele espera, em tal revelação, o “...O eco particular do meu destino...”. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*⁶⁵, Machado de Assis insere seu personagem em um delírio, no qual é transformado em figuras diversas, até que, restituído à forma humana, vê-se conduzido por um hipopótamo que lhe informa estarem indo para a origem dos séculos, para talvez obter uma explicação de todas as coisas. O tom da narrativa machadiana remete à *Divina Comédia*⁶⁶, sobretudo porque Dante também caminha rumo à revelação e para isso o poeta italiano é guiado por Virgílio ao longo dos círculos infernais, sendo depois conduzido no purgatório por Estácio, até chegar ao paraíso onde é recebido por Beatriz que, por amor, obteve do céu a graça de que Dante, vivo, pudesse transitar do inferno ao paraíso e, nesse percurso, compreender os mistérios divinos, devendo trazer essa preciosa informação aos homens.

A figura de mulher que aparece a Brás Cubas anuncia uma revelação negativa: ela lhe explica a realidade da natureza humana, a condição de verme inerente ao homem. Essa mulher identifica-se como Natureza ou Pandora, afirma-se como vida e morte, os movimentos cíclicos denominados por Schopenhauer como originários da Vontade. É essa a dimensão mais evidente na ficção de Machado: a existência é apenas a manifestação dessa força da natureza que tudo controla, determina e, ao fim, arrasta o homem para a decomposição orgânica, para a morte, para o Nada. A misteriosa figura segue desvendando para o atordoado Brás, através de uma sucessão de imagens, todo o lamentável espetáculo da história humana, todas as suas torpezas, paixões, vilanias, ódios...Todas as ilusões da triste e miserável vida que segue o seu curso, um caminho para a destruição. A revelação reflete um extremo pessimismo identificado com a doutrina de Schopenhauer.

⁶⁵ ASSIS. Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São paulo: Melhoramentos, 1967.

⁶⁶ ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. de Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural,2003.

Comparável a essa passagem machadiana, o delírio de Augusto dos Anjos porta uma simbologia característica na qual figuram componentes horripilantes. Nos dois casos, a idéia transforma-se em sonho. No poema, as matizes cromáticas sugerem ora sangue, ora putrefação, escarros, vômitos, gosmas amarelas, num espetáculo tão fantástico quanto asqueroso. Toda essa articulação onírica tem como fonte provável um momento de dolorosa reflexão a respeito da condição humana, exposta às dores, à limitação da matéria que se degenera, adoce e morre, uma fatalidade da qual nenhum ser escapa. O poeta, a partir das demonstrações da ciência, conclui que a vida, ao fim, destina-se tão somente à dor. Essa compreensão haurida na filosofia de Schopenhauer traduz o seu enorme pessimismo e a sua peculiar compreensão da vida resumindo-se a sofrimentos.

A humanidade é descrita como uma multidão cheia de vícios e anomalias, e é essa multidão de seres disformes, na qual o próprio poeta se inclui, que salta das páginas do poema, revelando as grandes tensões do seu espírito. A concepção cientificista que prevê uma hierarquia da natureza é incapaz de anular as igualdades entre homens e animais estabelecidas pelo sexo e pela morte. Por outro lado, essa constatação leva ao desespero, pois nega a possibilidade de transcendência. Os versos abaixo sintetizam esse entendimento:

... Foi no horror dessa noite tão funérea
Que eu descobri, maior que Vince,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade da matéria!

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acre fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,
Numa dança de números quebrados! ...
(CD,105)

As imagens de morte multiplicam-se nessa lembrança horrenda que o vislumbre da noite e de todos os seus personagens suscitam na mente do poeta. A humanidade decrepita é representada por prostitutas, bêbados, doentes e uma multidão de infelizes resultados de

composições e evoluções da matéria e das células, inclusive ele mesmo, nessa lucubração, condenado a um estado de inferioridade e limitação.

...Mas refletindo a sós sobre o meu caso,
vi que, igual a um amniota subterrâneo,
Jazia atravessada no meu crânio
A intercessão fatídica do atraso! ...
(CD, 108)

A travessia da ponte, o início de um caminhar pela cidade, leva a reflexões acerca da natureza humana. O poeta observa a realidade à sua volta, traduzindo as vicissitudes do ser humano e, a partir da sua cosmovisão, vai estabelecendo uma série de digressões acerca da existência, demonstrando a sua precariedade, os vícios, as fragilidades. O delírio vai configurando um “sujeito lírico” imerso numa grande tensão diante da resposta da ciência para a sua maior angústia: O que é o homem, afinal? Embora a vida se mostre uma sucessão de misérias, o poeta rejeita a morte como fim de toda existência, contra essa idéia, ele se debate e luta.

Nessas oscilações, entre o tormento da desintegração completa da matéria e a esperança na transcendência, o poeta titubeia, vez por outra expressando esperanças acalentadas em seu íntimo, mas que a razão e a ciência não confirmam. Em meio a essas incertezas, uma voz que brota da sua mente atormentada pelo turbilhão de impressões e dúvidas ecoa, sugerindo uma revelação:

...Nisto, pior que o remorso do assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,
Numa impressionadora voz interna,
O eco particular do meu destino: ...
(CD, 109)

Mas a voz profética não lhe revela os mistérios da vida, a voz não lhe diz nada, condena-o à morte e aponta o seu destino que é o dos poetas e pensadores:

...homem! por mais que a Idéia desintegres,
Nessas perquirições que não têm pausa,
Jamais, magro homem, saberás a causa
De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes , por perscrutar (oh! Ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas. ...

...Adeus! Fica-te aí, com o abdômem largo
A apodrecer! ...És poeira, e embalde vibras!
O corvo que comer as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor amargo! ...
(CD, 110,114)

Na metade do século XX, em *A Máquina do Mundo*⁶⁷, Carlos Drummond de Andrade relata uma experiência semelhante. O caminhante de “...uma estrada de Minas pedregosa...” depara-se com a máquina do mundo que se abre, oferecendo o conhecimento do universo, permitindo-lhe desvendar os seus segredos, as suas engrenagens e com isso obter a resposta para o mistério da vida:

E como eu palmilhasse vagamente
Uma estrada de Minas, pedregosa,
E no fecho da tarde um sino rouco...

...a máquina do mundo se entreabriu...

...convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas, ...

(MM, 281,282)

Nesse poema, Drummond retoma o canto X de *Os Lusíadas*, de Camões, quando a soberana das ninfas, Tétis, concede ao português Vasco da Gama a oportunidade de contemplar a “máquina do mundo”, detentora do saber universal, ao qual apenas os deuses tinham acesso.

A máquina do mundo, ao se abrir para Drummond, ofertando a explicação da vida, encontra um interlocutor desenganado, alguém que já desistiu de compreender tais mistérios, alguém esquivo, arrependido de um dia ter ansiado por conhecimentos superiores,

⁶⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro. Record, 2003. p. 281-285. Citado como (MM)

conforme se constata através dos versos:

...a máquina do mundo se entreabriu
para quem de romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia. ...
(MM,281)

Ao final do poema, há a recusa do saber profundo, do conhecimento universal. O caminhante percebe que a revelação já não é possível. O poeta mineiro já não crê nas respostas da Ciência, nem na possibilidade de transcender. Nesse sentido, sua atitude é contrária à do homem quinhentista do poema épico camoniano, cuja concepção de mundo estava firmada na crença na razão triunfante e assentada sobre uma verdade ontológica. Dessa forma, a transcendência era possível e acessível à Razão dedicada ao desenvolvimento da sua lógica profunda. Drummond, entretanto, é herdeiro da tradição moderna e permeada pelos abalos impostos às crenças que, diante da história, não admite a possibilidade de fixar uma ordem transcendente.

O “sujeito lírico”, em *As Cismas do Destino*, difere do caminhante da estrada pedregosa de *A Máquina do Mundo*. Conquanto ambos se refiram à mesma busca, a do mistério da vida, o primeiro, apesar da procura insistente, não obtém qualquer resposta concreta às suas perquirições existenciais, o que, no entanto, não lhe retira totalmente a esperança de transcendência, provavelmente haurida do budismo, através da Metafísica de Schopenhauer, e enunciada em vários versos.

...Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal, e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrata do Universo,
Minha morada equilibrada e firme! ...
(CD, 109)

Entretanto, adquire força no poema, nas divagações acerca dos mistérios da vida, a resposta da Ciência, e esta não cessa de lhe indicar que o homem caminha para a destruição, para a morte, uma morte vista não como integração no todo, mas como dissipação da matéria.

Já em *A Máquina do Mundo*, o “Eu Poético”, cansado de perseguir o saber

profundo, única verdade, desdenha da dádiva e, tomando-a como ilusória, quiçá como insuficiente para explicar os caminhos da vida, acaba por desprezá-la. Nesse poema, Drummond afirma a experiência individual contra as grandes construções ideológicas e religiosas, ainda que dessa experiência só emanem respostas negativas⁶⁸.

...e como se um outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cercava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um Dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita ao meu engenho. ...

(MM, 284)

Ao se compararem as duas cosmovisões, percebe-se claramente a distinção entre elas. Drummond não acredita que a Ciência possa fornecer uma fórmula para a explicação das complexidades da vida, nem crê na transcendência. Augusto dos Anjos, pertencente ao pre-modernismo, vive o dualismo entre a Ciência, que aponta para a fragilidade do ser humano, bem como sua pertença à natureza, donde deriva a sua condição de ser fadado a doença e à morte, e a recusa a essa concepção contra a qual seu espírito, ainda influenciado pelo idealismo romântico, rebela-se. Na confluência desses sistemas, o poeta encontra um caminho singular que pode ser aproximado à visão de Schopenhauer, com sua filosofia pessimista.

Em *As Cismas do Destino*, como no conjunto da poesia de Augusto dos Anjos, a doença está presente e encontra a sua expressão através das imagens de putrefação captadas pelo observador de uma vida, para ele, decadente. Os sentidos atentos vão recolhendo as impressões daquele outro mundo que escusamente a cidade abriga, dos transeuntes

⁶⁸ Para aprofundamento dessa visão Cf. VIEIRA LIMA, Mirella. Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: EDUSP, 1995.

incorporados àquele universo falsamente ignorado pelos padrões morais da hipocrisia social: prostitutas, bêbados, notívagos, sombras, divindades malfazejas, animais... Todos esses personagens compõem a imagem de um ambiente insalubre. Nesse sentido, a doença pode ser entendida, conforme já explicado, como expressão de uma visão materialista própria da época que igualava homens e animais. Por essa perspectiva, a doença é uma das faces reveladoras dessa condição humana evidenciada pela imagem do corpo precário e consumido.

A essa visão materialista soma-se o contexto histórico do final do século XIX e início do XX, no qual se constata o fracasso do projeto de civilização proposto pelo Iluminismo. O capitalismo desenfreado fazia multidões de vítimas e as filosofias pessimistas, influenciadas, além de Schopenhauer, também por Edouard von Hartmann, angariavam cada vez mais simpatia nos meios pensantes. Esse contexto finissecular trazia em si a sensibilidade própria da estética decadentista, um novo *mal du siècle*, profundo e desesperado. É inegável que essa concepção de mundo está presente na obra de Augusto dos Anjos, estando também, evidentemente, impregnada em sua personalidade. Assim, o poeta paraibano, ao analisar o mundo doente, de acordo com o pensamento da época, incorpora a própria doença do mundo:

...Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minha alma!...

...E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda parte,
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísia! ...

...Secara a clorofila das lavouras.
Igual aos sustentidos de uma endecha,
Vinha-me às cordas glóticas a queixa
Das coletividades sofredoras. ...

(CD, 104, 112,114)

Assim é que, ao analisar a doença na poesia de Augusto dos Anjos, não se pode deixar de remeter o pensamento para a sua própria imagem doentia. Os estudos citados

anteriormente, sobretudo os de Humberto Nóbrega, podem comprovar a idéia de que o poeta, ao que parece, incorpora a doença do mundo na própria imagem. Orris Soares, amigo pessoal do poeta, no prefácio da primeira reedição do *Eu, Elogio de Augusto dos Anjos*, assim testemunha:

...Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquálida – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada. A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos lábios uma crispação de demônio torturado. ...⁶⁹

Essa imagem do poeta abatido, de saúde frágil, é sempre mencionada em estudos da sua obra, no entanto, nas cartas familiares⁷⁰, os parentes tomam a sua morte como surpresa, pois não o sabiam doente. Ora, conforme dito anteriormente, Augusto dos Anjos não era tuberculoso. Então, de onde vem as imagens tão bem delineadas, como se lhe fossem corriqueiras, de escarros e hemorragias tão fartamente expostas em seus poemas? Faz-se necessário mais uma vez citar o prefácio de Orris Soares: “...Essa fisionomia, por onde erravam tons de catástrofe, traía-lhe a psique. Realmente lhe era a alma uma água profunda, onde luminosas, se refletiam as violetas da mágoa. ...”

Em *As Cismas do Destino*, como em muitos outros poemas de Augusto dos Anjos, os sinais da doença aparecem em referência à putrefação e a reações químicas tipicamente degenerativas. Alguns versos sugerem também uma enfermidade, referida como hereditária, que pode ser associada à percepção de uma humanidade inserida em um processo civilizatório que ao fim não resultou em progresso e prosperidade. A doença pode, ainda, ser entendida como resultante da violação de leis, concepção que remete à idéia da doença ligada à transgressão.

...E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela física precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza

⁶⁹ SOARES, Orris. Prefácio. In: ANJOS, op.cit., p.36.

⁷⁰ NÓBREGA, op. cit, p. 324.

Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da natureza! ...
(CD, 104)

A suspeita de que o “Sujeito Lírico” se sente vítima de uma infeliz circunstância direciona a percepção, ficando subentendida a referência à espécie, e à espécie de poeta. O poeta viola as leis estabelecidas pela Ciência ao não se querer ver como animal; ele quer o sublime, o ideal. É essa a transgressão, a sensibilidade que pode ser compreendida como um fator que o conduz para a doença.

...Poeta, feto malsão, criado com os sucos
De um leite mau, carnívoro, asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos; ...
(CD, 113)

2.2 A CONCEPÇÃO METAFÍSICA DO AMOR

A filosofia de Schopenhauer contém ainda considerações sobre o sentimento amoroso, tratadas na obra *Metafísica do Amor*⁷¹. Para o filósofo alemão, a paixão é fruto apenas do instinto natural entre os sexos, não sendo nada mais que um impulso sexual, cujos resultados descambam, quase sempre, para a falta de controle, com graves prejuízos emocionais e financeiros, escravizando a vítima, comprometendo a sua saúde, honra e integridade, arrastando-a a toda a sorte de emoções desenfreadas, provocando desequilíbrio e dores.

Para Schopenhauer, a finalidade do amor é tão somente a manutenção da espécie, a formação da próxima geração. Tudo mais que se pense em seu favor, todas as sensações experimentadas quando se está apaixonado, as emoções e os prazeres, são os disfarces e as artimanhas da natureza, iludindo o ser humano. É o impulso sexual a garantia das gerações

⁷¹ SCHOPENHAUER. Athur. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento o mundo*. Trad de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

futuras, bem como determinante dos seus caracteres e qualidades. É essa a razão, segundo o filósofo alemão, pela qual o tema amoroso é tão importante e tão freqüente nas representações humanas, é esse o motivo pelo qual os poetas não se cansam de abordá-lo em suas composições e os leitores não se furtam ao prazer de vê-lo desenrolar-se diante dos seus olhos atentos e emocionados. Segundo essa doutrina, nada poderia ser tão caro ao homem quanto a sua própria espécie.

Em *Metafísica do Amor* ficam estabelecidos dois tipos de impulsos sexuais: o que se manifesta na consciência individual de modo geral, não se dirigindo a nenhum indivíduo especificamente, e um outro, que se dirige a um indivíduo determinado. No primeiro caso, tem-se a Vontade de Vida em si mesma, enquanto no segundo caso, apresenta-se a Vontade de Viver em um outro ser específico. Nessa última circunstância, o impulso sexual toma ares de afeição sincera e pura, ludibriando o ser humano com o objetivo de atender às exigências da espécie. São essas as exigências que aproximam os amantes e fazem com que imaginem estarem satisfazendo os seus interesses, atendendo aos seus apelos, quando na verdade apenas atendem à determinação da natureza. A fúria dos seus desejos é tão somente reflexo da força da Vontade de Viver do novo ser e quanto mais se deixam levar por esse sentimento amoroso, mais se fazem escravos dessa força irresistível, a própria natureza.

A paixão, ainda segundo Schopenhauer, será tanto mais forte, quanto mais o objeto da inclinação amorosa atenda, por suas qualidades específicas, ao desejo da pessoa que ama, ou quanto mais estejam ambos em conformidade para gerar um novo indivíduo. Esse desejo arrebatador a tudo ultrapassa, não mede dificuldades, não hesita diante dos obstáculos e faz tudo para alcançar o seu fim. A possibilidade da força de vida não se realizar é inexistente, pois a natureza dispõe de recursos, os mais ardilosos, para a concretização dos seus objetivos, notadamente o instinto. Desse modo, mesmo diante de um sujeito incapaz de

compreender os intentos da espécie, ou da sua relutância em lhes obedecer, a Vontade de Vida jamais é vencida.

Schopenhauer, em suas considerações sobre tal força da natureza, insere todos os animais, afirmando que os irracionais são, tal como o homem, manipulados por essa vontade de vida, daí a explicação para os seus instintos e sentidos. A poesia de Augusto dos Anjos incorpora essa constatação da vinculação do homem aos animais, na condição de peças de um terrível jogo da natureza.

Esse entendimento concorre para a rejeição do amor carnal, traduzido pelo “sujeito lírico” como concupiscência. Entretanto, há que se esclarecer o fato de a poesia de Augusto dos Anjos, no que concerne à temática amorosa, nem sempre se posicionar contrariamente ao amor sexual. Curiosamente, o amor, para o poeta paraibano, conforme Damazo⁷², assume contornos diferenciados, evoluindo de uma sensualidade graciosa, em poemas datados de 1901 a 1905, para a completa repulsa do amor carnal, que levará à visão do vício e da degradação, bem ao gosto de Schopenhauer.

Com efeito, o filósofo do pessimismo não cessa de apontar a paixão amorosa, naturalmente sob a máscara de amor sublime, quando mais não é que os impulsos sexuais destinados à perpetuação da espécie, como causa da degradação. O homem é visto como um ser incapaz de reagir diante das armadilhas da natureza que o impelem à realização dos seus desígnios, os do gênio da espécie, não diferindo, portanto, dos animais, igualmente manipulados e dirigidos.

O sofrimento gerado pelo sentimento amoroso, segundo Schopenhauer, é intenso, devastador. Se a dor é inerente ao ser humano, resultado da Vontade de Viver, a impulsionar o homem em desejos sempre insatisfeitos, o sentimento amoroso, assim entendido, não poderá jamais originar felicidade, a não ser um momentâneo bem estar, logo seguido de novas

⁷² DAMAZO, Francisco Antonio Ferreiro Tito. O amor na poesia de Augusto dos Anjos. *Revista Universitária das Faculdades Integradas Toledo*, Toledo, v.1, n. 2, abril, 1998.

buscas. Por isso o ser humano, onde quer que se encontre, qualquer que seja a empresa a que se lance, jamais encontrará felicidade, mas dor, infortúnio, sofrimento.

Assim é que o amor-paixão, segundo Schopenhauer, é entendido como fonte inesgotável de sofrimentos, devendo, portanto, ser refutado. Ora, conforme análise de Damaso⁷³, o poeta paraibano, em uma primeira fase, compreendida entre 1901 e 1905, comporta-se, em relação ao amor físico, de maneira bastante comum, entregando-se totalmente ao desejo, daí emergindo versos de grande sensualidade, conforme se percebe em *Il Trovatore*⁷⁴:

Canta da torre o trovador saudoso
- *Addio, Eleonora!* oh! sonhos meus!
E o canto se desprende harmonioso,
Na vibração final do extremo adeus.

Repercute, dolente, mavioso,
Subindo pelo Azul da Inspiração;
Assim canta também meu coração,
Trovador torturado e angustioso.

Ai! Não acordeis lembranças minhas!
Saudades d'umas noites em que vinhas
Cantar comigo em doce desafio!

Mas, pouco a pouco, os sons esmorecendo,
Perdem-se as notas pelo Azul morrendo,
- *Addio, Eleonora, addio, addio!*

A fase da poesia mais sensual e com celebração do encontro amoroso é também atestada por Humberto Nóbrega⁷⁵, que cita uma poesia retirada do arquivo pessoal de Oscar de Castro, presidente da Academia Paraibana de Letras em 1962. O poema em questão, *Quadras*⁷⁶, publicado em 1902, revela um lirismo ardente, repleto de sensualidade:

...Teus seios oh! Morena,
Relíquia de Carrara
Têm a ambrosia rara
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito

⁷³ DAMAZO, op. cit.

⁷⁴ ANJOS, op. cit, p. 250.

⁷⁵ NÓBREGA, op. cit, p. 157-165.

⁷⁶ ANJOS, op. cit, p. 278.

E dá-me assim, divina,
De lírios e bonina
Um veludíneo leito...

Em *Súplica n'um Túmulo*⁷⁷, Augusto dos Anjos cede aos apelos do ultraromantismo, de modo que seus versos, pelo tratamento conferido ao binômio amor e morte, lembram os de Álvares de Azevedo.

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu! ...

...Perdão pátria da Aurora exilada do sonho!...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia oh! Ninguém me responda...
Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!...

Curioso é o fato explicitado por Damazo, em seu estudo sobre o poeta, de que no dia seguinte à publicação de *Quadras*, no jornal *O Comércio*, saiu um outro poema, *Ideal*⁷⁸, no qual o amor é tratado de modo angelical, singelo, beirando o etéreo:

Quero-te assim, formosa entre as formosas,
No olhar d'amor a mística fulgência
E o misticismo cândido das rosas,
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência
Etéreo como as Willis vaporosas
Embaladas no albor da adolescência,
-Virgem filha das virgens nebulosas!...

Outro poema em que o amor assume contornos bastante diferentes dos comumente encontrados na poesia de Augusto dos Anjos é *Ode ao Amor*, cuja publicação data de 1904, próximo, portanto, do marco final dessa fase, quando então os seus poemas começam a situar o amor como vício e degradação. Nesse poema, é possível encontrar uma visão diametralmente oposta à que, no geral, caracterizará a obra do poeta paraibano a partir

⁷⁷Id. p.226.

⁷⁸Ibid. p. 263.

de então. O sentimento amoroso, apesar de sentido como algo irresistível, uma força implacável, capaz de submeter, seduzir, não é visto de forma totalmente negativa, antes é descrito com requintes místicos. Há uma exaltação do sentimento, do seu poder, a essa força rende-se o poeta. É importante notar o ritmo intenso, repleto de imagens antitéticas, renunciando talvez a angústia em relação ao sentimento amoroso que atravessará a sua obra logo em seguida. As antíteses alternam a definição do amor que oscila como manifestação calma, mas poderosa o suficiente para romper as medidas do equilíbrio e da harmonia, sendo concebido como uma emoção violenta, capaz de escravizar os seres humanos e provocar sofrimento intenso. O sentimento amoroso assume uma conotação que transita entre força regeneradora e desgraça, vida e morte.

Enches o peito de cada homem, medras
N'alma de cada virgem, e toda a alma
Enches de beijos de infinita calma...
E o aroma dos teus beijos infinitos
Entra na terra, bate nos granitos
E quebra as rochas e arreventa as pedras!

És soberano! Sangras e torturas!
Ora, tangendo tiorbas em volatas,
Cantas a Vida que sangrando matas,
Ora, clavas brandindo em seva e insana
Fúria, lembras, Amor, a soberana
Imagem pétrea das montanhas duras.

Beijam-te o passo das multidões escravas
Dos desgraçados! – Essas multidões
Sonham pátrias doiradas de ilusões
Entre os tórculos negros da Desgraça
Flores que tombam quando a neve passa
No turbilhão das avalanches bravas! ...

...Bem haja, pois, esse poder terrível,
Essa dominação aterradora,
Enorme força regeneradora
Que faz dos homens um leão que dorme
E do Amor uma potência enorme
Que vela sobre os homens, impassível⁷⁹

⁷⁹ ANJOS, op. cit. Ode ao Amor. p. 280.

O estudo de Damazo evidencia um percurso na poesia amorosa de Augusto dos Anjos, cujo movimento vai de uma concepção celebratória das diversas formas amorosas, passando a adotar posteriormente uma postura quase ascética, com a condenação explícita do desejo sexual, causa de degradação do ser humano. Resta o amor encarado como um sentimento elevado, puro, magnânimo, que não admite a “mácula” do amor físico.

O poeta expressa com horror e nojo a sua repulsa ao amor “corrompido”, porque para ele o amor é etéreo, espiritual, daí a proliferação de imagens em que o ser humano, em sua concupiscência, é comparado a animais. Esse entendimento resulta de uma visão de mundo orientada pelo materialismo e atravessada por noções que se encontram também na doutrina de Schopenhauer, na qual homens e animais mostram-se partícipes de um destino comum: a morte. A poesia de Augusto dos Anjos, refletindo o pensamento do filósofo alemão, entranhado em diversas concepções da época, tira a ilusão do livre arbítrio e, a esse desencanto, acopla uma visão metafísica.

De fato, o Destino que provoca as Cismas de Augusto dos Anjos tem a mesma substância metafísica que sustenta a Vontade schopenhauriana.

Entregar-se aos instintos é confirmar essa destinação, é rebaixar-se ao ditame metafísico e, nesse sentido, sujeitar-se às terríveis conseqüências da degradação da matéria consumida pelo desejo e pela doença: destruição, decadência, morte... Note-se que o poeta agrega a esses motivos a noção religiosa da culpa. Justamente em *As Cismas do Destino* encontram-se várias imagens reveladoras desse homem miserável, dirigido pelos instintos, condenado a tudo que a moral de base cristã postula como vício, perdição, pecado.

...Nas agonias do delirium-tremens,
Os bêbados alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterelizavam
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mãos dentro das goelas,
E sacudidos de um tremor indômito
Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória a concupiscência,
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares. ...
(CD, 108)

Nos versos subsequentes, o poeta avalia os desastrosos resultados da lascívia humana, a corrupção social e a degradação moral. Fica perceptível a noção de castigo:

...Fabricavam destarte os blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,
Por tua causa, embora o homem te aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome! ...
(CD, 108,109)

Os dois poemas abaixo transcritos, *Gozo Insatisfeito*, datado de 1906, e *A fome e o Amor*, sustentam perfeitamente, além dessa concepção do amor como o caminho para a destruição, o entendimento do desejo sexual como bestial, desenfreado, afirmando a noção da sua real origem, impulso sexual, decorrente da vontade de vida, a gerar sempre insatisfação e, por conseguinte, sofrimento.

Entre o gozo que aspiro, e o sofrimento
De minha mocidade, experimento
O mais profundo e abalador atrito...
Queimam-me o peito cáustico de fogo,
Esta ânsia de absoluto desafogo
Abranda todo o círculo infinito.

Na insaciedade desse gozo falho
Busco no desespero do trabalho,
Sem um Domingo ao menos de repouso,
Fazer parar a máquina do instinto,
Mas, quanto mais me desespero, sinto
A insaciabilidade desse gozo!⁸⁰

⁸⁰ ANJOS, op. cit. p. 233.

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
Receando outras mandíbulas a esbangem,
Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E as satírfasis sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim tragando a ambiência vasta,
No desembestamento que os arrasta,
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem bronca do que inda hoje sois!⁸¹

Apesar de refutar o amor carnal, o poeta, em certos momentos, parece sentir-lhe a falta. O poema *Canto de Agonia*⁸², de 1905, revela a dor dessa ausência e, ao mesmo tempo, assume contornos metafísicos, manifestando-se numa atmosfera mística.

Agonia de amar, agonia bendita!
misto de infinda mágoa e de crença infinita
Nos desertos da Vida um estrela fulgura
E o Viajeiro do Amor, vendo-a, triste, murmura:
- Que eu nunca chore assim! Que eu nunca chore como

Chorei ontem, a sós, num voluptoso assomo
Numa prece de amor, numa felícia infinda
Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda
Entre saudades rezo, e entre sorrisos entre
Mágoas soluços, até que esta dor se concentre!
No âmago de meu peito e de minha saudade,
Amor, escuridão e eterna claridade...
- Calor que hoje me alenta e há de matar-me em breve,

Frio que me assassina, amor e frio, neve,
Neve que me embala como um berço divino
Neve de minha dor, neve de meu destino!
E eu aqui a chorar nesta noite tão fria!
Agonia, agonia, agonia, agonia!
- Diz, e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo
O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo
Uma sombra que passa, uma nuvem que corre
Caminha e vai e, louco, abraça a sombra e... morre!
E a alma se lhe dilui na amplidão infinita...
Agonia de amar, agonia bendita!

⁸¹ ANJOS, op. cit., p.194.

⁸² Id. p. 282.

Em *Versos de Amor*⁸³, datado de 1906, o poeta retrata o amor, já inteiramente abandonado na sua concepção carnal, descrito como ilusão, caprichos de instinto. Em compensação, declara um outro amor, o ideal, fluido, capaz de elevar.

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a ... ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana. ...

...Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo. ...

...Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação dos instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes! ...

...Para que, enfim, chegando à última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!

A recusa do amor físico – até o total expurgo da matéria sensual – é um traço que toma força na trajetória de Augusto dos Anjos. Todavia, essa tendência não o conduz a um idealismo, nem a qualquer religiosidade mística. Nesse sentido, sua negação da sexualidade não vai no sentido de Petrarca e seus seguidores. Pelo contrário, o poeta paraibano “desce ao plano da matéria e nele se fixa para evidenciar o que considera degradação. Encontra-se aí um ponto esclarecedor da angústia que atravessa a sua poesia, e mais especificamente a amorosa: a sensualidade representa o fio condutor para a decadência, para o desgaste da matéria, para a morte. Por outro lado, o amor espiritual, capaz de suprimir os instintos, não é pleno. E é nessa

⁸³ ANJOS. op. cit, p. 148.

dolorosa luta entre a carne e espírito que o seu pensamento e, como reflexo, toda a sua obra se debatem.

3. MODERNIDADE E MELANCOLIA

3.1 NO TURBILHÃO DA HISTÓRIA

A virada do século XIX para o XX foi um período conturbado e agitado por profundas transformações. Um desenvolvimento acelerado das atividades industriais propagou-se pelas grandes cidades, alterando os costumes, os ritmos da vida, as mentalidades. As estruturas produtivas da Europa se espalharam para todo o globo, alterando de forma brutal as economias periféricas. As dinâmicas responsáveis por esse crescimento vertiginoso da produção resultaram do aumento dos investimentos que promoveram a Revolução Tecnológica ou a II Revolução Industrial, ocorrida por volta de 1870. O desenvolvimento era visível, o momento era de grandes expectativas. Um clima de euforia, confiança no progresso e na capacidade humana de promover, pela ciência, a transformação dava a dimensão do entusiasmo que dominava o pensamento da época.

O aumento da capacidade de produção industrial na Europa provocou, entretanto, um desequilíbrio. A superprodução não encontrava mercado consumidor, impulsionando a disputa das potências industrializadas por novas possibilidades, novos mercados onde pudessem explorar matérias-primas e escoar os seus produtos. Assim, o crescimento da capacidade produtiva, aliado à criação de demandas, acaba gerando uma espécie de desdobramento espacial do sistema capitalista, estendendo-o para todo o mundo. É assim que o Brasil acaba se inserindo nessa nova ordem.

A partir de 1873 e até a década de 90, a “Grande Depressão”, resultado da superprodução provocou efeitos desastrosos para a economia européia, notadamente instabilidade do mercado, o que gerou grande número de falências, daí resultando a centralização de capitais que acabaram migrando para o exterior, destinando-se, geralmente, a empréstimos governamentais às nações de passado colonial ou às regiões ainda submetidas ao regime colonial que os empregava na criação de infra-estrutura, em meios de comunicação e transporte e na aquisição de bens de capital destinados à exploração e ao beneficiamento de matérias-primas. Essa expansão desenfreada do capitalismo provocou nas sociedades tradicionais efeitos catastróficos e acabou consolidando o poder e a influência da Europa nas áreas periféricas, cujas tradições, modos de vida e costumes foram sufocados pelos padrões burgueses europeus, tornados modelos civilizatórios por excelência⁸⁴.

Nesse sentido, pode-se compreender o afrancesamento dos grandes centros urbanos do país e, mais especificamente, do Rio de Janeiro, para onde afluía grande parte dos recursos obtidos por empréstimos do governo que os destinava à criação de infra-estrutura, melhoria das condições de comunicação, transporte, higiene e saúde pública, objetivando dotar o país de maior credibilidade junto aos potenciais investidores que, fugindo da crise européia, buscavam, nas economias periféricas, investimento seguro e lucrativo. Com isso, a capital era o destino mais procurado. Para lá seguiam contingentes populacionais de todo o país, em busca de melhores condições de vida. A abolição da escravatura e a crise da economia cafeeira deslocaram para a cidade escravos e trabalhadores que se somavam aos imigrantes estrangeiros. A população aumentou de forma desordenada.

A República tinha-se mostrado um fiasco. Logo após a sua instauração, conforme já mencionado, sucedeu-se um período de profunda crise política e financeira. As elites tradicionais do Império saíram de cena, perderam poder e prestígio social e, logo em seguida,

⁸⁴ Para aprofundamento dessa visão Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense: 1985. p.26.

os grupos comprometidos com as causas populares, os idealistas do republicanismo foram também excluídos. Assumem a direção do país novas elites, oportunistas, ambiciosas e descomprometidas. Assim, em meio às transformações econômicas que imprimiam novas configurações ao sistema de produção e tentavam inserir o Brasil numa nova fase do capitalismo global, e às políticas financeiras atropeladas e equivocadas que levavam à bancarrota fortunas consideráveis e tradicionais, a “ciranda financeira” instalada pelo Encilhamento, além da entrada maciça de capitais estrangeiros, dinamizando o mercado, criavam verdadeiras fortunas através da especulação e de negócios escusos. Desse modo, a classe dirigente era composta de conservadores, remanescentes das oligarquias paulistas e dos capitalistas emergentes. Foram esses grupos sociais que passaram a dominar a República, moldando-a de acordo com os seus valores, promovendo alterações. Um cronista da época assim se manifestou sobre essas mudanças: “A Bolsa nesses últimos tempos é a fotografia da sociedade, cada qual procura enganar a cada um com mais vantagem ..., os ricos de hoje são os troca-tintas de ontem”⁸⁵.

As rápidas transformações econômicas imprimiram mudança nos comportamentos das elites cariocas. A burguesia mudou seus hábitos com vistas a participar das novidades implementadas no espaço urbano. Era preciso adaptar-se às novas formas de requinte, consumir artigos de luxo, ostentar a última moda, estar afinado com as ciências e as letras de Paris.

Dissolviam-se as velhas tradições, as antigas formas de solidariedade social, as relações de grupos familiares, de comunidades vizinhas e, sobretudo, a relação de compadrio e tutela senhorial davam lugar a novos vínculos, mediados por interesses mercantis, dispensando-se os costumes, tornados anacrônicos pela motivação individualista ditada por

⁸⁵ “Sem Rumor, crônica da semana”. In: J.C., 18.11.1900. Cf. SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p.26.

uma nova ordem. A velha aristocracia é confrontada a uma classe emergente endinheirada, cujos padrões e mentalidades, mais afinados com as novidades importadas da Europa, impuseram-se de forma violenta no tecido social. Mas, esse processo rápido pelo qual se opera essa ascensão acaba criando uma transformação nos valores sociais.

As possibilidades de enriquecimento rápido favorecidas por uma política financeira que desencadeava especulações e negócios fraudulentos, na época denominado de “cavação”⁸⁶, tornavam tênue a distinção de classes, desfazendo regras. Essa espécie de “agenciamento” das verbas públicas parece não se distanciar muito dos expedientes atuais, freqüentes em várias licitações e contratos com o poder público. O retrospecto faz ver que essas práticas insistentemente apontadas pelas vozes indignadas dos oportunistas de plantão parecem, de tão antigas, perderem-se ao longo da história.

O Rio de Janeiro, centro político do país, concentrava os maiores investimentos, atraía grandes quantidades de capitais e a vida urbana se transformava vertiginosamente. Instalou-se uma onda de consumo nunca antes vista, uma busca desenfreada pelos artigos da moda, pelos luxos e toda sorte de produtos supérfluos.

A nova elite percebeu que era preciso transformar o ambiente, favorecendo o crescimento econômico, a circulação de bens e promovendo o progresso, logo perseguido obsessivamente pela burguesia nacional. Assim, surgiram os investimentos direcionados à melhoria dos transportes e comunicação e aqueles cujo objetivo maior era tão somente a transformação do ambiente insalubre e feio da Capital Federal, aproximando-a dos padrões europeus.

A reforma de Pereira Passos foi responsável por uma piora significativa nas condições de vida das classes mais pobres. Orientada por um ideal de “limpeza”, a reforma destruiu ruas e becos fétidos e mal iluminados do centro da cidade, onde vivia a população

⁸⁶ SEVCENKO, op. cit., p. 41.

marginalizada que teve de se deslocar para os subúrbios, ocupando casarões decadentes, transformando-os em cortiços ou casas de cômodos com quartos superlotados, salas repletas de esteiras nas quais os pensionistas dormiam, ou para os morros, onde eram improvisadas habitações de folhas de zinco, de sapé e de caixas de querosene, formando verdadeiras povoações que sobreviviam em situação precária, desprovidas de água e esgoto. A verdade é que desde sempre houve uma deficiência de moradias no Rio de Janeiro, não somente em decorrência da falta de investimentos, mas também das dificuldades de se construir em terreno irregular e, em muitos casos, pantanoso. Se a oferta de imóveis já era insuficiente, com o "bota-abaixo" da reforma, tornou-se ainda mais reduzida e o resultado foi a alta desenfreada dos aluguéis e dos preços das pensões. Além da falta de habitação e da insalubridade das aglomerações, essa população experimentava a falta de emprego e os baixos salários, resultado da excessiva oferta de mão-de-obra⁸⁷.

De fato, verificou-se um crescimento econômico no Brasil, mas a distribuição social dos lucros já era muito injusta. A imensa maioria da população ficava à parte dos benefícios desse novo surto desenvolvimentista, bem como das decisões importantes, a participação popular na política nacional era irrisória. A exploração e a falta de regulamentação do trabalho gerava um imenso déficit social e os resultados eram visíveis: uma imensa massa de miseráveis, famintos, maltrapilhos, doentes, descalços e analfabetos disputando as escassas oportunidades de sobrevivência. Não eram essas as promessas do desenvolvimento, do progresso. A descrença era absoluta e a decepção, dolorosa:

...O antagonismo de Tifon e Osíris,
O homem grande oprimindo o homem pequeno,
A lua falsa um parasselena,
A mentira meteórica do arco-íris; ...
(CD, 112)

A degradação moral e social assolava as populações mais pobres. A miséria se

⁸⁷ SEVCENKO, op.cit., p.52.

espalhava por toda a parte e os problemas de desemprego geravam fome, mendicância e criminalidade. Os miseráveis eram implacavelmente perseguidos pela polícia que os enquadrava como vadios, caso não tivessem um domicílio. Com isso, a massa de operários se aglomerava em habitações improvisadas, em cômodos superlotados, onde imperavam a promiscuidade e a sujeira. Tornou-se lugar comum o alcoolismo; a loucura e o suicídio cresciam em números alarmantes.

A referência a essas condições sociais é constante na poesia de Augusto dos Anjos. Seu olhar angustiado esquadrinha as massas e o desequilíbrio do mundo. Da subjetividade do poeta ecoa a triste constatação do fracasso, do horror e um inquietante questionamento dos destinos humanos. Restaram as dores, a fragilidade do corpo consumido pela doença, o desgaste da matéria e a morte, as certezas de uma vida que é feita só de sofrimentos. Todavia, essas observações não se traduziam em um movimento explícito de luta e contestação da ordem vigente, como fizeram outros intelectuais do seu tempo, a exemplo de Lima Barreto ou Euclides da Cunha. Entretanto, o poeta paraibano concentrou-se na exposição de um particularíssimo lamento, emitido diante das pinceladas de horror que compõem um quadro social carcomido por equívocos, conforme se percebe pela leitura dos versos abaixo, extraídos de *Monólogo de uma Sombra*.

...Continua o martírio das criaturas:
- O homicídio nas vielas mais escuras,
- O ferido que a hostil gleba atra escarva,
- O último solilóquio dos suicidas –
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!” ...

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,
Da luz da lua aos pálidos venábulos,
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caveiras sujas,
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteística do Universo,
Na podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,

Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandiloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!⁸⁸

3.2 O MAL-ESTAR DO INTELECTUAL

O papel de mola propulsora de grandes transformações políticas, econômicas e sociais coube, sem dúvida, à geração de 1870, propagadora das idéias republicanas, democráticas, abolicionistas e liberais. Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar, conforme explicitado anteriormente, a importância da Faculdade de Direito de Recife, sede do pensamento republicano e das correntes filosóficas européias no Brasil. As obras de Spencer, Darwin, Haeckel e Comte eram bastante difundidas entre os intelectuais daquele tempo que acreditavam na Ciência como paradigma de toda a apreensão da realidade, servindo como arcabouço do pensamento social e até mesmo religioso.

É evidente que Augusto dos Anjos, como a maioria dos jovens intelectuais do seu tempo, assimilou profundamente essas concepções científicas, embora, segundo Francisco de Assis Barbosa⁸⁹, o ideário positivista não o impressionasse tanto como o monismo de Hackel ou o evolucionismo de Spencer, ambos freqüentemente citados nos seus versos.

Do homem de Letras dessa época exigia-se o engajamento, a luta pela transformação da sociedade brasileira a ser adaptada aos moldes europeus, concretizando assim os ideais de progresso. Exigia-se, igualmente, o empenho no sentido de promover mudanças nas estruturas sociais a serem modernizadas para que a nação se integrasse aos

⁸⁸ ANJOS, op. cit., p. 96.

⁸⁹ BARBOSA, op. cit., p. 77.

países considerados civilizados, além das reivindicações de melhorias das condições materiais e culturais da população.

Muitos intelectuais entendiam-se como imprescindíveis, representantes das idéias da época e capazes de apontar o verdadeiro caminho para um futuro estável. Eles estavam sinceramente imbuídos do desejo de contribuir para a construção de um país moderno, civilizado, inserido na ordem internacional. A realização dessas aspirações deveria ser consequência de ações conduzidas por um pensamento calcado nas doutrinas científicas que invadiram o Brasil nos últimos trinta anos do século XIX. Daí a motivação de artistas e pensadores, no sentido de converter as suas realizações em instrumentos de transformação social, legitimando trabalhos e criações artísticas comprometidos com esse ideal que refletia os anseios de construir uma nação e modernizar o estado brasileiro, de forma a sintonizar o país com a Europa, sobretudo, no que tange à concepção de uma Nação moderna.

Tobias Barreto, intelectual dos mais respeitados na época, expoente maior da Escola do Recife, é quem primeiro lança o problema de que se tinha um Estado, mas não se tinha Nação. Joaquim Nabuco vai além e denuncia a precariedade desse Estado. Diante dessas necessidades de reformulação das estruturas nacionais, os intelectuais entregam-se à tarefa de estudar o Brasil e sua realidade, não se contentando apenas em aplicar, nesse trabalho, as ciências já conhecidas, mas empreendendo um esforço para criar um conhecimento próprio sobre o país, direcionado pelo cientificismo, mas que não lhe fosse totalmente vinculado. Os maiores pensadores da época acreditavam na ciência como instrumento maior de transformação e caminho para o progresso. A realidade social poderia ser explicada através de leis, conceitos e informações precisas que, devidamente manipulados pelo cientista, permitiriam a compreensão da sociedade e, por conseguinte, facilitariam o governo e o direcionamento do país⁹⁰.

⁹⁰ Cf. SEVCENKO, op. cit., p. 83-86.

Da constatação de que o Brasil estava muito aquém das nações desenvolvidas, surge o anseio de conhecer a realidade brasileira, procurando identificar características, inclinações a partir das quais fosse possível traçar um caminho que tornasse menos incerto o futuro. Nesse sentido, surgiram tentativas de determinar um tipo étnico capaz de representar a identidade nacional ou que pelo menos a simbolizasse, servindo de base às desencontradas análises sobre a situação do país. Nas palavras de Sevcenko⁹¹, “...Perdidos no seu presente, esses homens vasculham-no em busca de indícios de futuro. ...”. Mas Augusto dos Anjos, herdeiro desses que o precederam, já não acreditava em futuro e, por vezes, parecia suspeitar de uma Ciência que se determinava a solucionar todos os enigmas. As suas convicções não coincidiam com a idéia de que uma ordem estava conduzindo a história humana. Ademais, sua filiação a doutrinas pessimistas deveria constituir outro obstáculo à plena adesão à ciência. Na sua visão filosófica, o mundo é um grande hospital e os seres humanos, enfermos, pobres criaturas que arrastam suas misérias em direção à morte. Em *Os Doentes*, fica clara a inserção do Brasil como parte dessa estrutura apodrecida, o próprio mundo.

Muitos intelectuais, não sendo capazes de estabelecer um projeto coeso de nacionalidade, não conseguiram escapar das suas próprias angústias, ainda mais porque não encontravam respaldo, entre os governantes, para as idéias reformistas que defendiam e, desse modo, seus esforços resultaram estéreis, incapazes de interferir nos destinos do país. De fato, todo o empenho e as batalhas políticas que resultaram na Abolição e depois na República deveriam significar, para esses idealistas, o começo da transformação que acabou não se efetivando.

A decepção com os rumos tomados pela República lançava a intelectualidade combativa e idealista, que tinha vivenciado as lutas e desafios nas últimas décadas do século XIX, em profundo desencanto. Os processos de consolidação da nova ordem distanciavam-se

⁹¹SEVCENKO, op.cit., p.85.

totalmente dos ideais que orientaram os líderes do movimento que desencadeou a queda do antigo regime. Desse modo, quando os seus sonhos de participação e intervenção política nos destinos do país tornaram-se realidade, os intelectuais viram-se excluídos das decisões políticas e do poder, agora em mãos de elites oportunistas. Suas palavras tornaram-se inúteis, incapazes de ecoar nos palácios e gabinetes.

Em resumo, o novo regime não correspondia às expectativas daqueles que lutaram. A transição se fez em meio a um grande tumulto, crise política, financeira, instabilidade econômica, revoltas e conspirações marcaram os primeiros anos da tão sonhada República. O que se percebia claramente eram novos acordos e disputas pelo poder. As reformas necessárias ficaram postas de lado. Os novos dirigentes tiveram de enfrentar a hostilidade desses grupos de intelectuais descontentes com a corrupção, a falta de compromisso ideológico e as sucessivas trapalhadas administrativas que levavam o país ao caos. Esse conflito acabou demonstrando a nova face do poder constituído: a oposição foi reprimida e retirada da cena política do país.

A intelectualidade ressentia-se de ser preterida por arrivistas sem tradição de luta, sem compromisso ideológico, apenas interessados em defender os seus interesses ou de grupos, novas oligarquias. A inversão de valores e as injustiças evidentes eram motivos recorrentes nos debates e nas críticas à República que, contrariando as expectativas dos seus idealizadores, acabou consagrando a vitória da irracionalidade e da incompetência.

O desencanto do poeta paraibano parece encontrar ressonância na desilusão dos intelectuais que o precederam e que, com pesar, viram os seus desejos e crenças esvaziados pela ambição desmedida que agora escrevia a história nacional. Muitas criações artísticas e trabalhos críticos refletiam esse mal-estar, a desconfiança e as decepções com uma ciência que prometia o progresso humano. A constatação do fracasso desse ideal e a desesperança no futuro dão o tom dos últimos versos de *As Cismas do Destino*. A metáfora do mundo

invertido e resignado confirma as enormes contradições e, ao mesmo tempo, afirma o sentimento de impotência do poeta, a sua incapacidade de reação(direta), diante dos grandes equívocos que acabavam revelando a precariedade da Ciência, cujos princípios eram postos em xeque, diante dos olhos incrédulos dos que nela tinham depositado os seus mais caros ideais. As organizações políticas, a ética e a moral são descritos como mecanismos moribundos, partes de um mundo em ruínas e conduzido por uma força sinistramente representada por uma figura de mulher, a que ceifa vidas.

...O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho ...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios. ...

...Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem fruto.
A canção prostituta do ludíbrio!
(CD, 115)

O depoimento de José de Oiticica⁹² confirma que o que mais amargurava Augusto dos Anjos era a injustiça social, que premiava os ruins e injustificava os honestos. A amargura permeava a classe intelectual que se ressentia do pouco caso dos senhores da situação, os poderosos.

Contribuía para esse isolamento dos intelectuais a incipiente formação cultural da maior parte da população. O número de analfabetos na última década do século XIX era alarmante, apenas 16 ou 17% sabiam ler⁹³. A literatura era para poucos e a edição de um livro de poesias, em geral, ficava em torno de mil exemplares, um número considerado razoável para o mercado editorial brasileiro, mesmo número de volumes confeccionados na primeira

⁹² OITICICA, José de. apud. BARBOSA, op. cit., p.72.

⁹³ SEVCENKO, op.cit.

edição de *Eu*. Assim, os intelectuais, excluídos pelas elites e desconhecidos pelo povo inculto, ressentiam-se, entendendo, tal como Cruz e Souza, que “...O artista é um isolado... não adaptado ao meio, mas em completa, lógica, inevitável revolta contra ele”⁹⁴. Em *Idealizações*⁹⁵, poema datado de 1903, as lutas entre sol e trevas revelam um pessimismo profundo. Refletindo sobre o crepúsculo, Augusto dos Anjos o associa ao declínio dos ideais e de tudo que é vida. Nesse sentido, o vulcão violento, resultante da agonia solar, é vencido pela morte que impõe o seu triunfo. Elemento da paisagem, a passagem para a noite constitui figuração de uma morte que se manifesta como doença e que avança sobre a história. Os últimos raios em luta correspondem a seus próprios versos, feitos no limite, enfrentando a angústia e a certeza do fim. Eles não chegam a abalar a percepção do poeta acerca do destino e da finalidade da existência, o sofrimento, a revelação da morte e por isso, a mudez também triunfa.

...Em vão flameja, rubro, ígneo, sangrento
O sol, e, fulvos, aos astrais desígnios,
Raios flamejam e fuzilam ígneos,
Nas chispas fulvas de um vulcão violento!

É tudo em vão! Atrás da luz dourada,
Negras, pompeiam(triste maldição!)
-Asas de corvo pelo coração...
-Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o sol! A Treva, a Sombra – eis tudo!
E no meu peito – condensada treva –
A sombra desce, e o meu pesar se eleva
E chora e sangra, mudo, mudo, mudo...

Augusto dos Anjos alude ao poeta, suas indagações e seu isolamento, sua precariedade diante dos dramas humanos. De que vale o seu grito, se ele não ecoa, e se perde, e queda, e morre? Resta apenas a descrença. Assim, a identificação com a agonia solar vai cedendo. Quem antes era luz e sol inflamado passa a ser pó e, finalmente, ciente de que as ilusões estão mortas, o

⁹⁴ SOUZA, João da Cruz e. *Obra completa de Cruz e Souza*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

⁹⁵ ANJOS, op. cit., p. 236, 237.

poeta surge figurado por um abutre.

Poeta, em vão na luz do sol te inflamas,
E nessa luz queimas-te em vão! És todo
Pó, e hás de ser após as chamas, lodo,
Como Herculano foi após as chamas.

Ah! Como tu, em lodo tudo se acaba, ...

...Ergue, pois, poeta, um pedestal de tanta
Treva e dor tanta, e num supremo e insano
E extraordinário e grande e sobre-humano
Esforço, sobe ao pedestal, e... canta!

Canta a Descrença que passou cortando
As tuas ilusões pelas raízes,
E em vez de chagas e de cicatrizes
Deixar, foi valas funerárias deixando.

E foi deixando essas funéreas, frias,
Medonhas valas, onde, como abutres
Medonhos, de ossos, de ilusões te nutres,
Vives de cinzas e de ruínas!

A distância entre intelectuais e as classes dirigentes, os arrivistas, parecia irremediável, o descompasso era evidente. A nova ordem estabelecida desde que esses novos grupos assumiram o comando do país prescindia por completo da interferência de pensadores e artistas comprometidos com idéias reformistas, estes ficavam apartados das decisões mais importantes, restava-lhes o isolamento, o desencanto por não ter o seu talento reconhecido e respeitado.

Augusto dos Anjos parecia compartilhar do desencanto que marcou os intelectuais daqueles tempos. As dificuldades de sobrevivência e seus dramas pessoais dão a medida dos graves problemas enfrentados pelos homens de letras. E aqui se faz necessário lembrar os aspectos biográficos explorados no Capítulo I, a precária situação financeira do poeta, sua batalha pela sobrevivência na Capital Federal, suas peregrinações pelos subúrbios cariocas em busca de alunos particulares e a procura por um emprego condizente com suas aptidões intelectuais. Em verdade, esses tormentos faziam parte da vida de muitos intelectuais

brasileiros, nas palavras de Sevcenko⁹⁶, “...a indigência era um espectro constante a assombrar a imaginação dos escritores. ...”. Sobre o mundo das letras e das artes abatia-se o desânimo. Assim é que o desalento e o pessimismo impregnaram grande parte dos trabalhos críticos e literários do Brasil da Primeira República. No caso de Augusto dos Anjos, esse desânimo atinge o extremo da melancolia. Em *Queixas Noturnas*⁹⁷, poema marcado pela expressão de uma dor profunda, resultado de um sentimento de inadequação diante de um mundo transtornado, o poeta revela a sua descrença, porquanto tudo é perda. Entretanto, o lamento não se restringe ao aspecto existencial, alcançando também a realidade mais imediata e os grandes problemas do Brasil. As queixas promovem um desfile de sintomas e, afinal, o diagnóstico.

Quem foi que viu a minha Dor chorando?!
Saio. Minh'alma sai agoniada.
Andam monstros sombrios pela estrada
E pela estrada, entre estes monstros, ando!

O quadro de aflições que me consomem
O próprio Pedro Américo não pinta...
Para pintá-lo, era preciso a tinta
Feita de todos os tormentos do homem! ...

...Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabuz,
Na ânsia incoercível de roubar a luz,
Estou à espera que o Sol desponte! ...

...Hoje é amargo tudo quanto eu gosto;
A bênção matutina que recebo...
E é tudo: o pão que como, a água que bebo,
O velho tamarindo a que me encosto! ...

...Que dentro de minh'alma americana
Não mais palpita o coração – esta arca,
Este relógio trágico que marca
Todos os atos da tragédia humana! –

Seja esta minha queixa derradeira
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;
Seja este, enfim, o último canto meu
Por esta grande noite brasileira!

⁹⁶ SEVCENKO, op. cit. p. 91.

⁹⁷ ANJOS, op. cit. p.165,166,167.

Melancolia! Estende-me a tua asa!
És árvore em que devo reclinar-me...
Se algum dia o Prazer vier procurar-me
Dize a este monstro que eu fugi de casa!

3.3 A MELANCOLIA COMO MATÉRIA DE CRIAÇÃO

A melancolia é um tema bastante recorrente na fortuna crítica de Augusto dos Anjos. Em sua poesia, os tons de amargura e tristeza, tão evidentes, tem recebido as mais variadas leituras, passando, em alguns casos, pela crítica literária inscrita naquilo que se pode chamar, de acordo com Flora Süssekind, em *Papéis Colados*⁹⁸, crítica de rodapé, ou seja, a crítica não-especializada. Procurando articular vida e obra, algumas dessas críticas, por vezes, incorrem em generalizações e o texto pode ficar limitado aos enigmas biográficos. É o que acontece, por exemplo, em *Augusto dos Anjos: Razões de sua Angústia*⁹⁹. Em que pese o inegável valor da obra, não se pode deixar de constatar, por exemplo, uma tentativa de “desvendar” o texto através da biografia. O autor, considerando a projeção da personalidade do poeta na obra, questiona, baseando-se não apenas em as *Cismas do Destino*, mas em outras composições, como *Ilha de Cipango*¹⁰⁰ e *Árvore da Serra*¹⁰¹, a causa da dor que atravessa a poesia de Augusto dos Anjos. Afirmando ser essa dor resultado de inúmeras causas, Horácio de Almeida aponta como de grande relevância a suspeita de uma grande tragédia na vida do poeta.

... E de onde vem essa dor? É possível que tenha a explicá-la um concurso de causas. Antes de mais nada, leve-se em conta a deformação de uma sensibilidade que vinha do berço e o predispunha ao desequilíbrio das sensações entre o eu e o mundo externo. Depois disso, a perda da crença e, paralelamente, a terrível moléstia que se atribui. Tudo isso, no todo ou em parte, podia exercer influência no temperamento sensível do poeta, podia fazer dele um triste, mas não me parece bastante para torná-lo um desgraçado, como se supunha.

⁹⁸ SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

⁹⁹ ALMEIDA, Horácio de. *Augusto dos Anjos: razões da sua angústia*. Rio de Janeiro: Gráfica do Ouvidor, 1962.

¹⁰⁰ ANJOS, op. cit., p. 157.

¹⁰¹ Id. p. 151.

...Algo mais grave, como se o infortúnio tivesse desabado sobre a sua cabeça, deve ter acontecido na sua juventude. Há, com efeito, uma desgraça na vida do poeta. ... E que desgraça o fez ficar assim tão sombrio?

... A dificuldade está em conhecer o valor dos símbolos e em seguida decifrar as alegorias. Por suas próprias palavras, não tenho dúvidas em afirmar que foi o drama do amor. Trata-se, pois, de uma paixão, cujo desfecho infeliz teria abalado convulsivamente sua personalidade carente de equilíbrio. Exatamente aí, no capítulo do amor, é que deve começar o trabalho de pesquisa para a verdadeira interpretação psicológica do autor.¹⁰²

Horácio de Almeida parece referir-se à melancolia de Augusto dos Anjos, tomando-a como motivadora do texto poético. O autor atribui essa dor a um grave drama, propondo-o como nota primordial na compreensão da obra do poeta.

Via de regra, a melancolia é tomada pela fortuna crítica de Augusto dos Anjos, dessa maneira, como elemento motivador, externo à obra. Propõe-se aqui essa figura – a melancolia – como princípio interno, estruturante dos versos e capaz de dar coesão aos elementos do discurso. Esse elemento concatenador, a melancolia, é entendido como impossibilidade ou extrema dificuldade de lidar com a perda. Assim, o jovem que não suportou perder o mundo tradicional(e pessoal) do Pau d’Arco e o filho que não suportou perder o pai – e com sua imagem confundiu-se – perdendo-se com ele, pulsam e alimentam o intelectual que não suportou perder as ilusões de mudar o mundo no rumo do progresso. Todos esses sujeitos manifestam-se no poeta lírico que, diante das sucessivas transformações que a modernidade impôs, reagiu como se estivesse sempre ante o seu grande fantasma: a perda extrema, morte. Se é próprio do sujeito melancólico perder um objeto amado sem saber o que, ou quem, confundindo-se em meio a essa inexistência, foi próprio a Augusto dos Anjos buscar esse EU perdido, em meio às imagens de um mundo apodrecido que julgava estar morrendo.

Parece então pertinente abordar a questão da melancolia de maneira detalhada, tecendo considerações acerca da sua conceituação ao longo da história, sobretudo porque,

¹⁰² ALMEIDA, op. cit., p. 23.

desde o início, a noção esteve atrelada à atividade intelectual. A representação da melancolia já estava presente na antiguidade greco-latina¹⁰³. Hipócrates associa a melancolia à bile negra (*melaina kole*) que, juntamente com o sangue, a pituíta e a bile amarela, compõe os humores constantes no organismo. A saúde consistiria no equilíbrio entre esses quatro elementos. Da desproporção, surgiria a doença, a própria melancolia. Ao que parece, Aristóteles é o primeiro a produzir um tratado sobre o assunto, relacionando a melancolia ao dom do artista, à predisposição para a reflexão inerente ao filósofo. Ele a considera como uma propensão orgânica, explicando-a através da Ciência e do misticismo, daí estabelecer como responsável pelo humor a combinação de dois elementos, o calor - regulador do organismo – e a mesotes – que mantém o equilíbrio entre energias opostas. Se por um lado acarreta o desalento, por outro também provoca uma insatisfação capaz de propiciar o trabalho criativo e o gênio intelectual.¹⁰⁴

A Idade Média, através da escola médica de Salerno e de seu maior expoente, Constantinus Africanus, reforça a teoria dos humores que permanece até a Renascença. Estabeleceu-se a conceituação de melancolia relacionada a sintomas provocados pelo excesso de um elemento frio e seco no organismo, a bile negra. Os temperamentos dos seres humanos classificavam-se, de acordo com a maior ou menor influência da bílis negra, melancólico; da bílis amarela (elemento seco e quente), colérico; do sangue (úmido e quente), sangüíneo; da água (úmido e frio), fleumático. Depois, por influência árabe, a teoria dos humores ligou-se à doutrina das influências astrais, disso resultando a vinculação da melancolia a Saturno, astro que rege o melancólico. Contribui para essa compreensão o fato de ser o planeta mais alto e o mais distante da vida cotidiana, associado, portanto, à meditação, à capacidade de conduzir o

¹⁰³ Homero, no canto VI da *Ilíada*, ao descrever o sofrimento de Belerofonte, refere-se à melancolia, reproduzida no seu aspecto mítico, porque a infelicidade do homem resulta de uma desdita perante os deuses.

¹⁰⁴ Cf. PERES, Urania Tourinho. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

espírito às reflexões mais profundas, aos dons adivinhatórios, às profecias¹⁰⁵. Mantém-se a idéia da melancolia ligada à capacidade intelectual.

Na Renascença, o pensamento sobre a melancolia identifica-se com as prescrições da antiguidade. Marsilius Ficinus, em *De Triplici Vita*, acrescenta à teoria dos humores, à concepção platônica (poesia e furor) e à aristotélica (poesia e genialidade), explicações astrológicas, sobre as influências de Saturno na formação do indivíduo melancólico, afirmando que o astro só escolhe para governar os seres geniais¹⁰⁶. Como se vê, há um aspecto material, físico na história da melancolia que se consubstancia na visão dos humores. Em larga medida, Augusto dos Anjos objetiva esse substrato físico em sua poesia, tratando de fluidos corporais concernentes à matéria em desorganização. Por outro lado, há a ligação do melancólico com a atividade especulativa, que também é contemplada pelo poeta.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, começa a mudar a concepção estabelecida sobre a causa da melancolia. Não são as substâncias as responsáveis pelo quadro melancólico, mas as qualidades - solidão, inibição, amargura e tristeza - transmitidas do corpo para a alma, do humor para as idéias, dos órgãos para o comportamento. O século XIX encerrou definitivamente a teoria dos humores. Em 1819, a melancolia era definida como monomania, compreendendo tristeza, desgosto com a vida, acompanhados por uma idéia fixa¹⁰⁷.

O romantismo instituiu uma tendência à saudade de um tempo e de um espaço perdidos que passam a ser idealizados. O romântico se deixa afetar por um sentimento de perda e por isso necessita preencher o vazio deixado pela coisa que pereceu. A melancolia passa a ser também uma forma de estar no mundo, uma postura diante a vida, uma maneira de concebê-la e, em muitos casos, um comportamento escolhido como referência de personalidade.

¹⁰⁵ Cf. BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: 1984, Editora Brasiliense. p. 171-172.

¹⁰⁶ PERES, op.cit.

¹⁰⁷ Id.

No período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, as pesquisas conduziram a uma nova forma de pensar a doença mental. Surgiram as concepções da psicanálise e da psiquiatria biológica. A *neurastenia*¹⁰⁸ popularizou-se como doença da modernidade, operando uma mudança na concepção do adoecer mental que, antes vinculado a causas orgânicas, passou a ser analisado como decorrente também de um concurso de fatores externos ao corpo do indivíduo. O crescimento das atividades industriais, os grandes centros urbanos e as novas condições de vida provocam um cansaço generalizado nas populações. Aspectos sociais conflitantes poderiam desencadear o adoecimento¹⁰⁹.

Os vários elementos da poesia de Augusto dos Anjos indicam que a melancolia comanda a relação do poeta com o mundo moderno e, por conseqüência, com o lugar controverso que ele ocupa na modernidade. Foi isso que se procurou evidenciar até então, sobretudo com a noção de que Augusto dos Anjos viveu num mundo periférico, subitamente transfigurado, reflexo dos projetos modernizadores implementados nas metrópoles. Supostamente, essas transformações geraram perdas, diante das quais ele reagiu com ânimo melancólico.

A melancolia em Augusto dos Anjos pode ser entendida como resultado do confronto de sua subjetividade com a experiência da perda diante das transformações de um mundo, de um tempo que avança e deixa para trás a decadência, a ruína. O poeta percebe-se como um ser precário, insuficiente. O momento é de destruição, cidades são derrubadas, dando lugar aos monumentos à ciência e ao progresso. No entanto, a voz que canta não vê mais que edifícios tortos, ruas sem saída, becos escuros onde se criam os vermes, os operários da ruína que andam a espreitar a civilização.

¹⁰⁸ Cf. Houaiss, perda geral do interesse, estado de inatividade ou fadiga extrema que atinge tanto a área física quanto a intelectual, associado esp. a quadros hipocondríacos e histéricos

¹⁰⁹ PERES, op. cit.

Em *O mal-estar na civilização*¹¹⁰, Freud assevera que o ser humano tem dificuldade para vivenciar a felicidade, sendo o infortúnio muito mais facilmente sentido em razão do constante confronto com a possibilidade de terríveis padecimentos resultantes da percepção da precariedade do próprio corpo que, com suas dores, aponta para o envelhecimento e para a morte. Ele entende que, a partir de uma análise histórica, se poderiam determinar os acontecimentos desencadeadores dessa hostilidade para com a civilização. No processo de desenvolvimento das sociedades, o ser humano foi-se afastando da natureza e, em busca de atingir um ideal culturalmente estabelecido, viu-se frustrado, daí decorrendo a neurose. Além disso, atormenta-o uma certa responsabilidade pelo desenvolvimento da civilização, tendo como conseqüência a perda de felicidade, em detrimento de um aumento de culpa, sentimento que massacra o melancólico. Esse mal-estar provocado pela cultura remete a uma percepção dos sintomas relacionados às transformações históricas. Alterações nas estruturas sociais, políticas e econômicas seriam as maiores causas desse mal-estar projetado no imaginário de intelectuais e artistas, como o próprio Augusto dos Anjos que, profundamente comprometido com a visão de decadência da civilização ocidental, encontra na melancolia a sua expressão poética. A propósito, Francisco de Assis Barbosa¹¹¹ assinala que o poeta chamou a atenção, sobretudo, dos psiquiatras, mencionando os diversos ensaios médicos e estudos realizados por pesquisadores da área. O primeiro deles é *A Loucura dos Intelectuais*, datado de 1914, de Licínio dos Santos, cujo questionário respondido por Augusto dos Anjos foi incluído em várias edições da sua obra. Em 1926, Na Faculdade de Medicina da Bahia, João Felipe de Sabóia Ribeiro apresentou, como tese de doutoramento, na Cadeira de Clínica Psiquiátrica, *Eu (Ensaio nosográfico de Augusto dos Anjos)*, uma abordagem das doenças do poeta através da sua obra. No mesmo ano, foi publicado, nos Anais Médicos-

¹¹⁰ FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI.

¹¹¹ BARBOSA, op. cit., p. 83-84.

sociais da Bahia, um artigo de Artur Ramos, *Augusto dos Anjos à luz da psicanálise*. Mais tarde, em 1942, foi publicado *Augusto dos Anjos e as origens de sua poética*, de autoria de A. L. Nobre de Melo.

Reinaldo Marques, em *Tempos Modernos, Poetas Melancólicos*¹¹², estabelece a melancolia como um tema recorrente em um grupo de poetas mineiros, entre os quais Carlos Drummond de Andrade. Em *Alguma Poesia*, no poema *Nota Social*, Drummond afirma que “O poeta está melancólico” porque não encontra o seu espaço em um mundo marcado por relações mecânicas que acabam impossibilitando o contato, a comunicação entre a poesia e o povo. Para tecer as necessárias considerações sobre o tema da melancolia, o ensaísta parte da reflexão de Freud, em *Luto e Melancolia*, estabelecendo uma aproximação entre os dois estados, em razão de ambos resultarem da reação à perda de um ente ou objeto querido, o que provoca um comportamento marcado pelo desinteresse diante do mundo e um estado de espírito intensamente sofrido. Entretanto, para Freud, no trabalho de luto sobrepõe-se o princípio de realidade, sobrevivendo a capacidade de substituição do objeto perdido por outro, depois de um certo tempo, quando o sujeito retoma as suas relações com o mundo externo. Em relação à melancolia, o sujeito não se refaz da perda porque desconhece o que perdeu, por isso a superação do estado de melancolia é problemática, caracterizando-se por uma insatisfação do Ego que será objeto de rigorosa crítica.

A melancolia, segundo Rouanet¹¹³, evidencia uma depressão profunda, desinteresse pelo mundo e perda da capacidade de amar, redução da auto-estima, expressa por acusações contra si mesmo. O sujeito incorpora psiquicamente o objeto perdido, através da identificação. O problema é que essa relação com o objeto amado é ambígua, abrangendo também a rejeição. Daí o Superego, encarregado da censura, depois da assimilação, continua

¹¹² MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

¹¹³ ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

dirigindo ao objeto as mesmas recriminações que dirigia antes. Assim, quando o melancólico se acusa está, na verdade, acusando o objeto que, agora interiorizado, fica à mercê do sadismo do Superego. A identificação do ego com o objeto perdido provoca uma perda. Assim, o chamado humor negro, apesar de próximo do luto, dele se distancia pelo seu caráter patológico.

A personalidade melancólica reflete uma fragilidade que resvala para auto-recriminação, sentimento de inferioridade, culpa. Se, no luto, é o mundo que se torna vazio, na melancolia o vazio concentra-se no próprio eu. Nesse sentido, nas palavras de José Paulo Paes¹¹⁴, “...mais que um brado de egolatria, o título do único livro de Augusto dos Anjos é uma proclamação da falência do eu...”. A propósito, parece também ter sido essa a impressão de J.L.¹¹⁵ (iniciais de João Luso, pseudônimo do escritor português Armando Erse, radicado no Brasil), em crítica ao *Eu*.

...Com efeito, muito fala de si o Sr. Augusto dos Anjos nas suas poesias, sempre extensas e elásticas, à exceção dos sonetos que, esses, são tamanhos como os de toda a gente... A idéia de autolatria, porém imediatamente se dissolve nas nossas impressões. O poeta não se admira, analisa-se; em vez de se louvar, como supúnhamos, submete-se a uma série de estudos e de exames, impassível, implacável, dentro dos princípios científicos a que sujeitou a sua inspiração. As mais das vezes torna-se cruel consigo mesmo, como um anatomista que, na ânsia do ‘caso’ oculto em si próprio, se rasgasse a bisturi as próprias carnes, gemendo de dor e de volúpia. ... É cruel consigo, com os outros, com tudo o que existe e tudo que se imagina ...

Ao considerar a incidência dos vocábulos científicos na obra do poeta, Paes aponta para a estética *art nouveau* e a sua proposta de conciliar necessidade técnica, vontade artística e natureza. Assim, afirma que o léxico científicista de Augusto dos Anjos é tributário de disciplinas biológicas assimiladas a partir do legado de Haeckel que lhe teria forjado a visão de mundo, favorecendo o desenvolvimento de uma ânsia de retorno ao estado de não-ser, através da morte, pondo fim à sua individualidade sofredora, origem de todas as dores,

¹¹⁴ PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art nouveau. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

¹¹⁵ Notícias Literárias. In: *Jornal do Comércio*, 18/06/1912. Cf. MAGALHÃES, op. cit., p. 264,265,266.

segundo a filosofia de Schopenhauer e as crenças budistas. Entretanto, essa busca pelo Nirvana não se processa mediante a contemplação involuntária. Herdeiro do século da ciência, o poeta busca recuperá-lo nas incursões pelo mundo microscópico, embrenhando-se nos mistérios da monera, num percurso que visa a chegar ao início de tudo, o momento das coisas não particularizadas. O poema de abertura de *Eu, Monólogo de uma Sombra*, traduz esse percurso cíclico, da sombra “...à palidez das fotosferas mortas.”

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Polipo de recônditas reentrâncias,
Larva do caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias! ...¹¹⁶

A ausência de um objeto absoluto provoca no melancólico uma dor profunda, conseqüência da impossibilidade do encontro com a coisa perdida. Nesse sentido, Augusto dos Anjos parece ter procurado nos poemas uma representação das “coisas” que perdera, uma identificação para si mesmo.

No século XX, Benjamin foi atraído pela melancolia e por suas figurações. Para explicar a dialética de Saturno, o ensaísta alemão evoca a concepção mitológica de Cronos e sua dualidade. As incoerências não se restringem apenas às ações do Deus, atingem também o seu destino pessoal, e de forma tão nítida se evidenciam essas polaridades que se pode considerá-lo como uma junção de opostos: Senhor da Idade do Ouro e Deus triste, destronado; Pai e devorador de seus filhos; sábio e inteligente, mas vencido pela astúcia. A partir desse paralelo, compreende-se melhor a configuração astrológica de Saturno, a intensidade de suas contradições. Susan Sontag¹¹⁷, ao analisar a melancolia de Walter Benjamin e a sua relação com a produção intelectual do teórico alemão, escreve que a influência de Saturno faz o indivíduo perceber-se como inepto, sonhador e obstinado. Para a autora, a característica do

¹¹⁶ ANJOS, op. cit, p. 91-96.

¹¹⁷ SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno*. Trad. de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 1986.

temperamento melancólico é a relação inflexível e inexata com o eu que precisa ser desvendado, daí ser apropriada aos intelectuais e aos artistas.

Segundo Walter Benjamin¹¹⁸, o herói da modernidade é marcado pela melancolia. Partindo do pressuposto de que Baudelaire procurou identificar sua imagem de artista com uma imagem de herói, o ensaísta alemão delinea o mundo moderno e a importância nele assumida pela configuração heróica. Para o poeta francês, nesse novo mundo são outros os heróis e o proletário, o despossuído, o camponês empobrecido passam a figurar na sua poesia, uma poesia que não se encontra nos templos fechados, mas na rua, sintomaticamente, o novo lugar do poeta, porquanto a beleza poderia surgir da matéria transitória e efêmera da vida presente. É o próprio Baudelaire quem escreve em 1851:

...Não importa o partido a que se pertença – é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas... Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do sol e às sombras dos grandes parques. ...¹¹⁹

Dessa população que penosamente arrasta os seus destinos surge o herói, o verdadeiro objeto da modernidade, porque, para vivê-la, segundo o crítico alemão, é necessário uma constituição heróica. Para ele, as muitas resistências, sempre superiores às forças humanas, impostas pela modernidade aos impulsos produtivos do ser humano, vão enfraquecendo-o, de forma a levá-lo a procurar uma saída na morte. É assim que o suicídio aparece como signo da modernidade, mas não o suicídio rendição, antes a paixão heróica pela vida, estetizada num último ato a ser gravado na memória do mundo. Por isso, o herói da modernidade é melancólico. E assim, o poeta se debate, em um mundo cujas configurações transformaram-se brutalmente, diante do desafio da expressão. Ressentindo-se da falta de reconhecimento da

¹¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 73.

¹¹⁹ BAUDELAIRE, Charles. apud BENJAMIN, op. cit., p. 73.

sua voz, o sentimento mais contundente desse poeta é o de inadequação. Essa inadequação que marca a figura do albatroz, do poema de Baudelaire¹²⁰, confere substância a *O Poeta do Hediondo*, de Augusto dos Anjos.

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência,
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!¹²¹

A via benjaminiana torna possível uma leitura da melancolia, retirando-lhe o caráter negativo e patológico. No melancólico, a atitude crítica diante do eu, bem como o recolhimento que resulta num estado de contemplação, pode relacionar-se a uma postura de desconfiança e questionamento do mundo moderno. Em razão disso, o saturnino passaria a ser considerado como alguém em estado de perplexidade e, por isso mesmo, capaz de uma reflexão mais profunda, favorecendo uma percepção mais nítida acerca da realidade. Nesse sentido, o sujeito parece estar mais apto a acolher a dúvida quanto às certezas estabelecidas.

A poesia de Augusto dos Anjos, em muitos momentos, revela o ensimesmamento do eu diante dos embates gerados pela experiência da perda, consequência de um mundo em transformação e ruínas, deixando transparecer, ainda, dúvida diante das verdades consagradas,

¹²⁰ BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 18. O Albatroz. Às vezes, por prazer, os homens da equipagem/Pegam de um albatroz, enorme ave do mar, ... / ...E por sobre o convés, mal estendido apenas, / O monarca do azul, canhestro e envergonhado, ... / ...O alado viajante tomba como num limbo! / Hoje é cômico e feio, ontem tanto agradava! ... / ...O poeta é semelhante ao príncipe do céu/ Que do arqueiro se ri e da tormenta no ar; /Exilado na terra e em meio do escarcéu, / As asas de gigante impedem-no de andar.

¹²¹ ANJOS, op. cit, p. 193.

disso resultando uma atitude crítica frente às certezas estabelecidas pela ciência. Assim, a sua poesia pode ser compreendida como uma tentativa de juntar os fragmentos do mundo, da vida, do próprio eu. Ao contemplar os desastrosos caminhos da civilização moderna, o poeta vê fenecer todas as suas crenças e, na sua *Idealização da Humanidade Futura*¹²², ele encontra apenas a falência de tudo, a decadência e a morte.

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
- Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais! –

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

Assim entendida, a melancolia se converteria em um sentimento valoroso porquanto efetivamente responsável por uma atitude crítica diante da realidade, concepção presente, sobretudo, em *Origem do Drama Barroco Alemão*¹²³, obra em que Benjamin demonstra os pontos comuns entre o século XVII e o XX, entre o mundo barroco e o moderno, suas marcas de decadência e ruína e o destino que conduz ambos à putrefação e à morte: o primeiro pela efemeridade e o segundo pela preponderância das relações mercadológicas. Ao identificar essas semelhanças, o ensaísta alemão objetiva, através do alegórico e de uma meditação melancólica, salvar o barroco e, por via de consequência, a

¹²² ANJOS, op. cit., p. 99

¹²³ Trata-se da tentativa de reconstituição do século XVII. Para tal, o autor utiliza encenações barrocas, nas quais figuravam, via de regra, as personagens mais importantes da sociedade, objetivando a demonstração da fragilidade humana e a sua incapacidade de conduzir-se, porquanto no contexto da Contra-Reforma a salvação se dava, única e exclusivamente, pela fé. O ser humano ficava reduzido a uma história cega que caminha para a catástrofe. Assim, aparece na “cena” o Príncipe, como elemento central e o cortesão, como seu conselheiro. O espaço onde se desenrola a ação e a salvação secular é a corte.

modernidade, cujas ruínas são análogas às do barroco.

Ao avaliar o estado de tristeza, Benjamin, na obra citada, associa-o à acedia, a partir da ação de Saturno, planeta capaz de provocar uma predisposição à inconstância. Como acedia, a melancolia do tirano leva-o à indolência, à indecisão e o Príncipe é destruído. Entretanto, no cortesão, detentor de um saber melancólico também inspirado por Saturno, a melancolia irá condicionar a sua infidelidade ao príncipe. O cortesão trai o príncipe por fidelidade aos seres e às coisas. Benjamin ressalta a vinculação da melancolia à genialidade e à loucura, enfatizando, ainda, a capacidade da percepção melancólica de identificar os erros do tirano. “...A melancolia trai o mundo pelo saber. Mas em sua tenaz auto-absorção, a melancolia inclui as coisas mortas em sua contemplação, para salvá-las. ...”¹²⁴.

Com efeito, parece ser este o resultado do olhar melancólico que Augusto dos Anjos lança sobre o mundo: uma poética das coisas mortas. O mundo estilhaçado é lugar de dor e o homem, seu habitante maldito. O poeta parece compreender a história como história do sofrimento e a ruína é o que resta de uma civilização subjugada pelo destino, aproximando-se, assim, da concepção barroca da história, uma sucessão de catástrofes que direciona a humanidade para o fim de tudo. Eis a alegoria barroca que se organiza, como a história-destino, em torno da morte. Entretanto, a alegoria quer significar e é pela significação que o alegorista busca conhecer as coisas criadas, salvando-as do perecimento resultante da ação da história natural. Pela significação, as coisas podem ser preservadas das sucessivas transformações porque só ela é estável. Assim, a alegoria retira o objeto do seu contexto, privando-o da vida, porque a morte não é apenas o seu conteúdo, mas o seu princípio estruturador. Daí que ruínas e fragmentos são as matérias-primas da alegoria. Todavia, essa violência pode ser dotada de um sentido construtivo, porque busca a preservação. Então, quando as tintas do poeta paraibano cobrem o mundo com as cores da morte, elas atuam de

¹²⁴ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: 1984, Editora Brasiliense. p. 179.

modo similar àquele da alegoria barroca, acabam por preservar o mundo, através da significação.

A leitura benjaminiana do luto e da melancolia aponta para o fato de o luto acontecer por força de uma coerção, fazendo o indivíduo contentar-se com a perda. A melancolia, no entanto, representaria uma luta, ainda que através de uma atitude de imersão na própria dor, daí as alucinações e as visões fantásticas que acometem o melancólico. Augusto dos Anjos não foi um resignado, a sua poética é, antes de tudo, rebeldia, inconformismo. Essa postura de resistência responde pela capacidade do sujeito elaborar reflexões mais perspicazes acerca da ordem, da vida e do mundo, possibilitando o questionamento da história. Refletindo sobre os seus equívocos, ele deixa um testemunho, uma voz.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou avaliar de que maneira operam, na obra de Augusto dos Anjos, as interseções entre arte, doença e morte. Esse estudo não poderia deixar de considerar, aliados aos aspectos históricos, sociais e políticos, a biografia do poeta, vez que o livro sugere, desde o título, uma marca pessoal. O percurso foi circular, apresentando três etapas consideradas. Todas refletem sobre um momento histórico caracterizado por um sentimento de perda, um profundo mal-estar próprio, sobretudo, aos intelectuais, diante da falência moral, ética e política. Os destinos humanos, na ótica de Augusto dos Anjos, não pareciam estar sendo conduzidos segundo uma finalidade teleológica, organizada e embasada nos princípios da racionalidade, antes pareciam dirigidos por forças misteriosas e sombrias, os impulsos desagregadores preconizados por Schopenhauer. Nesse sentido, a poética do paraibano foi associada ao movimento decadentista, visto como uma tendência bastante ampla que considerou a arte um mecanismo de libertação, mesmo provisório, dos sofrimentos do mundo. Segundo essa ótica, a arte construía um universo paralelo ao cotidiano, a partir de um processo de filtragem da realidade circundante. Acomodam-se nesses universos, de um lado, a opressão de uma vida miserável e precária, cujo fim é a dissolução e, de outro, os paraísos artificiais, os exotismos. Na poesia de Augusto dos Anjos, a saída se dá através do exagero: há um uso excessivo de imagens de doença e putrefação, além das referências constantes à materialidade do corpo consumido e devastado, prefigurando a morte. Falece também, na sua poética, a saída para as formas tradicionais de beleza; a decadência da matéria impõe-se sobre o ideal do belo, produzindo um esteticismo de outra ordem, consubstanciado na obsessão com a matéria melancólica e com a fixação exagerada em elementos que evidenciam perecibilidade e morte.

A doença apresenta-se, na obra do poeta, como metáfora de um mundo cujas relações desgastadas revelam-no enfermo e sem esperança. Os seres humanos, o próprio EU surgem como doentes, degenerados, corrompidos, vítimas de infelizes processos de degeneração. Daí porque o poeta cria para si mesmo uma imagem doentia, sobretudo associada à tuberculose. Vimos que, embora muitos estudos apontem Augusto dos Anjos como portador da moléstia que, aliás, era bastante comum entre intelectuais da época, uma investigação mais minuciosa revela que a sua morte teve como causa pneumonia. As imagens de doença aparecem, no *Eu*, em detalhes chocantes, acompanhadas de uma precisão terminológica que denota a intimidade do poeta com essa enfermidade. Tal comportamento parece resultar de uma concepção própria da época, de que a doença estaria ligada à personalidade artística, apresentando-se, ainda, como reveladora da condição humana, não distinta da animal, igualmente manipulada pela vontade, força irresistível, caminho para a dor e para a destruição.

Pensamos ter demonstrado que as reflexões desenvolvidas por Schopenhauer em *O Mundo como Vontade e Representação* sedimentaram as vias do pessimismo que alicerça a poesia de Augusto dos Anjos, notadamente no que se refere a uma compreensão da vida como sofrimento, e do ser humano como incapaz de opor resistência às terríveis forças da natureza que o conduzem segundo os seus desígnios. Daí que, em sua particular visão do amor, quando o poeta rejeita o desejo físico, entendendo-o como instrumento dos caprichos da natureza, vício e degradação capazes de escravizar o ser humano e o conduzir à ruína, Augusto dos Anjos aproxima-se da *Metafísica do Amor* elaborada pelo filósofo alemão.

Apesar dessa afinidade da poética de Augusto dos Anjos com o pensamento de Schopenhauer, no que se refere à temática da morte, fica perceptível a tensão entre a visão que iguala homens e animais como participantes do mesmo destino letal e a esperança que o poeta mantém numa transcendência. Daí a sua expressão de horror diante da morte, muito

distante daquela tranqüilidade sugerida pela doutrina do filósofo alemão em relação ao fim da existência.

Como muitos intelectuais do seu tempo, Augusto dos Anjos experimentou um mundo transtornado, vivenciando o que se poderia chamar de *Belle Époque* brasileira. Os reveses do capital internacional acabaram por repercutir na economia nacional, provocando mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas. Novos valores foram erigidos, costumes e mentalidades foram-se firmando. O intelectual brasileiro e, em particular, Augusto dos Anjos, também comungou do mal-estar disseminado na classe intelectual européia. Ampliavam-se as desconfianças em relação ao propagado progresso, percebendo-se que não seria possível o alcance dos seus benefícios para todas as populações.

Apesar de não ter vivenciado as batalhas pela construção de um Brasil mais justo, idealizado sob o signo da República, o poeta paraibano herda o desencanto dos intelectuais que o precederam nas lutas por um sonho que, afinal, se perdeu nas tramas e disputas pelo poder, usurpado por descomprometidos com o projeto de transformação do país. Num mundo orientado pela idéia de que a Ciência era o instrumento maior de transformação, o intelectual julgava-se imprescindível, representante das idéias e do conhecimento capazes de apontar o verdadeiro caminho para um futuro. Desse modo, a sua exclusão era inaceitável, insuportável até, como o era também a mentalidade de cunho excessivamente individualista instalada no país com a ascensão dos chamados “arrivistas”. Preteridos e isolados, muitos intelectuais lançaram-se ao desencanto. Assim, pessimismo e desalento acabaram entranhados em grande parte dos trabalhos críticos e das criações literárias da época. Entretanto, em Augusto dos Anjos, esse desânimo assume proporções que conduzem à melancolia e a uma produção singularíssima.

O trabalho analisou a melancolia na obra do poeta paraibano, como reflexo da sua relação com o mundo moderno, avaliando o lugar controverso que lhe cabe nesse mundo

subitamente transformado. Resultando de um sentimento de perda generalizada, a melancolia do poeta tem, entretanto, um aspecto crítico e construtivo. O pensamento que Benjamin apresenta em *Origem do Drama Barroco Alemão* tornou possível a consideração da poética de Augusto dos Anjos como modo de resistência. Demonstrando os pontos comuns entre o século XVII e o XX, suas marcas de decadência e de ruína, o ensaísta alemão, através de uma meditação sobre melancolia e alegoria, propôs uma noção “redentora” para o Barroco e para a própria Modernidade.

Por um mecanismo associativo, podemos ver, nas imagens “mórbidas” do poeta paraibano, uma aguda consciência crítica igualmente “redentora”. Talvez seja esse o elemento que exerce, sobre o público, uma atração magnética, fazendo-o há tantos anos absolutamente fiel ao único livro de Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. de Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- ALMEIDA, Horácio de. *Augusto dos Anjos: razões da sua angústia*. Rio de Janeiro: Gráfica do Ouvridor, 1962.
- AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ANDRADE. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ANTONIO, Jorge Luiz. *Ciência, arte e metáfora na poesia de Augusto dos Anjos*. São Paulo: Navegar Editora, 2004.
- ASSIS. Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BAUDELAIRE. O pintor da vida moderna. In: *Obras estéticas filosofia da imaginação criadora*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: id. *Magia e técnica, arte e política; ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: 1984, Editora Brasiliense.
- BENJAMIN. *A modernidade e os modernos*. Trad. de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tania Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BERGSON, Henry. *Matéria e memória*. Trad. de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- BERNARDET, Jean-Claude. *A doença, uma experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOSI. A intuição da passagem em um soneto de Raimundo Correia. In: _____. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 222.
- BOSI. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BOSI. A Interpretação da obra literária. In: *Céu e inferno*; ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004
- BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades*: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CAMBESES, Angela Salenave. *Paisagens com figuras*: um estudo da obra de Cesário Verde. 2005.164f. + anexo. Tese de Doutorado em Letras – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CÂNDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CÂNDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CÂNDIDO. A morte da águia. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1981, vol. 2, p.290.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária*: uma introdução. Trad. de Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- CUNHA, Eneida Leal. Leituras da dependência cultural. In: MIRANDA, Wander Mello; SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Navegar é preciso viver...escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- DAMAZO, Francisco Antonio Ferreiro Tito. O amor na poesia de Augusto dos Anjos. *Revista Universitária das Faculdades Integradas Toledo*, Toledo, v.1, n.2, abril, 1998.
- ERICKSON. Sandra S. Fernandes. *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.
- FOUCAULT. Michel. *O que é um autor?*. Trad. de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 1992.
- FOUCAULT. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2004.

FREUD, Sigmund. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI.

FREUD. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Vol. XIV.

GUNN, Philip e CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Maria Stella(Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

HAECKEL, Ernest. *O monismo*. Trad. Fonseca Cardoso. Porto: Livraria Chardon, 1908.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1986.

HELENA, Lúcia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1984.

HELENA. Ruína e alegoria em Augusto dos Anjos. In: *Uma literatura antropofágica*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

HOUAISS, Antonio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. Trad. de Heidrun Krieger e L. Costa Lima. In: *Teoria da literatura em suas fontes Vol. I*, 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

KOTHE, Flávio René. *A obra de arte como ruína alegórica*. Suplemento Literário de Minas Gerais, 27/11/1976.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

VIEIRA LIMA, Mirella Márcia Longo. *Confidência mineira: o amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: EDUSP, 1995.

VIEIRA LIMA. *O legado de Apolo e Dionísio*. 1981.165 f. Dissertação de Mestrado em Letras - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

- MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MORETTO, Fulvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O nascimento da tragédia. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. João Pessoa: Edição da Universidade da Paraíba, 1962.
- NÓBREGA, J. Flóscolo da. *A sombra do Eu*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Departamento Cultural, 1965.
- OSAKABE, Haqira. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. Curitiba: Criar, 2002.
- PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PAES. Augusto dos Anjos e o art nouveau. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PAES. Do particular ao universal. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PAZ, Otávio. *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e simbolismo na poesia portuguesa*. Coimbra: Centro de estudos Românicos, 1975.
- PERES, Urania Tourinho. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- PERES. *Mosaico de letras: ensaios de psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Escuta, 1999.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. de Philadelpho Menezes. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.
- ROSENFELD, Anatol. *A costela de prata de Augusto dos Anjos*. Texto/Contexto I. São paulo: Perspectiva, 1996.
- ROSENFELD. *Influências estéticas de Schopenhauer*. Texto/Contexto I. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no ocidente*. Trad. de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

RUSSELL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. Trad. de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. In: _____. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Trad. de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2003.

SCHOPENHAUER. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. Trad. de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*. Trad. de Heraldo Barbuy. 3.ed. São Paulo: Brasil, 1963.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SILVA, Franklin Leopoldo. Bergson, Proust tensões do tempo. In: NOVAES, Adauto (Org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Trad. de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SONTAG. *Sob o signo de saturno*. Trad. de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, João da Cruz e. *Obra completa de Cruz e Souza*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

TEIXEIRA, Jerônimo. *Drummond*. Coleção para saber mais. São Paulo: Abril, 2003

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tias tomam conta do pedaço*. Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 1990, p. 207-228.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

WEINHARDT, Marilene. Quando a história literária vira ficção. In: Antelo, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luiza; ALMEIDA, Tereza Virgínia

de (Org). *Declínio da arte e ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: ED USP, 2001.

ANEXO A – EU E OUTRAS POESIAS

A Ilha de Cipango

Estou sozinho! A estrada se desdobra
Como uma imensa e rutilante cobra
De epiderme finíssima de areia...
E por essa finíssima epiderme
Eis-me passeando como um grande verme
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço
Preces a Deus de amor e de respeito
E o Ocaso que nas águas se retrata
Nitidamente reproduz, exata,
A saudade interior que há no meu peito...

tenho alucinações de toda a sorte...
Impressionado sem cessar com a Morte
E sentindo o que um lázaro não sente,
Em negras nuanças lúgubres e aziagas
Vejo terribilíssimas adagas,
Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volto para o céu divino
E observo-me pigmeu e pequenino
Através de minúsculos espelhos.
Assim, quem diante duma cordilheira,
Pára, entre assombros, pela vez primeira,
Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos,
Anunciando desmoronamentos
De mil lajedos sobre mil lajedos...
E ao longe soam trágicos fracassos
De heróis, partindo e fraturando os braços
Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio doce,
Qual num sonho arrebatado fosse,
Na ilha encantada de Cipango tombo,
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha
A árvore da perpétua maravilha,
À cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango,
Verde, afetando a forma de um losango,
Rica, ostentando amplo floral risonho,
Que Toscanelli viu seu sonho extinto
E como sucedeu a Afonso Quinto
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia

O gênio singular da Fantasia
Convidou-me a sorrir para um passeio...
Iríamos a um país de eternas pazes
Onde em cada deserto há mil oásis
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,
Banhei-me na água de risonhos lagos,
E finalmente me cobri de flores...
Mas veio o vento que a Desgraça espalha
E cobriu-me com o pano da mortalha,
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!
Um penetrante e corrosivo frio
Anestesiou-me a sensibilidade
E a grandes golpes arrancou as raízes
Que prendiam meus dias infelizes
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro.
A tarde morre. Passa o seu enterro!...
A luz descreve ziguezagues tortos
Enviando à terra os derradeiros beijos.
Pela estrada feral dois realejos
Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa...
O Firmamento é uma caverna oblonga
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.
E como agora a lua cheia brilha!
Ilha maldita vinte vezes a ilha
Que para todo o sempre me fez triste!

Tristezas de um Quarto Minguante

Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,
Este *Engenho Pau d'Arco* é muito triste...
Nos engenhos da *várzea* não existe
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado
A lua magra, quando a noite cresce,
Vista, através do vidro azul, parece
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.
Tenho 300 quilos no epigastro...
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro
Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,

Molhar a minha fronte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos.
O hemisfério lunar se ergue e se abaixa
Num desenvolvimento de borracha,
Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.
Morde-me os nervos o desejo doudo
De dissolver-me, de enterrar-me todo
Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!
Quem sabe se não é porque não saio
Desde que, 6ª feira, 3 de maio,
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar línguas vermelhas
Lambe o ar. No bruto horror que me arrebatá,
Como um degenerado psicopata
Eis-me a contar o número das telhas!

- Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta
Sinto a cabeça e a conta perco; e, em suma,
A conta recomeço, em ânsias: - Uma...
Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucedem-se a uma tontura outra tontura.
-Estarei morto?! E a esta pergunta estranha
Responde a Vida - aquela grande aranha
Que anda tecendo a minha desventura! –

A luz do quarto diminuindo o brilho
Segue todas as fases de um eclipse...
Começo a ver coisas de Apocalipse
No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.
Cinco lençóis balançam numa corda,
Mas aquilo mortalhas me recorda,
E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos dementes.
Acho-me, por exemplo, numa festa...
Tomba uma torre sobre a minha testa,
Caem-me de uma só vez todos os dentes!

Então dois ossos roídos me assombram...
- “Por ventura haverá quem queira roer-nos?!
Os vermes já não querem mais comer-nos
E os formigueiros já nos desprezaram”.

Figuras espectrais de bocas tronchas
Tornam-me o pesadelo duradouro...
Choro e quero beber a água do choro

Com as mãos dispostas à feição de conchas.

Tal uma planta aquática submersa,
Antegozando as últimas delícias
Mergulho as mãos - vis raízes adventícias -
No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rolo no tapete.
Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio
Cai sobre o meu estômago vazio
Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza;
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...
Minha família ainda está dormindo
E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças
Do engenho enorme. A luz fulge abundante
E em vez do sepulcral Quarto Minguante
Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratórios tênues tubos
Dos poros vegetais, no ato da entrega
Do mato verde, a terra resfolega
Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o céu, radiante e estriado, observa
A universal criação. Broncos e feios,
Vários reptis cortam os campos, cheios
Dos tenros tinhorões e da úmida erva.

Babujada por baixos beijos brutos,
No húmus feraz, hierática, se ostenta
A monarquia da árvore opulenta
Que dá aos homens o óbolo dos frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos
Com a solidez do tegumento sujo
Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo
Naturalmente pelos mata-pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto,
A ouvir, nestes bucólicos retiros
Toda a salva festal de 21 tiros
Que festejou os funerais de Hamleto!

Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas!
Quisera ser, numa última cobiça,
A fatia esponjosa de carniça
Que os corvos comem sobre as jurubebas!

Porque, longe do pão com que me nutres
Nesta hora, oh! Vida em que a sofrer me enxotas
Eu estaria como as bestas mortas

Pendurado no bico dos abutres!

Soneto

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal
Destruíu, com a sinergia de um gigante,
Em tua *morfogênese* de infante
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER

Noite de um visionário

Número cento e três. Rua Direita.
Eu tinha a sensação de quem se esfola
E inopinadamente o corpo atola
Numa poça de carne liquefeita!

-“Que esta alucinação tátil não cresça!”
- Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,
Com a rebeldia acérrima dos nervos
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem
Minh’alma - este sombrio personagem
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas forças concentradas
Na compreensão monística de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro inerme
Me aspergia, banhava minhas tíbias,
E a ela se aliava o ardor das sirtes líbias,
Cortando o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo
Desconjuntava minha autônoma alma
Esbandalhando essa unidade calma,
Que forma a coerência do ser vivo.

E eu saí a tremer com a língua grossa

E a volição no cúmulo do exício,
Como quem é levado para o hospício
Aos trambolhões, num canto de carroça!

Perante o inexorável céu aceso
Agregações abióticas espúrias,
Como um cara, recebendo injúrias,
Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúrias reservas,
O reino mineral americano
Dormia, sob os pés do orgulho humano,
E a cimalha minúscula das ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe entregue,
Com os ligamentos glóticos precisos,
A liberdade de vingar em risos
A angústia milenária que o persegue!

Bolia nos obscuros labirintos
Da fértil terra gorda, úmida e fresca,
A ínfima fauna abscôndita e grotesca
Da família bastarda dos helmintos.

As vegetalidades subalternas
Que os serenos noturnos orvalhavam,
Pela alta frieza intrínseca, lembravam
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estrume fresquíssimo da gleba
Formigavam, com a símplice sarcode,
O vibrião, o ancilóstomo, o colpode
E outros irmãos legítimos da ameba!

E todas essas formas que Deus lança
No Cosmos, me pediam, com o ar horrível,
Um pedaço de língua disponível
Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre báfio:
Os anúncios das casas de comércio,
Mais tristes que as elegias de Propércio,
Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida
Parara! Agora, em diástoles de guerra,
Vinha do coração quente da terra
Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério
Transformava porções de átomos juntos
No óleo malsão que escorre dos defuntos,
Com a abundância de um *geyser* deletério.

Dedos denunciadores escreviam

Na lúgubre extensão da rua preta
Todo o destino negro do planeta,
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas
E eu -- coetâneo do horrendo cataclismo --
Era puxado para aquele abismo
No redemoinho universal das cousas!

Debaixo do tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

Os doentes

I

Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substâncias vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muito desapareceram!

II

Minha angústia feroz não tinha nome.
Ali, na urbe natal do Desconsolo,
Eu tinha de comer o último bolo
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudo-salmo.
Contrastando, entretanto, com o ar convulso
A noite funcionava como um pulso
Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros nervosos,
Como os pingos ardentes de cem velas,
O uivo desenganado das cadelas
E o gemido dos homens bexigosos.

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes!
Mas, em cima de um túmulo, um cachorro
Pedia para mim água e socorro
À comiseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro
Reboava. Além jazia os pés da serra,
Criando as superstições de minha terra,
A queixada específica de um burro!

Gordo adubo de agreste urtiga brava,
Benigna água, magnânima e magnífica,
Em cuja álgida unção, branda e beatífica,
A Paraíba indígena se lava!

A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo
E a câmara odorífera dos sumos
Absorvem diariamente o ubérrimo húmus
Que Deus espalha à beira do seu tálamo!

Nos de teu curso desobstruídos trilhos,
Apenas eu compreendo, em quaisquer horas,
O hidrogênio e o oxigênio que tu choras
Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,
A incógnita psique das massas mortas
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,
Na esteira igualitária do teu leito!

O vento continuava sem cansaço
E enchia com a fluidez do eólico hissope
Em seu fantasmagórico galope
A abundância geométrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os campos
Circunjacentes. No Alto, os astros miúdos
Reduziam os Céus sérios e rudos
A uma epiderme cheia de sarampos!

III

Dormia embaixo, com a promíscua véstia
No embotamento crasso dos sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina
Aponevroses e tendões de Aquiles,
Restos repugnantíssimos de bílis,
Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.

Oh! desespero das pessoas tísicas,
Adivinhando o frio que há nas lousas,
Maior felicidade é a destas cousas
Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos,
Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sangüíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros soldados,
Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca.
Um português cansado e incompreensível,
Vomitar o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo
E com a respiração já muito fraca
Sentir como que a ponta de uma faca,
Cortando as raízes do último vocábulo.

Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão como se, com efeito,
Lhe houvessem sacudido sobre o peito
A máquina pneumática de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba
A erguer, como um cronômetro gigante
Marcando a transição emocionante
Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,
Nos ardores danados da febre hética,
Consagrando vossa última fonética
A uma recitação de misereres.

Antes levardes ainda uma quimera
Para a garganta omnívora das lajes
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes
Contra a dissolução que vos espera!

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,
Consoante a minha concepção vesânica,
É a alfândega, onde toda a vida orgânica
Há de pagar um dia o último imposto!

IV

Começara a chover. Pelas algentes
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas
Encharcava os buracos das feridas,
Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino,
Onde a Resignação os braços cruza,
Saía, com o vexame de uma fusa,
A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda
Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquele instante, no Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do *mazombo*,
Cuspiu na cova do *morubixaba*!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa uma apostema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão de sua raça...
Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone,
Exercia sobre ela ação funesta
Desde o desbravamento da floresta

Ã ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo
Microcéfalo vil que a espécie encerra,
Desterrado na sua própria terra,
Diminuído na crônica do mundo!

A hereditariedade dessa pecha
Seguiria seus filhos. Dora em diante
Seu povo tombaria agonizante
Na luta da espingarda contra a flecha!

Veio-lhe então como à fêmea vêm antojos.
Uma desesperada ânsia improfícua
De estrangular aquela gente iníqua
Que progredia sobre os seus despojos!

Mas, diante a xantocróide raça loura,
Jazem, caladas, todas as inúbias,
E agora, sem difíceis nuanças dúbias,
Com uma clarividência aterradora,

Em vez da prisca tribo e indiana tropa
A gente deste século, espantada,
Vê somente a caveira abandonada
De uma raça esmagada pela Europa!

V

Era a hora em que arrastados pelos ventos,
Os fantasmas hamléticos dispersos
Atiram na consciência dos perversos
A sombra dos remorsos famulentos.

As mães sem coração rogavam pragas
Aos filhos bons. E eu, roído pelos medos,
Batia com o pentágono dos dedos
Sobre um fundo hipotético de chagas!

Diabólica dinâmica daninha
Oprimia meu cérebro indefeso
Com a força onerosíssima de um peso
Que eu não sabia mesmo de onde vinha.

Perfurava-me o peito a áspera pua
do desânimo negro que me prostra,
E quase a todos os momentos mostra
Minha caveira aos bêbedos da rua.

Hereditariedades polítípicas
Punham na minha boca putrescível
Interjeições de abracadabra horrível
E os verbos indignados das Filípicas.

Todos os vocativos dos blasfemos,
No horror daquela noite monstruosa,

Maldiziam, com voz estentorosa,
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ânsia de conforto
De cada ser, ex.: o homem e o ofídio,
Uma necessidade de suicídio
E um desejo incoercível de ser morto!

Naquela angústia absurda e tragicômica
Eu chorava, rolando sobre o lixo,
Com a contorção neurótica de um bicho
Que ingeriu 30 gramas de noz-vômica.

E, como um homem doido que se enforca,
Tentava, na terráquea superfície,
Consustanciar-me todo com a imundície,
Confundir-me com aquela coisa porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo instável
De, com o auxílio especial do osso masséter
Mastigando homeomérias neutras de éter
Nutrir-me da matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,
Menor que o anfióxus e inferior à tênia,
Reduzido à plastídula homogênea,
Sem diferenciação de espécie alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga)
Um velhíssimo instinto atávico, era
A saudade inconsciente da monera
Que havia sido minha mãe antiga.

Com o horror tradicional da raiva corsa
Minha vontade era, perante a cova,
Arrancar do meu próprio corpo a prova
Da persistência trágica da força.

A pragmática má de humanos usos
Não compreende que a Morte que não dorme
É a absorção do movimento enorme
Na dispersão dos átomos difusos.

Não me incomoda esse último abandono
Se a carne individual hoje apodrece
Amanhã, como Cristo, reaparece
Na universalidade do carbono!

A vida vem do éter que se condensa
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma
É a esfera microscópica do plasma
Fazer a luz do cérebro que pensa.

Eu voltarei, cansado, da árdua liça
À substância inorgânica primeva

De onde, por epigênese, veio Eva
E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa*.

Quando eu for misturar-me com as violetas
Minha lira, maior que a *Bíblia* e a *Fedra*
Reviverá, dando emoção à pedra
Na acústica de todos os planetas!

VI

À álgida agulha, agora, alva, a saraiva
Caindo, análoga era... Um cão agora
Punha a atra língua hidrófoba de fora
Em contrações miológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!

E ensangüentava os dedos da mão nívea
Com o sentimento gasto e a emoção pobre,
Nessa alegria bárbara que cobre
Os saracoteamentos da lascívia...

De certo, a perversão de que era presa
o *sensorium* daquela prostituta
Vinha da adaptação quase absoluta
À ambiência microbiana da baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o éreis,
Não tínheis ainda essa erupção cutânea,
Nem tínheis, vítima última da insânia,
Duas mamárias glândulas estéreis!

Ah! Certamente não havia ainda
Rompido, com violência, no horizonte,
O sol malvado que secou a fonte
De vossa castidade agora finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde,
Estendestes ao mundo, até que, à-toa,
Fostes vender a virginal coroa
Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! -- De vós o mundo é farto,
E hoje, que a sociedade vos enxota,
Somente as *bruxas* negras da derrota
Freqüentam diariamente vosso quarto!

prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes

Longe da mancebia dos alcouces,
Nas quietudes nirvânicas mais doces
O noivado que em vida não tivestes!

VII

Quase todos os lutos conjugados,
Como uma associação de monopólio,
Lançavam pinceladas pretas de óleo
Na arquitetura arcaica dos sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano
Parecia cavar ao longe um poço
Para enterrar minha ilusão de moço,
Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos,
Eu pensava nas coisas que perecem,
Desde as musculaturas que apodrecem
À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo
Da mosca debochada que fareja
O defunto, no chão frio da igreja,
E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto,
Sentia, na craniana caixa tosca,
A racionalidade dessa mosca,
A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, *argots* e aljâmias,
Como quem nada encontra que o perturbe,
A energúmena grei dos ébrios da urbe
Festejava seu sábado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas,
Rugindo fundamente nos neurônios,
Puxava aquele povo de demônios
Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas masca,
À falta idiossincrásica de escrúpulo,
Absorvia com gáudio absinto, lúpulo
E outras substâncias tóxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético,
Mas, de repente, com o ar de quem empesta,
Apareceu, escorraçando a festa,
A mandíbula inchada de um morfético!

Saliências polimórficas vermelhas,
Em cujo aspecto o olhar perspícuo prendo,
Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo
Tamanho aberratório das orelhas.

O fâcies do morfético assombrava!
-Aquilo era uma negra eucaristia,
Onde minh'alma inteira surpreendia
A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim inchado,
Já podre, que a morféia miserável
Tornava às impressões táteis, palpável,
Como se fosse um corpo organizado!

VIII

Em torno a mim, nesta hora, estriges voam,
E o cemitério, em que eu entrei adrede,
Dá-me a impressão de um *boulevard* que fede,
Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana coorte
Morre de fome, sobre a palha espessa,
Sem ter, como Ugolino, uma cabeça
Que possa mastigar na hora da morte;

E nua, após baixar ao caos budista,
Vem para aqui, nos braços de um canalha
porque o madapolão para a mortalha
Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que pensaram?!
E afundado nos sonhos mais nefastos,
Ao pegar num milhão de miolos gastos,
Todos os meus cabelos se arrepiaram.

Os evolucionistas benfeitores
Que por entre os cadáveres caminham,
iguais a irmãs de caridade, vinham
Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam
Com as articulações das mãos inermes,
Num prato de hospital, cheio de vermes,
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite
(Muito embora contra isto a alma se irrite)
A cevar o antropófago apetite,
Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza,
Na impaciência do estômago vazio,
Eu devorava aquele bolo frio
Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,
Vendo passar com as túnicas obscuras,
As escaveiradíssimas figuras
Das negras desonradas pelos brancos;

Pisando, como quem salta, entre fardos,
Nos corpos nus das moças hotentotes
Entregues, ao clarão de alguns archotes,
À sodomia indigna dos moscardos;

Eu maldizia o deus de mãos nefandas
Que, transgredindo a igualitária regra
Da Natureza, atira a raça negra
Ao contubérnio diário das quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca,
Eu mendigava aos vermes insubmissos
Como indenização dos meus serviços,
O benefício de uma cova fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora,
Como o íncola do pólo ártico, às vezes,
Absorve, após a noite de seis meses,
Os raios caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras caíam
Como propositais setas malvadas,
No frio matador das madrugadas,
Por sobre o coração dos que sofriam!

Do meu cérebro à absconsa tábuia rasa
Vinha a luz restituir o antigo crédito,
Proporcionando-me o prazer inédito,
De quem possui um sol dentro de casa.

Era a volúpia fúnebre que os ossos
Me inspiravam, trazendo-me ao sol claro,
À apreensão fisiológica do faro
O odor cadaveroso dos destroços!

IX

O inventário do que eu já tinha sido
Espantava. Restavam só de Augusto
A forma de um mamífero vetusto
E a cerebralidade de um vencido!

O gênio procriador da espécie eterna
Que me fizera, em vez de hiena ou lagarta,
Uma sobrevivência de Sidarta,
Dentro da filogênese moderna;

E arrancara milhares de existências
Do ovário ignóbil de uma fauna imunda,
Ia arrastando agora a alma infecunda
Na mais triste de todas as falências.

No céu calamitoso de vingança
Desagregava, déspota e sem normas,
O adesionismo biôntico das formas
Multiplicadas pela lei da herança!

A ruína vinha horrenda e deletéria
Do subsolo infeliz, vinha de dentro
Da matéria em fusão que ainda há no centro,
Para alcançar depois a periferia!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos
Tinham aspectos de edifícios mortos,
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se
Estava. O Espaço abstrato que não morre
Cansara... O ar que, em colônias fluídas, corre,
Parecia também desagregar-se!

O prodromos de um tétano medonho
Repuxavam-me o rosto... Hirto de espanto,
Eu sentia nascer-me n'alma, entanto,
O começo magnífico de um sonho!

Entre as formas decrépitas do povo,
Já batiam por cima dos estragos
A sensação e os movimentos vagos
Da célula inicial de um Cosmos novo!

O letargo larvário da cidade
Crescia. Igual a um parto, numa furna,
Vinha da original treva noturna,
o vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana,
Acompanhava, com um prazer secreto,
A gestação daquele grande feto,
Que vinha substituir a Espécie Humana!

As cismas do destino

I

Recife, Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo
Das estrelas luzia... O calçamento
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,
Copiava a polidez de um crânio alvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa

Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro,
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,
O trabalho genésico dos sexos,
Fazendo à noite os homens do Futuro.

Livres de microscópios e escalpelos,
Dançavam, parodiando saraus cínicos,
Bilhões de *centrossomas* apolínicos
Na câmara promíscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os globos oculares,
Apregoando e alardeando a cor nojenta,
Fetos magros, ainda na placenta,
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível
Dessa fatalidade igualitária,
Que fez minha família originária
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte
Zunia. E, na ígnea crosta do Cruzeiro,
Julgava eu ver o fúnebre candeeiro
Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,
O vento bravo me atirava flechas
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos
Enviava à terra extraordinária faca,
Posta em rija adesão de goma laca
Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes
Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco

Abafava-me o peito arqueado e porco
Num núcleo de substâncias abrasantes.

É bem possível que eu um dia cegue.
No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.
Não sei por que me vêm sempre à lembrança
O estômago esfaqueado de uma criança
E um pedaço de víscera escarlata.

Quisera qualquer coisa provisória
Que a minha cerebral caverna entrasse,
E até ao fim, cortasse e recortasse
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansioso e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela física precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do estrondo,
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda a parte,
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas
O microcosmos líquido da gota
Tinha a abundância de uma artéria rota,
Arrebatada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Veze que eu me furei com um canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,
Sob a forma de mínimas camândulas,

Benditas sejam todas essas glândulas,
Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do Cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,
Jamais exprimiria o acérrimo asco
Que os canalhas do mundo me provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão funérea
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acre fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas túbias tortas,
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,
Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes,
A companhia dos ladrões da noite,
Buscando uma taverna que os açoite,
Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos,
E o luar, da cor de um doente de icterícia,
Iluminava, a rir, sem pudicícia,
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,
Um sugestionador olho, ali posto
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram
Da miniatura singular de uma aspa,
À anatomia mínima da caspa,
Embriões de mundos que não progrediram!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,
E a palavra embrulhar-se na laringe,
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca,

Na atra dissolução que tudo inverte,
Deixar cair sobre a barriga inerte
O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocábulo completo
E uma expressão que não chegou à língua!

Surpreendo-a em quadrilhões de corpos vivos,
Nos antiperistálticos abalos
Que produzem nos bois e nos cavalos
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo
Caos de corpos orgânicos disformes
Rebentariam cérebros enormes,
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam,
A pedra dura, os montes argilosos
Criariam feixes de cordões nervosos
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge-as
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,
E o meu sonho crescia no silêncio,
Maior que as epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos
Ontogênicos mais elementares,
Desde os foraminíferos dos mares
À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia,
Cansados de viver na paz de Buda,
Pareciam pedir com a boca muda
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,
E as coisas inorgânicas mais nulas
Apregoavam encéfalos, medulas
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo
Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos sensórios
O triunfo emocional do regozijo.

E apesar de já não ser assim tão tarde,
Aquele humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava, aflita,
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso

Vi que, igual a um amniota subterrâneo,
jazia atravessada no meu crânio
A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do *microzima*
Me estrangulava o pensamento guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*,
Os bêbedos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterilizavam
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mãos dentro das goelas,
E sacudidos de um tremor indômito
Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória da concupiscência,
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os bastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,
por tua causa, embora o homem te aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...
Há o malvado carbúnculo que mata
A sociedade infante dos bezerras!

Quantas moças que o túmulo reclama!
E após a podridão de tantas moças,
Os porcos espojando-se nas poças
Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas,
Rolam sem eficácia os amuletos,
Oh! Senhora dos nossos esqueletos
E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,

Ao pensar nas pessoas que perdera,
A inconsciência das máscaras de cera
Que a gente prega, como um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal, e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrata do Universo,
Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,
Numa impressionadora voz interna,
o eco particular do meu Destino;

III

“Homem! por mais que a Idéia desintegres,
Nessas perquisições que não têm pausa,
Jamais, magro homem, saberás a causa
De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas
lugar do Cosmos, onde a dor infrene
É feita como é feito o querosene
Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora
Mister que, não como és, em síntese, antes
Fosses, a refletir teus semelhantes,
A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela
Compreende. E se, por vezes, se divide,
Mesmo ainda assim, seu todo não reside
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!
Das papilas nervosas que há nos tatos
Veio e vai desde os tempos mais transatos
Para outros tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias
Te estraga, quando toda a estuada Idéia
Dás ao sôfrego estudo da ninféia
E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a hórrida áscua
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;
A formação molecular da mirra,
o cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem
No homem civilizado, e a ele se prendem
Como às pulseiras que os mascates vendem
A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres
Produz; a rebelião que na batalha,
Deixa os homens deitados, sem mortalha,
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,
O achatamento ignóbil das cabeças,
Que ainda degrada os povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,
-- Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,
As aves moças que perderam a asa,
O fogão apagado de uma casa,
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta
Sinistramente pela via férrea,
A cristalização da massa térrea,
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos
Carrega e come; as negras formas feias
Dos aracnídeos e das centopéias,
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívoras que ofuscam,
Como uma pincelada rembrandtesca,
A sensação que uma coalhada fresca
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tífon e Osíris,
O homem grande oprimindo o homem pequeno
A lua falsa de um parasseleno,
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos,
Lembram paióis de pólvora explodindo,
A rotação dos fluidos produzindo
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma
Humano sofre da mania mística,
A pesada opressão característica
Dos dez minutos de um acesso de asma;

E, (conquanto contra isto ódios regougues)
A utilidade fúnebre da corda
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,
À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra
Forma a complicação desse barulho
Travado entre o dragão do humano orgulho
E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!
Ignoto é o gérmen dessa força ativa
Que engendra, em cada célula passiva,
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feito malsão, criado com os sucos
De um leite mau, carnívoro asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata a uberdade dos caminhos
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,
Análogo é ao que, negro e a seu turno,
Traz o ávido filóstomo noturno
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço -- esta abstração spencereana
Que abrange as relações de coexistência
E só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes
Que essa mão, de esqueléticas falanges,
Dentro dessa água que com a vista abranges,
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordea
Há de deixar-te essa medonha marca,
Que, nos corpos inchados de anasarca,
Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste
A misericordiosa toalha amiga,
Que afaga os homens doentes de bexiga
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranqüila,
Tu serás arrastado, na carreira,
Como um cepo inconsciente de madeira
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio
Seja, pois, o teu último Evangelho...
É a evolução do novo para o velho
E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo
A apodrecer!... És poeira e embalde vibras!
O corvo que comer as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor amargo!"

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos danados,
Eu puxava os cabelos desgrenhados
Como o Rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes,
No estentor de mil línguas insurretas,
O convencionalismo das Pandetas
E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada
Paria absurdos... Como diabos juntos,
perseguiam-me os olhos dos defuntos
Com a carne da esclerótica esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.
Igual aos sustentidos de uma endecha
Vinha-me às cordas glóticas a queixa
Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,
Para que, da psique no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem fruto.
A canção prostituta do ludíbrio.

A fome e a amor

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
Receando outras mandíbulas e esbangem,
Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríasis sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência vasta,
No desembestamento que os arrasta,
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos,
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem bronca do que inda hoje sois!

Depois da orgia

O prazer que na orgia a hetaíra goza
Produz no meu *sensorium* de bacante
O efeito de uma túnica brilhante
Cobrindo ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa,
O sistema nervoso de um gigante
Para sofrer na minha carne estuante
A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última alfaia
Que ao comércio dos homens me traz presa,
Livre deste cadeado de peçonha,

Semelhante a um cachorro de atalaia
Às decomposições da Natureza,
Ficar latindo minha dor medonha

Monólogo de uma sombra

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,

Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da *Senectus*
- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento do papyrus
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
- O metafisicismo de Abidarma -
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio tûmulo olha,
Amarguradamente se me antolha,
À luz do americano plenilúnio,
Na alma crepuscular de minha raça
Como uma vocação para a Desgraça
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem.
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem!

E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,
Sobre a esteira sarcófaga das pestes
A mostrar, já nos últimos momentos,
Como quem se submete a uma charqueada,
Ao clarão tropical da luz danada,
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!
Mas ele viverá, rotos os liames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,
Nas eterizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
-- Engrenagem de vísceras vulgares --
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares.

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo
Estragou o vibrátil plasma todo,
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...
Num suicídio graduado, consumir-se,
E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável dos micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomita exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...
Como que, em suas clélulas vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbadas o beijam.
Suas artérias hírcicas latejam,
Sentindo o odor das carnações abstêmias,
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,
No sombrio bazar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,
Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,
Como no babilônico *sansara*,
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congênita, bastarda,
Do seu zooplasma ofídico resulta...
E explode, igual à luz que o ar acomete,
Com a veemência mavórtica do aríete
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tênue trança
Dos filamentos fluídicos de um halo
A destra descarnada de um duende,
Que tateando nas tenebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,
E de su'alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epilépticos esforços,
Acorda, com os candeeiros apagados,
Numa coreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!
É a fauna cavernícola do crânio
- Macbeths da patológica vigília,
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,
As incestuosidades sangüinárias
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tácteis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna
E a consciência do sátiro se inferna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ânsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de *horroroso*,

Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um dardo se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,
Dentro da elipse ignívoma da lua
A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento
Pelas grandes razões do sentimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:
- O homicídio nas vielas mais escuras,
- O ferido que a hostil gleba abra escarva,
- O último solilóquio dos suicidas --
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,
Da luz da lua aos pálidos venábulos,
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caveiras sujas,
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo,
Na produção do sangue humano imenso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandíloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
até que minha efêmera cabeça,
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!

II trovatore

Canta da torre o trovador saudoso
- Addio, Eleonora! oh! sonhos meus!

E o canto se desprende harmonioso,
Na vibração final do extremo adeus.

Repercute dolente, mavioso,
Subindo pelo Azul da Inspiração;
Assim canta também meu coração,
Trovador torturado e angustioso.

Ai! não, não acordeis, lembranças minhas!
Saudade d'umas noutes em que vinhas
Cantar comigo um doce desafio!

Mas, pouco a pouco, os sons esmorecendo,
Perdem-se as notas pelo Azul morrendo,
- *Addio Eleonora, addio, addio!*

Quadras

Embala-me em teus braços,
De amores bons à sombra --
Quero em cheirosa alfombra
Pousar os sonhos lassos!

Teus seios, oh! morena
-Relíquias de Carrara -
Têm a ambrosia rara
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito,
E dá-me assim, divina,
De lírios e boninas
Um veludíneo leito.

Assim como Jesus,
Eu quero o meu Calvário
-Anelo morrer vário
Dos braços teus na Cruz!

Porque não me confortas?!
Bem sei, perdeste a ciência,
Morreu-te a redolência,
Alma das virgens mortas –

Mas não! Apaga os traços
De tão funesto aspecto...
Aperta-me em teu peito,
Embala-me em teus braços!

Súplica num túmulo

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um gemido,
E o lábio meu para sempre apartado do teu
Não há de beijar mais o teu lábio querido!
Ah! Quando tu morreste, o meu Sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!
-Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o Destino abatido e tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me responde...
Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!

Ideal

Quero-te assim, formosa entre as formosas,
No olhar d'amor a mística fulgência
E o misticismo cândido das rosas,
Plena de graça, santa de inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência,
Etéreo como as Willis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,
Virgens filhas das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores,
Colmado o seio de virentes flores,
A alma diluída em eterais cismares...

Quero-te assim -- e que bendita sejas
Como as aras sagradas das igrejas,
Como o Cristo sagrado dos altares.

Ode ao amor

Enches o peito de cada homem, medras
N'alma de cada virgem, e toda a alma
Enches de beijos de infinita calma...
E o aroma dos teus beijos infinitos
Entra na terra, bate nos granitos
E quebra as rochas e arrebenta as pedras!

És soberano! Sangras e torturas!
Ora, tangendo tiorbas em volatas,
Cantas a Vida que sangrando matas,
Ora, clavas brandindo em seva e insana
Fúria, lembras, Amor, a soberana
Imagem pétrea das montanhas duras.

Beijam-te o passo multidões escravas
Dos Desgraçados! - Estas multidões
Sonham pátrias doiradas de ilusões
Entre os tórculos negros da Desgraça
- Flores que tombam quando a neve passa

No turbilhão das avalanches bravas!

Tudo dominas! - Dos vergéis tranqüilos
Aos Capitólios, e dos Capitólios
Aos claros pulcros e brilhantes sólios
De esplendor pulcro e de fulgências claras,
Rendilhados de fulvas gemas raras
E pontilhados de crisoberilos.

Sobes ao monte onde o *edelweiss* pompeia
N'alma do que subiu àquele monte!
Mas, vezes, desces ao segredo insonte
Do mar profundo onde a sereia canta
E onde a Alcíone trêmula se espanta
Ouvindo a gusla crebra da sereia!

Rompe a manhã. Sinos além bimbam.
Troa o conúbio dos amores velhos
- As borboletas e os escaravelhos
Beijam-se no ar...Retroa o sino. E, quietos
Beijam-se além os silfos e os insetos
Sob a esteira dos campos que se orvalham.

E em tudo estruge a tua dúlia - dúlia
Que na fibra mais forte e até na fibra
Mais tênue, chora e se lamenta e vibra...
E em cada peito onde um Ocaso chora
Levanta a cruz da redenção da Aurora
Como a Judite a redimir Betúlia!

Bem haja, pois, esse poder terrível,
- Essa dominação aterradora
- Enorme força regeneradora
Que faz dos homens um leão que dorme
E do Amor faz uma potência enorme
Que vela sobre os homens, impassível!

Esta de amor onde queixosa, Irene,
Quedo, sonhei-a, aos astros, ontem, quando
Entre estrias de estrelas, fosforeando,
Egrégia estavas no teu plaustro egrégio
Mais bela do que a Virgem de Correggio
E os quadros divinais de Guido Reni!

Qual um crente em asiático pagode,
Entre timbales e anafis estrídulos,
Cativo, beija os áureos pés dos ídolos,
Assim, Irene, eis-me de ti cativo!
Cativaste-me, Irene, e eis o motivo,
Eis o motivo porque fiz esta ode.

Gozo insatisfeito

Entre o gozo que aspiro, e o sofrimento
De minha mocidade, experimento

O mais profundo e abalador atrito...
Queimam-me o peito cáusticos de fogo
Esta ânsia de absoluto desafogo
Abrange todo o círculo infinito.

Na insaciedade desse gozo falho
Busco no desespero do trabalho,
Sem um domingo ao menos de repouso,
Fazer parar a máquina do instinto,
Mas, quanto mais me desespero, sinto
A insaciabilidade desse gozo!

Canto de agonia

Agonia de amor, agonia bendita!
- Misto de infinita mágoa e de crença infinita.
Nos desertos da Vida uma estrela fulgura
E o Viajeiro do Amor, vendo-a, triste, murmura:
- Que eu nunca chore assim! Que eu nunca chore como

Chorei, ontem, a sós, num volutuoso assomo,
Numa prece de amor, numa felícia infinda,
Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda
Entre saudades rezo, e entre sorrisos e entre
Mágoas soluço, até que esta dor se concentre
No âmago de meu peito e de minha saudade.
Amor, escuridão e eterna claridade...
-Calor que hoje me alenta e há de matar-me em breve,

Frio que me assassina, amor e frio, neve,
Neve que me embala como um berço divino,
Neve da minha dor, neve do meu destino!
E eu aqui a chorar nesta noite tão fria!
Agonia, agonia, agonia, agonia!
- Diz e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo
O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo
Uma sombra que passa, uma nuvem que corre,
Caminha e vai, o louco, abraça a sombra e... morre!
E a alma se lhe dilui na amplidão infinita...
Agonia de amar, agonia bendita!

Versos de amor

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão trega!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo

Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,
Como Marsias - o inventor da flauta -
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!

Idealizações

I

Em vão flameja, rubro, ígneo, sangrento
O sol, e, fulvos, aos astrais desígnios,
Raios flamejam e fuzilam ígneos,
Nas chispas fulvas de um vulcão violento!

É tudo em vão! Atrás da luz dourada,
Negras, pompeiam (triste maldição!)
- Asas de corvo pelo coração...
-Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o Sol! A Treva, a Sombra - eis tudo!
E no meu peito - condenada treva -
A sombra desce, e o meu pesar se eleva
E chora e sangra, mudo, mudo, mudo...

E há no meu peito -ocaso nunca visto,
Martirizado porque nunca dorme
As Sete Chagas dum martírio enorme,
E os Sete Passos que magoaram Cristo!

II

Agora dorme o astro de sangue e de ouro
Como um sultão cansado! As nuvens como
Odaliscas, da Noite ao negro assomo
Beijam-lhe o corpo ensangüentado d'ouro.

Legiões de névoas mortas e finadas
Como fragmentações d'ouro e basalto
Lembram guirlandas pompeando no Alto
Eterizadas, volatilizadas.

E a Noite emerge, santa e vitoriosa
Dente um *velarium* de veludos. Atros,
Descem os nimbos... No ar há malabatos
Turiferando a negridão tediosa.

Além, dourando as névoas dos espaços,
Na majestade dum condor bendito,
Subindo à majestade do Infinito,
A Via-Láctea vai abrindo os braços!

Áureas estrelas, alvas, luminosas,
Trazem no peito o branco das manhãs
E dormem brancas como leviatãs
Sobre o oceano astral das nebulosas.

Eu amo a noite que este Sol arranca!
Namoro estrelas... Sírius me deslumbra,
Vésper me encanta, e eu beijo na penumbra
A imagem lirial da Noite Branca.

III

De novo, a Aurora, entre esplendores, há-de
Alva, se erguer, como tombou outrora,
E como a Aurora - o Sol - hóstia da Aurora,
Abençoada pela Eternidade!

E ei-lo de novo, ontem moribundo,
Hoje de novo, curvo ao seu destino,
Fantástico, ciclópico, assassino
Ébrio de fogo, dominando o mundo!

Mas de que serve o Sol, se triste em cada
Raio que tomba no marnel da terra,
Mais em meu peito uma ilusão se enterra,
Mais em minh'alma um desespero brada?!

De que serve, se, à luz áurea que dele
Emana e estua e se refrange e ferve,
A Mágoa ferve e estua, de que serve
Se é desespero e maldição todo ele?!

Pois, de que serve, se aclarando os cerros
E engalanando os arvoredos gaios,

A alma se abate, como se esses raios
N' alma caindo, se tornassem ferros?!

IV

Poeta, em vão na luz do sol te inflamas,
E nessa luz queimas-te em vão! És todo
Pó, e hás de ser após as chamas, lodo,
Como Herculano foi após as chamas.

Ah! Como tu, em lodo tudo acaba,
O leão, o tigre, o mastodonte, a lesma,
Tudo por fim há de acabar na mesma
Tênebra que hoje sobre ti desaba.

Ninguém se exime dessa lei imensa
Que, em plena e fulva reverberação,
Arrasta as almas pela Escuridão,
E arrasta os corações pela Descrença.

Ergue, pois poeta, um pedestal de tanta
Treva e dor tanta, e num supremo e insano
E extraordinário e grande e sobre-humano
Esforço, sobre ao pedestal, e... canta!

Canta a Descrença que passou cortando
As tuas ilusões pelas raízes,
E em vez de chagas e de cicatrizes
Deixar, foi valas funerárias deixando.

E foi deixando essas funéreas, frias,
Medonhas valas, onde, como abutres
Medonhos, de ossos, de ilusões te nutres,
Vives de cinzas e de ruínas!

V

Agora é noite! E na estelar coorte,
Como recordação da festa diurna,
Geme a pungente orquestração noturna
E chora a fanfarrinha triunfal da Morte.

Então, a Lua que no céu se espalha,
Iluminando as serranias, banha
As serranias dum luz estranha,
Alva como um pedaço de mortalha!

Nessa música que a alma me ilumina
Tento esquecer as minhas próprias dores,
Canto, e minh'alma cobre-se de flores
- Fera rendida à música divina.

Harpas concertam! Brandas melodias
Plangem... Silêncio! Mas de novo as harpas
Reboam pelo mar, pelas escarpas,
Pelos rochedos, pelas penedias...

Eu amo a Noite que este Sol arranca!
Namoro estrelas... Sírius me deslumbra,
Vésper me encanta, e eu beijo na penumbra
A imagem líria da Noite Branca!

Queixas noturnas

Quem foi que viu a minha Dor chorando?!
Saio. Minh'alma sai agoniada.
Andam monstros sombrios pela estrada
E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida
As insígnias medonhas do infeliz
Como os falsos mendigos de Paris
Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem
O próprio Pedro Américo não pinta...
Para pintá-lo, era preciso a tinta
Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabuz,
Na ânsia incoercível de roubar a luz,
Estou à espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude
E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancado das prisões carnavais,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante
E dentro do meu peito, no combate,
A Eternidade esmagadora bate
Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal grandeza
Na mais terrível desesperação
É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião
Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca
Inda mesmo que os músculos se esforcem;
Os pobres braços do mortal se torcem
E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.

E muitas vezes a agonia é tanta
Que, rolando dos últimos degraus,

O Hércules treme e vai tombar no caos
De onde seu corpo nunca mais levanta!

É natural que esse Hércules se estorça,
E tombe para sempre nessas lutas,
Estrangulado pelas rodas brutas
Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros
Há de travar-se essa batalha vã
Do dia de hoje contra o de amanhã,
Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me
É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;
Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;
O coração do Poeta é um hospital
Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto;
A bênção matutina que recebo...
E é tudo; o pão que como, a água que bebo,
O velho tamarindo a que me encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia
Na atra e assombrosa solidão feroz
Onde não cheguem o eco duma voz
E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana
Não mais palpíte o coração - esta arca,
Este relógio trágico que marca
Todos os atos da tragédia humana! -

Seja esta minha queixa derradeira
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;
Seja este, enfim, o último canto meu
Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me tua asa!
És a árvore em que devo reclinar-me...
Se algum dia o Prazer vier procurar-me
Dize a este monstro que fugi de casa!

O poeta do hediondo

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência
A ultra-inquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!

Idealização da humanidade futura

Rugia nos meus centros cerebrais
A multidão dos séculos futuros
- Homens que a herança de ímpetos impuros
Tornara etnicamente irracionais! –

Não sei que livro, em letras garrafais,
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários
Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,
Somente achei moléculas de lama
E a mosca alegre da putrefação!

ANEXO B– OUTROS POEMAS CITADOS

ANOITECER

Raimundo Correia

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
por céus de oiro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia.

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula...Anoitece.

A MÁQUINA DO MUNDO

Carlos Drummond de Andrade

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,
a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,

e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexos primeiro e singular
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste...vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo”.

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,

dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.

Mas, como se eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima – esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um Dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

